

VIRGINIA WOOLF

Mrs. Dalloway



L&PMPOCKET

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

VIRGINIA WOOLF

Mrs. Dalloway



L&PMPOCKET

VIRGINIA WOOLF

MRS. DALLOWAY

Tradução de DENISE BOTTMANN

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Uma introdução a Mrs. Dalloway

Virginia Woolf

É DIFÍCIL – TALVEZ IMPOSSÍVEL – a um escritor dizer qualquer coisa sobre sua obra. Tudo o que ele tem a dizer, já disse da maneira mais completa, da melhor maneira que lhe é possível, no corpo do próprio livro. Se não conseguiu deixar claro o que pretendia dizer, é pouco provável que consiga num prefácio ou num posfácio de algumas páginas. E a mente do autor tem outra característica que também é avessa a introduções. É inóspita para sua cria como uma pardoca com seus filhotes. Depois que as avezinhas aprendem a voar, têm de voar; quando saem do ninho, a mãe começa talvez a pensar em outra prole. Da mesma forma, depois de impresso e publicado, um livro deixa de ser propriedade do autor; este o confia ao cuidado dos outros; toda a sua atenção é demandada por algum novo livro, que não só expulsa o predecessor do ninho, como também costuma denegrir sutilmente o caráter do outro em comparação ao dele mesmo.

É verdade que o autor, se quiser, pode nos contar alguma coisa de si e de sua vida que não está no romance; e é algo que devemos incentivar. Pois não existe nada mais fascinante do que se enxergar a verdade por trás daquelas imensas fachadas de ficção – isso se a vida for de fato verdadeira e se a ficção for de fato fictícia. E provavelmente a ligação entre ambas é de extrema complexidade. Livros são flores ou frutas pendentes aqui e ali numa árvore com raízes profundas na terra de nossos primeiros anos, de nossas primeiras experiências. Mas, aqui também, para contar ao leitor alguma coisa que sua imaginação e percepção ainda não descobriu, seria necessário não um prefácio de uma ou duas páginas, e sim uma autobiografia em um ou dois volumes. Devagar, com cuidado, o autor se lançaria ao trabalho, desenterrando, desnudando, e, mesmo depois de trazer tudo à superfície, ainda caberia ao leitor decidir o que importaria e o que não importaria. Assim, quanto a Mrs. Dalloway, a única coisa possível no momento é trazer à luz alguns pequenos fragmentos, de pouca ou talvez nenhuma importância: por exemplo, que Septimus, que depois se torna o duplo dela, não existia na primeira versão; e que Mrs. Dalloway, originalmente, ia se matar ou talvez apenas morrer no final da festa. Esses fragmentos são humildemente oferecidos ao leitor, na esperança de que, como outras miudezas, possam ser úteis.

Mas, se temos demasiado respeito pelo leitor puro e simples para lhe apontar o que deixou passar ou lhe sugerir o que deve procurar, podemos falar de modo mais explícito ao leitor que despiu sua inocência e se tornou crítico. Pois, ainda que se deva aceitar em silêncio a crítica, seja positiva ou negativa, como o legítimo comentário a que convida o ato da publicação, de vez em quando aparece alguma afirmação que não se refere aos méritos ou deméritos do livro e que o escritor sabe que é equivocada. É uma afirmação dessas que se tem feito sobre Mrs. Dalloway com frequência suficiente para merecer talvez uma objeção. Disseram que o livro era fruto deliberado de um método. Disseram que a autora, insatisfeita com a forma de ficção em voga na época, decidira pedir, tomar emprestado, roubar ou mesmo criar outra forma própria. Mas, até onde é possível ser honesto sobre o misterioso processo mental, os fatos são outros. Insatisfeita, a escritora podia estar; mas sua insatisfação se dirigia basicamente à natureza, por dar

uma ideia sem lhe prover uma casa onde pudesse morar. Os romancistas da geração anterior não ajudaram muito – aliás, por que haveriam de ajudar? Evidentemente, a morada era o romance, mas ele parecia construído sobre o projeto errado. A essa ressalva, a ideia começou, como começa a ostra ou o caracol, a secretar uma casa própria. E assim procedeu sem nenhum rumo consciente. O caderninho que abrigava uma tentativa de montar um projeto logo foi abandonado e o livro cresceu dia a dia, semana a semana, sem projeto nenhum, exceto o que era determinado a cada manhã na atividade de escrever. Desnecessário dizer que a outra maneira – construir uma casa e depois morar nela, desenvolver uma teoria e então aplicá-la, como fizeram Wordsworth e Coleridge – é igualmente boa e muito mais filosófica. Mas, no presente caso, foi necessário antes escrever o livro e depois inventar uma teoria.

Se, porém, assinalo este ponto específico dos métodos do livro para discussão, é pela razão citada: porque se tornou tema de comentário entre os críticos, e não porque mereça atenção em si. Pelo contrário, quanto mais bem-sucedido o método, menos atenção ele atrai. O que se espera é que o leitor não dedique nenhum pensamento ao método ou à falta de método do livro. O que lhe diz respeito é apenas o efeito do livro como um todo em sua mente. Desta questão, a mais importante de todas, ele é um juiz muito melhor do que o escritor. Na verdade, tendo tempo e liberdade para moldar sua própria opinião, ao fim e ao cabo ele é um juiz infalível. É a ele, então, que a escritora entrega Mrs. Dalloway e sai do tribunal confiante de que o veredito, seja a morte imediata ou alguns anos mais de vida e liberdade, em qualquer dos casos será justo.

Londres, junho de 1928

Mrs. Dalloway

MRS. DALLOWAY disse que ela mesma iria comprar as flores.

Pois Lucy estava com todo o serviço programado. Iam retirar as portas dos gonzos; os homens da Rumpelmayer's estavam para chegar. Além disso, pensou Clarissa Dalloway, que manhã – fresca como de encomenda para crianças na praia.

Que divertimento! Que mergulho! Pois tinha sido esta a impressão quando, com um leve ranger dos gonzos, que podia ouvir agora, havia escancarado as portas francesas e mergulhado no ar livre em Bourton. Que fresco, que calmo, mais tranquilo do que este, claro, era o ar de manhã cedo; como o tapa de uma onda; o beijo de uma onda; frio e cortante e mesmo assim (para uma mocinha de dezoito anos, como era na época) solene, sentindo, como sentiu ali de pé à porta aberta, que algo prodigioso estava para acontecer; olhando as flores, as árvores com a névoa se dissipando e as gralhas subindo e descendo; de pé, olhando, até que Peter Walsh falou: “Cismando entre as plantas?” – foi isso? – “Prefiro gente a couves-flores” – foi isso? Deve ter falado durante o jejum num dia em que ela saiu à varanda – Peter Walsh. Estava para voltar da Índia num dia desses, em junho ou julho, não lembrava bem, pois as cartas dele eram prodigiosamente insípidas; eram seus ditos que a pessoa lembrava; os olhos, o canivete, o sorriso, o jeito irritadiço e, quando milhões de coisas tinham desaparecido totalmente – que estranho! –, alguns ditos como aquele das couves.

Ela se retesou um pouco no meio-fio, esperando o furgão da Durntall passar. Uma mulher encantadora, pensou Scrope Purvis (conhecendo-a como as pessoas conhecem seus vizinhos de porta em Westminster); um toque de pássaro nela, de gaio, azul-esverdeado, leve, vivaz, embora estivesse com mais de cinquenta anos, e muito pálida desde a doença. Ficou ali pousada, sem o ver, esperando para atravessar, muito apurada.

Pois, morando em Westminster – quantos anos agora? mais de vinte –, a pessoa sente mesmo em pleno trânsito, ou acordando à noite, Clarissa tinha a maior convicção, uma solenidade ou silêncio especial; uma pausa indescritível; uma ansiedade (mas podia ser o coração dela, afetado, disseram, pela gripe) antes de soar o Big Ben. Pronto! Bateu. Primeiro um aviso, musical; então a hora, irrevogável. Os círculos de chumbo se dissolveram no ar. Como somos tolos, pensou atravessando a Victoria Street. Pois só os céus sabem por que a gente tem tanto amor por ela, cuida tanto dela, trata com jeito, constrói, desmonta, recria toda ela a cada instante em nossa volta; e as mulheres mais desmazeladas, mais abatidas pela desgraça, sentadas nos degraus das portas (sua ruína a bebida) fazem a mesma coisa; não há, sentiu com a maior convicção, como tratá-las por decreto parlamentar por causa daquela mesmíssima razão: elas amam a vida. No olhar das pessoas, no andar ondulante, no passo firme ou arrastado; na gritaria e tumulto; nas carroças, automóveis, ônibus, furgões, homens-cartaz gingando e arrastando os pés; nas bandas e realejos; na marcha, no refrão e na estranha cantoria aguda de algum avião lá em cima estava o que ela amava: a vida, Londres, este momento de junho.

Pois eram os meados de junho. A guerra tinha acabado, exceto para aqueles como Mrs. Foxcroft na embaixada na noite anterior consumindo-se porque aquele bom garoto foi morto e agora o velho solar terá de passar para um primo; ou Lady Bexborough que inaugurou um bazar beneficente, dizem, com o telegrama na mão, John, seu favorito,

morto; mas tinha acabado; graças aos céus – tinha acabado. Era junho. O rei e a rainha estavam no palácio. E por toda parte, embora fosse ainda tão cedo, havia uma vibração, um bulício de cavalos a galope, de tacadas de críquete; Lord's, Ascot, Ranelagh e todos os demais; envoltos na malha macia do ar matinal cinza-azulado, que, conforme o dia avançasse, iria se desprender e traria a seus gramados e campos de críquete os cavalos vigorosos, cujas patas dianteiras mal tocavam o solo e já saltavam, os rapazes animados e as moças risonhas em suas musselinas transparentes que, mesmo agora, depois de dançar a noite toda, estavam levando seus absurdos cães felpudos para um passeio; e mesmo agora, a esta hora, velhas viúvas discretas dirigiam seus carros a toda velocidade em missões misteriosas; e os comerciantes ajeitavam nas vitrines seus diamantes e pedras de fantasia, seus adoráveis broches verde-mar antigos em engastes do século XVIII para atrair americanos (mas é preciso economizar, não comprar coisas de impulso para Elizabeth), e ela também, amando aquilo como amava com uma paixão absurda e fiel, fazendo parte daquilo, pois sua família tinha pertencido à corte na época dos Georges, ela também naquela mesma noite ia brilhar e refulgir; ia dar sua festa. Mas que estranho, entrando no parque, o silêncio; a neblina; o zumbido; os patos felizes nadando devagar; os pelicanos bamboleando; e quem seria aquele que se aproximava deixando às costas os edifícios do governo, muito decoroso, portando uma pasta de documentos com o brasão real impresso, quem senão Hugh Whitbread, seu velho amigo Hugh – o admirável Hugh!

– Bom dia para você, Clarissa! – disse Hugh bastante exuberante, pois se conheciam desde crianças. – Aonde você está indo?

– Adoro passear em Londres – disse Mrs. Dalloway. – Realmente melhor do que passear no campo.

Eles tinham acabado de chegar – infelizmente – para ver os médicos. Outros vinham para ver quadros; para ir ao teatro; para sair com as filhas; os Whitbread vinham para “ver os médicos”. Vezes sem conta Clarissa tinha visitado Evelyn Whitbread numa casa de saúde. Evelyn estava doente de novo? Evelyn andava muito indisposta, disse Hugh, sugerindo com uma espécie de dilatação ou inflamento do peito muito bem revestido, másculo, extremamente elegante, perfeitamente estofado (ele andava sempre muito bem-vestido, quase até demais, mas provavelmente precisava andar assim, com seu pequeno emprego na corte), que sua mulher estava com algum problema interno, nada de sério, o que Clarissa Dalloway, como velha amiga, entenderia plenamente sem precisar entrar em detalhes. Ah sim, disse, que pena; e se sentiu muito solidária e ao mesmo tempo estranhamente cônica de seu chapéu. Não era o chapéu certo para usar de manhã cedo, era? Pois com Hugh ela sempre se sentia, enquanto ele se despedia levantando o chapéu com certo exagero e assegurando-lhe que ela parecia uma mocinha de dezoito anos, e claro que iria à sua festa hoje à noite, Evelyn fazia questão absoluta, só que talvez se atrasasse um pouco por causa da festa no palácio à qual tinha de levar um dos garotos de Jim – ao lado de Hugh ela sempre se sentia um pouco inadequada; uma menina de escola; mas afeiçoada a ele, em parte porque o conhecia desde sempre, mas também achava que era uma boa pessoa à sua maneira, embora Richard ficasse quase louco de exasperação com ele, e, quanto a Peter Walsh, nunca a perdoara até hoje por gostar dele.

Ela podia lembrar cena após cena em Bourton – Peter furioso; Hugh não à sua altura, claro, de maneira nenhuma, mas não um imbecil rematado como Peter achava; não um mero janota. Quando sua velha mãe queria que ele interrompesse uma caçada ou a levasse a Bath, ele ia, sem uma palavra; era realmente desprendido, e dizer, como dizia Peter, que ele não tinha coração, nem cérebro, nem nada além das maneiras e da educação de um cavalheiro inglês, era apenas seu querido Peter num de seus acessos; e ele podia ser insuportável; podia ser impossível; mas uma companhia adorável para

passar numa manhã como esta.

(Junho tinha feito brotarem todas as folhas das árvores. As mães de Pimlico amamentavam os filhos. Mensagens trafegavam da Armada ao Almirantado. Arlington Street e Piccadilly pareciam esquentar o próprio ar do parque e erguer suas folhas com calor, com brilho, em ondas daquela divina vitalidade que Clarissa amava. Dançar, andar a cavalo, tinha adorado tudo aquilo.)

Pois podiam ficar separados durante séculos, ela e Peter; ela nunca escreveu uma única carta e as dele não tinham a menor graça; mas de repente lhe ocorria, se ele estivesse comigo agora, o que diria? – alguns dias, algumas cenas trazendo-o de volta calmamente, sem a velha amargura; o que talvez fosse a recompensa por ter gostado de alguém; voltavam no meio do St. James's Park numa bela manhã – realmente voltavam. Mas Peter – por mais lindo que fosse o dia, e lindas as árvores, a grama, a menina de cor-de-rosa – Peter nunca via nada daquilo. Poria os óculos, se ela dissesse; e olharia. O que o interessava era a situação do mundo; Wagner, a poesia de Pope, o caráter das pessoas, sempre, e os defeitos da alma dela. Como ele caçoava dela! Como discutiam! Iria se casar com um primeiro-ministro e se postaria no alto de uma escadaria; a perfeita dama de sociedade, foi como ele falou (ela tinha chorado no quarto por causa disso), tinha as qualidades da perfeita dama de sociedade, disse ele.

Assim ela ainda se pegava discutindo no St. James's Park, ainda concluindo que tinha feito bem – e mais do que bem – em não se casar com ele. Pois no casamento precisa existir uma pequena liberdade, uma pequena independência entre as pessoas que vivem juntas na mesma casa dia após dia; coisa que Richard lhe dava, e ela a ele. (Onde estava ele agora, por exemplo? Em algum comitê, ela nunca perguntava qual.) Mas com Peter tudo tinha de ser dividido; tudo partilhado. E era intolerável, e, quando houve aquela cena no jardinzinho junto à fonte, ela teve de romper com ele ou sairiam destruídos, ambos arrasados, tinha certeza; embora durante anos tivesse carregado dentro de si como uma flecha cravada no coração a dor, a angústia; e então o horror do instante quando alguém lhe contou durante um concerto que ele tinha se casado com uma mulher que conhecera no navio indo para a Índia! Ela nunca esqueceria nada daquilo! Fria, desalmada, uma puritana, disse-lhe ele. Nunca conseguiria entender o quanto ele gostava dela. Mas aquelas indianas decerto entendiam – umas patetas tolas, bonitinhas, frívolas. E ela estava se compadecendo à toa. Pois estava muito feliz, garantiu-lhe ele – plenamente feliz, embora nunca tivesse feito nada de destaque; sua vida inteira tivesse sido um fracasso. Isso ainda despertava raiva nela.

Tinha chegado aos portões do parque. Ficou ali um momento, olhando os ônibus em Piccadilly.

Agora ela nãoalaria de ninguém no mundo, não diria que era isso ou aquilo. Sentia-se muito jovem; ao mesmo tempo indizivelmente velha. Penetrava em tudo como uma faca; ao mesmo tempo estava de fora, observando. Tinha uma sensação constante, enquanto olhava os táxis, de estar fora, longe, muito longe no mar e sozinha; sempre tinha a sensação de que era perigoso, perigosíssimo viver mesmo que fosse um único dia. Não que se achasse inteligente ou muito especial. Como conseguira atravessar a vida com os fiapos de instrução que Fräulein Daniels lhes dera, não fazia ideia. Não sabia nada; nem línguas, nem história; agora raramente lia algum livro, exceto memórias na cama; e mesmo assim para ela era absolutamente absorvente; tudo isso, os táxis passando; e não diria de Peter, não diria de si mesma, sou isso, sou aquilo.

Seu único dom era conhecer as pessoas quase por instinto, pensou voltando a andar. Se a punham numa sala com alguém, arqueava o dorso como um gato; ou ronronava. Devonshire House, Bath House, a casa com a cacatua de porcelana, outrora tinha visto todas elas acesas; e lembrava Sylvia, Fred, Sally Seton – tanta gente, e dançando a noite toda; e os carroções seguindo pesados para o mercado; e voltando de

carro para casa pelo parque. Lembrava que uma vez tinha atirado uma moeda no lago Serpentine. Mas lembrar todos lembravam; o que ela amava era isso, aqui, agora, à sua frente; a senhora gorda dentro do táxi. Então que importância tinha, perguntou a si mesma, seguindo para a Bond Street, que importância tinha se inevitavelmente deixaria de existir; se tudo isso iria continuar sem ela; ressentia-se com aquilo, ou não seria um consolo crer que a morte era o fim absoluto? mas que de alguma maneira, nas ruas de Londres, no fluxo e refluxo das coisas, aqui, ali, ela sobrevivia, Peter sobrevivia, viviam um no outro, ela fazendo parte, não tinha dúvida nenhuma, das árvores de casa; da casa de lá, feia, toda esparramada como era; fazendo parte de pessoas que nunca conheceu; estendida como uma névoa entre as pessoas que mais conhecia, que a erguiam em seus galhos como vira as árvores erguerem a névoa, mas que se espalhava sempre mais e mais, sua vida, ela mesma. Mas com o que estava sonhando enquanto olhava pela vitrine da Hatchards'? O que estava tentando recuperar? Que imagem de uma branca aurora no campo, enquanto lia no livro com as páginas abertas:

Não temas mais o calor do sol
Nem as iras do inverno furioso.

Essa época recente da experiência do mundo tinha criado em todos eles, homens e mulheres, um poço de lágrimas. Lágrimas e dores; coragem e resistência; uma conduta perfeitamente correta e estoica. Pense-se, por exemplo, na mulher que ela mais admirava, Lady Bexborough, inaugurando o bazar.

Ali havia Passeios e diversões de Jorrockes; havia Esponja ensaboada, as Memórias de Mrs. Asquith e Safáris na Nigéria, todos com as páginas abertas. Eram sempre tantos livros; mas nenhum que parecesse plenamente adequado para levar a Evelyn Whitbread em sua casa de saúde. Nada que servisse para entretê-la e fazer com que aquela mulherzinha indescritivelmente mirrada parecesse cordial, ao entrar Clarissa, pelo menos por um instante; antes que começassem a usual conversa interminável sobre as indisposições femininas. Como desejava isso – que as pessoas parecessem contentes quando ela entrava, Clarissa pensou, e se virou e retomou a direção da Bond Street, aborrecida, porque era uma tolice ter segundas intenções para fazer as coisas. Muito melhor se fosse uma daquelas pessoas como Richard que faziam as coisas pelas próprias coisas, enquanto ela, pensou esperando para atravessar, metade do tempo fazia as coisas não pura e simplesmente, não por elas mesmas, mas para que as pessoas pensassem isso ou aquilo; idiotice total sabia ela (e então o guarda de trânsito ergueu a mão) pois nunca ninguém notava nem por um instante. Oh se ela pudesse ter sua vida de volta! pensou parando na calçada, pudesse ter até outra aparência!

Seria, em primeiro lugar, morena como Lady Bexborough, com uma pele de pergaminho enrugado e belos olhos. Seria, como Lady Bexborough, lenta e majestosa; mais para robusta; interessada em política como um homem; com uma casa de campo; muito digna, muito sincera. Em vez disso, parecia um varapau; tinha um rosto miúdo ridículo, bicudo como de um pássaro. Bom porte tinha, isso era verdade; e mãos e pés bonitos; e se vestia bem, considerando-se que gastava pouco. Mas agora esse corpo que ela portava (parou para olhar uma pintura holandesa), esse corpo, com todas as suas qualidades, muitas vezes parecia nada – absolutamente nada. Tinha a sensação estranhíssima de ser invisível, de não ser vista; ignorada; agora não existindo mais casamento, não existindo mais filhos, mas apenas esse avanço surpreendente e bastante solene com os outros, subindo a Bond Street, sendo Mrs. Dalloway; nem sequer mais Clarissa; sendo Mrs. Richard Dalloway.

Bond Street a fascinava; Bond Street de manhã cedo na estação da temporada; suas bandeiras esvoaçando; suas lojas; sem estardalhaço; sem espalhafato; só uma peça de

twoed na loja onde o pai dela comprara seus ternos por cinquenta anos; algumas pérolas; salmão numa barra de gelo.

“É só isso”, disse ela, olhando a peixaria. “É só isso”, repetiu, parando um momento diante da vitrine de uma loja de luvas onde, antes da guerra, podiam-se comprar luvas quase perfeitas. E seu velho tio William costumava dizer que uma dama se conhece pelos sapatos e pelas luvas. Ele se virou na cama uma manhã, no meio da guerra. Disse: “Já chega”. Luvas e sapatos; ela tinha paixão por luvas; mas sua filha, sua Elizabeth, não se importava minimamente com luvas ou sapatos.

Minimamente, pensou, continuando a subir a Bond Street até uma loja que lhe reservava flores quando dava uma festa. Na verdade Elizabeth só se importava mesmo com seu cachorro. A casa inteira esta manhã cheirava a alcatrão. Mesmo assim, melhor o pobre Grizzle do que Miss Kilman; melhor cinomose, alcatrão, tudo aquilo do que ficar enfiada num quarto abafado com um livro de orações! Melhor qualquer outra coisa, estava propensa a dizer. Mas podia ser apenas uma fase, como dizia Richard, que todas as mocinhas atravessam. Podia estar se apaixonando. Mas por que pela Miss Kilman? a qual tinha sofrido muito, claro; era preciso dar os descontos por causa disso, e Richard dizia que ela era muito capaz, tinha uma inteligência realmente histórica. De qualquer forma as duas eram inseparáveis, e Elizabeth, sua própria filha, ia à comunhão; e como se vestia, como tratava as pessoas que vinham almoçar, não se importava nem um pouco, sabendo por experiência que o êxtase religioso endurecia as pessoas (as causas também endureciam); embotava os sentimentos delas, pois Miss Kilman faria qualquer coisa pelos russos, morreria de fome pelos austríacos, mas em privado infligia uma autêntica tortura, de tão insensível que era, usando uma gabardine verde. Ano após ano ela usava aquela gabardine; transpirava; nunca ficava na sala cinco minutos sem fazer você sentir a superioridade dela e a inferioridade sua; como ela era pobre, como você era rica, como ela morava num cortiço sem travesseiro, cama, tapete ou o que fosse, toda a alma corroída por aquela mágoa incrustada nela, a demissão da escola durante a guerra – pobre criatura infeliz e amargurada! Pois não era ela que se odiava, mas a ideia dela, que sem dúvida tinha reunido em si muita coisa que não era Miss Kilman; tinha se tornado um daqueles espectros que combatemos à noite; um daqueles espectros que montam em nossas costas e nos sugam metade do sangue, dominadores e tirânicos; pois sem dúvida num outro lance dos dados, se tivesse saído o preto e não o branco, ela teria amado Miss Kilman! Mas não neste mundo. Não.

Irritava-a, porém, ter esse monstro brutal girando a seu redor! ouvir gravetos se quebrando e sentir cascos encravados nas profundezas daquela floresta atravancada de folhas, a alma; nunca estar contente plenamente, ou plenamente segura, pois a qualquer instante o bruto se agitaria, esse ódio, o qual, sobretudo desde a doença, tinha o poder de fazê-la se sentir esmagada, ferida na espinha dorsal; causava-lhe dor física, e todo o prazer na beleza, na amizade, em se sentir bem, em ser amada e fazer da casa um refúgio aprazível se abalava, estremecia e se vergava como se houvesse mesmo um monstro cavando nas raízes, como se toda a panóplia do contentamento não passasse de egoísmo! esse ódio!

Bobagem, bobagem! exclamou consigo mesma, passando pelas portas de mola da Mulberry's, a floricultura.

Ela avançou, leve, alta, muito aprumada, para ser imediatamente cumprimentada por Miss Pym, de cara redonda como um botão, cujas mãos eram sempre de um vermelho vivo, como se ficassem na água gelada junto com as flores.

Havia flores: esporas-dos-jardins, ervilhas-de-cheiro, pencas de lilases; e cravos, montes de cravos. Havia rosas; havia íris. Ah sim – e inspirou no jardim terrestre o doce perfume enquanto conversava com Miss Pym que lhe era agradecida por uma ajuda e a considerava bondosa, pois fora bondosa anos atrás; muito bondosa, mas parecia mais

velha, este ano, virando a cabeça de um lado e outro entre as íris, as rosas e os cachos pendentes de lilases com os olhos semicerrados, inspirando, depois do alvoreço da rua, o perfume delicioso, o frescor maravilhoso. E então, abrindo os olhos, tão frescas como lençóis de babados recém-lavados e dobrados em cestas de vime pareciam as rosas; e escuros e empertigados os cravos vermelhos, sustentando firmes as corolas; e todas as ervilhas-de-cheiro se derramando em seus vasos, roxas intensas, brancas de neve, pálidas – como se fosse ao anoitecer e moças de vestidos de musselina saíssem para colher ervilhas-de-cheiro e rosas depois de findar o magnífico dia de verão, com seu céu quase negro de tão azul, suas esporas dos jardins, seus cravos, seus copos-de-leite; e era aquele momento entre as seis e as sete horas em que todas as flores – rosas, cravos, íris, lilases – fulguram; brancas, roxas, vermelhas, alaranjado-escuro; todas as flores parecem se incandescer sozinhas, levemente, puramente nos canteiros enevoados; e como ela amava as mariposas branco-acinzentadas indo e vindo a rodopiar sobre as valerianas, sobre as primulas do anoitecer!

E quando começou a acompanhar Miss Pym de vaso em vaso, escolhendo, bobagem, bobagem, disse a si mesma, mais e mais branda, como se essa beleza, esse perfume, essa cor, e Miss Pym gostando dela, confiando nela, fossem uma onda que ela deixava encobri-la e derrotar aquele ódio, aquele monstro, derrotá-lo totalmente; e a onda estava a erguê-la, erguê-la quando – oh! uma detonação na rua lá fora!

– Céus – disse Miss Pym, indo à vitrine olhar, voltando e dando um sorriso de desculpas com as mãos cheias de ervilhas-de-cheiro, como se aqueles automóveis, aqueles pneus dos automóveis, fossem todos culpa dela.

O estouro violento que fez Mrs. Dalloway se sobressaltar e Miss Pym ir à vitrine e se desculpar provinha de um automóvel que guinara para a calçada bem em frente à Mulberry's. Os passantes que naturalmente pararam e olharam mal tiveram tempo de ver um rosto da mais altíssima importância no estofado cinza-pomba, antes que uma mão masculina puxasse a cortina e não houvesse mais nada para ver além de um quadrado de cinza pomba.

Mesmo assim imediatamente começaram a circular os rumores desde o centro da Bond Street até a Oxford Street de um lado e a perfumaria Atkinson's do outro, passando invisíveis, inaudíveis, como um rápido véu de nuvem nas colinas, e pousando com algo da mesma súbita sobriedade e serenidade de uma nuvem nos rostos que um segundo antes estavam totalmente descompostos. Mas agora tinham sido roçados pela asa do mistério; tinham ouvido a voz da autoridade; o espírito da religião se espalhara com os olhos bem vendados e a boca muito aberta. Mas ninguém sabia de quem era o rosto que fora entrevisto. Do príncipe de Gales, da rainha, do primeiro-ministro? De quem era o rosto? Ninguém sabia.

Edgar J. Watkiss, levando no ombro o cano de chumbo enrolado, disse em voz alta, comicamente, claro:

– O cáerro do primero-menistro.

Septimus Warren Smith, que se via impedido de passar, ouviu.

Septimus Warren Smith, com cerca de trinta anos, rosto pálido, nariz pontudo, de sapatos marrons e um sobretudo surrado, com olhos castanho-escuros que tinham aquele ar de apreensão que deixa apreensivos até os mais completos estranhos. O mundo ergueu seu chicote; onde descerá?

Tudo tinha se imobilizado. A vibração dos motores soava como uma pulsação irregular batendo pelo corpo inteiro. O sol ficou extraordinariamente quente porque o carro tinha parado na frente da vitrine da Mulberry's; senhoras de idade no segundo andar dos ônibus abriram as sombrinhas pretas; uma sombrinha verde aqui, uma vermelha ali se abriram com um pequeno estalido. Mrs. Dalloway, indo à vitrine com os

braços cheios de ervilhas-de-cheiro, olhou para fora com a carinha rosada franzida numa interrogação. Todos olhavam o automóvel. Septimus olhava. Os rapazes apeavam das bicicletas. O trânsito aumentava. E lá estava o carro parado, com as cortinas fechadas, e nelas uma estampa curiosa que parecia uma árvore, pensou Septimus, e essa convergência gradual de tudo para um foco central diante de seus olhos, como se algum horror tivesse aflorado quase à superfície e estivesse prestes a explodir em chamas, o aterrorizou. O mundo oscilava, estremecia e ameaçava explodir em chamas. Sou eu que estou bloqueando o caminho, pensou. Não era ele que estava sendo olhado e apontado; não estava plantado ali, enraizado na calçada, para uma finalidade? Mas qual finalidade?

– Vamos, Septimus – disse a esposa, uma mulher miúda, de olhos grandes num rosto oval amarelado; uma moça italiana.

Mas a própria Lucrezia não conseguiu se conter e olhou o automóvel com a estampa da árvore nas cortinas. Era a rainha ali dentro – a rainha indo às compras?

O motorista, que antes estava abrindo alguma coisa, girando alguma coisa, fechando alguma coisa, voltou ao assento.

– Vamos – disse Lucrezia.

Mas o marido, pois agora estavam casados fazia quatro, cinco anos, deu um salto, se assustou e disse zangado, como se ela o tivesse interrompido:

– Está bem!

As pessoas decerto notaram; as pessoas decerto viram. As pessoas, pensou ela, olhando a multidão que fitava o automóvel; as pessoas inglesas, com seus filhos, seus cavalos e suas roupas, que de certa forma ela admirava; mas agora eram “as pessoas”, porque Septimus tinha dito “Vou me matar”; coisa horrível de se dizer. E se o tivessem ouvido? Ela olhou a multidão. Socorro, socorro!, queria gritar para as mulheres e os ajudantes dos açougues. Socorro! Ainda no último outono ela e Septimus tinham ficado no Embankment embrulhados na mesma capa e, como Septimus estava lendo um jornal em vez de conversar, ela o arrancou de suas mãos e riu bem na cara do velho que estava olhando! Mas o fracasso a gente esconde. Tinha de levá-lo dali para algum parque.

– Agora vamos atravessar – disse ela.

Tinha direito ao braço dele, mesmo insensível. Deu a ela, que era tão simples, tão espontânea, com apenas vinte e quatro anos, sem amigos na Inglaterra, que tinha deixado a Itália por causa dele, deu a ela um pedaço de osso.

O automóvel com as cortinas fechadas e um ar de reserva inescrutável avançou para Piccadilly, ainda objeto de olhares, ainda agitando os rostos dos dois lados da rua com o mesmo sombrio sopro de veneração fosse pela rainha, pelo príncipe ou pelo primeiro-ministro, ninguém sabia. O rosto mesmo, só três pessoas tinham visto por alguns segundos. Agora até o sexo estava em discussão. Mas não havia dúvida de que a grandeza estava ali dentro; a grandeza estava passando, oculta, pela Bond Street, apenas a um palmo de distância dos comuns dos mortais que agora, pela primeira e última vez, podiam estar no alcance da voz da majestade da Inglaterra, do símbolo duradouro do Estado que será descoberto pelos antiquaristas curiosos, ao examinar as ruínas do tempo, quando Londres for uma trilha coberta de mato e todos os que se apressam na rua nesta manhã de quarta-feira não passarem de ossos com algumas alianças misturadas ao pó e as obturações de ouro de inúmeros dentes estragados. Então se saberá de quem era o rosto no automóvel.

Provavelmente é a rainha, pensou Mrs. Dalloway, saindo da Mulberry's com suas flores; a rainha. E por um segundo ela adotou um ar de extrema dignidade parada ao lado da floricultura à luz do sol enquanto o carro avançava passo a passo, com suas cortinas fechadas. A rainha indo a algum hospital; a rainha inaugurando algum bazar beneficente, pensou Clarissa.

A aglomeração estava medonha para aquela hora do dia. Lord's, Ascot, Hurlingham, qual seria? perguntou-se, pois a rua estava bloqueada. A classe média britânica mal acomodada no segundo andar dos ônibus com pacotes e sombrinhas, sim, e até com peles num dia como este, era, pensou ela, mais ridícula do que se podia imaginar, mais insólita do que qualquer outra coisa que já existiu no mundo; e a própria rainha parada; a própria rainha sem conseguir passar. Clarissa ficou retida num lado da Brook Street; Sir John Buckhurst, o velho juiz, do outro, com o carro entre eles (Sir John aplicara a lei com rigor durante anos e gostava de mulheres elegantes) quando o motorista, inclinando-se bem de leve, disse ou mostrou algo ao guarda de trânsito, que saudou, ergueu o braço, empinou a cabeça e mandou o ônibus se afastar para o lado e o carro passou. Devagar, muito silencioso, seguiu seu caminho.

Clarissa adivinhou; Clarissa entendeu, claro; tinha visto algo branco, mágico, circular, na mão do laçao, um disco com um nome inscrito – da rainha, do príncipe de Gales, do primeiro-ministro? – que, por força de seu próprio esplendor, como que a fogo abriu passagem (Clarissa viu o carro diminuindo, desaparecendo), para ir refulgir entre candelabros, medalhas reluzentes, peitos enfunados com folhas de carvalho, Hugh Whitbread e todos os seus colegas, os cavalheiros da Inglaterra, aquela noite no Palácio de Buckingham. E Clarissa, ela também, dava uma festa. Retesou-se um pouco; assim se postaria no alto de sua escadaria.

O carro tinha ido embora, mas deixara uma leve ondulação que corria por entre lojas de luvas, chapelarias e alfaiatarias dos dois lados da Bond Street. Durante trinta segundos todas as cabeças estiveram inclinadas na mesma direção – para a vitrine. Escolhendo um par de luvas – deviam ser até o cotovelo ou mais acima, amarelo-claro ou cinza-pálido? – as damas pararam; terminada a frase, algo tinha acontecido. Algo tão ínfimo em ocorrências isoladas que nenhum instrumento matemático, mesmo capaz de registrar abalos na China, conseguiria captar sua vibração; mas descomunal em sua inteireza e comovente em seu apelo geral; pois em todas as chapelarias e alfaiatarias desconhecidos se entreolharam e pensaram nos mortos; na bandeira; no Império. Num bar de uma rua afastada um morador das colônias insultou a Casa de Windsor, o que provocou alterações, quebradeira de copos de cerveja e um tumulto geral cujos ecos foram ressoar estranhamente na outra calçada aos ouvidos de moças comprando peças íntimas brancas enfeitadas com alvíssimas rendas para seus enxovais. Pois a agitação de superfície do carro passando, quando cedeu, tocou em algo muito profundo.

Deslizando por Piccadilly, o carro virou na St. James's Street. Homens altos, homens de físico robusto, homens elegantes com seus fraques, faixas brancas e cabelos esticados para trás que, por razões difíceis de determinar, estavam de pé à janela da sacada do White's com as mãos atrás das abas do fraque, olhando para fora, perceberam instintivamente que ali passava a grandeza, e a luz pálida da presença imortal incidiu sobre eles como havia incidido sobre Clarissa Dalloway. De imediato apuraram-se ainda mais, tiraram as mãos de trás e pareciam prontos a acompanhar sua soberana, se necessário fosse, até a boca do canhão, como outrora tinham feito seus antepassados. Os bustos brancos e as mesinhas ao fundo cobertas de exemplares do Tatler e sifões de água gasosa pareciam aprovar; pareciam indicar os trigais ondulantes e os solares da Inglaterra; e devolveram o leve zumbido do motor do carro como as paredes de uma concha acústica devolvem uma voz única que se expande e ganha sonoridade com o poder de toda uma catedral. Moll Pratt de xale com suas flores na calçada desejou tudo de bom ao querido menino (era o príncipe de Gales com certeza) e bem que atiraria o preço de um caneco de cerveja – um ramalhete de rosas – na St. James's Street por pura alegria e desdém pela pobreza se não tivesse visto que o guarda estava de olho nela, desencorajando a lealdade de uma velha irlandesa. As sentinelas em St. James's bateram continência; o policial da rainha Alexandra aprovou.

Enquanto isso, uma pequena multidão tinha se reunido nos portões do Palácio de Buckingham. Desatentos, mas confiantes, gente pobre todos eles, esperavam; olhavam para o palácio com a bandeira esvoaçando; para Vitória, avultando em seu pedestal, admiravam sua fonte em cascata, seus gerânios; apontavam os automóveis no Mall, primeiro este, depois aquele; desperdiçavam emoção à toa com plebeus saindo para dar uma volta de carro; guardavam de novo seu tributo para mantê-lo intato enquanto o carro passava, e depois mais outro; e o tempo inteiro deixavam o rumor se acumular nas veias e vibrar nos nervos das pernas à ideia da realeza olhando para eles; a rainha se inclinando, o príncipe saudando; à ideia da vida celestial divinamente concedida aos reis; dos camaristas e das medidas profundas; da velha casa de bonecas da rainha; da princesa Mary casada com um inglês, e o príncipe – ah! o príncipe! que puxou tanto, diziam, ao velho rei Edward, mas muito mais magro. O príncipe morava em St. James's; mas quem sabe apareceria de manhã para vir visitar a mãe.

Foi o que Sarah Bletchley disse com o nenê no colo, tamborilando com o pé como se estivesse na cerca de sua própria casa em Pimlico, mas mantendo os olhos no Mall, enquanto Emily Coates examinava as janelas do palácio e pensava nas arrumadeiras, nas inúmeras arrumadeiras, nos quartos, nos inúmeros quartos. Acrescida de um cavalheiro de idade com um terrier escocês, de homens desocupados, a multidão aumentava. O miúdo Mr. Bowley, que tinha aposentos no Albany e era hermeticamente lacrado nas fontes mais profundas da vida mas podia ser deslacrado de repente, de maneira imprópria, sentimental, por esse tipo de coisa – mulheres pobres esperando para ver a rainha passar – mulheres pobres, criancinhas bonitas, órfãos, viúvas, a guerra – tsc tsc – realmente estava com lágrimas nos olhos. Uma brisa ondeando sempre tão tépida pelo Mall entre as árvores esguias, pelos heróis de bronze, fez adejar alguma bandeira dentro do peito britânico de Mr. Bowley e ele ergueu o chapéu quando o carro apontou no Mall e o manteve erguido enquanto o carro se aproximava; e deixou que as mães pobres de Pimlico se compromissem junto dele, e se manteve muito apertado. O carro avançava.

De repente Mrs. Coates olhou para o céu. O som de um avião perfurou sinistramente os ouvidos da multidão. Lá vinha ele acima das árvores, soltando fumaça branca por trás, que se espiralava e se torcia, na verdade escrevendo alguma coisa! traçando letras no céu! Todos olharam para o alto.

Precipitando-se de ponta, o avião subiu reto, fez uma curva, acelerou, mergulhou, subiu, e em tudo o que fazia, para onde fosse, atrás dele ondulava uma grossa faixa pregueada de fumaça branca que se espiralava e se encaracolava em letras no céu. Mas quais letras? Um C era aquilo? um E, depois um L? Duravam apenas um instante; então se moviam, se dissolviam, se apagavam no céu, e o avião disparava e se afastava de novo, em outro trecho do céu, começava a escrever um F, um I, um O talvez?

– Glaxo – disse Mrs. Coates numa voz tensa, cheia de admiração, fitando o alto, e o nenê, deitado rígido em seus braços, fitava o alto.

– Kreemo – murmurou Mrs. Bletchley, como uma sonâmbula. Com o chapéu absolutamente imóvel na mão, Mr. Bowley fitava o alto. Cá embaixo no Mall as pessoas estavam paradas olhando o céu. Enquanto olhavam, o mundo inteiro ficou em silêncio completo, e um bando de gaivotas cruzou o céu, primeiro uma gaivota na frente, depois as outras, e nesse silêncio e paz extraordinária, nessa palidez, nessa pureza, os sinos bateram onze vezes, o som desaparecendo aos poucos lá entre as gaivotas.

O avião virou, acelerou e se precipitou exatamente onde queria, veloz, livre, como um patinador –

– É um E – disse Mrs. Bletchley –

ou um bailarino –

– É toffee – murmurou Mr. Bowley –

(e o carro entrou pelo portão e ninguém olhou), e desligando a fumaça afastou-se cada vez mais, e a fumaça se desvaneceu e foi se reunir aos contornos brancos e volumosos das nuvens.

Tinha ido embora; estava atrás das nuvens. Não havia som algum. As nuvens às quais tinham se unido as letras E, G ou L se deslocavam livremente, como que destinadas a ir do Ocidente para o Oriente numa missão da maior importância que jamais seria revelada, embora certamente fosse isso mesmo – uma missão da maior importância. Então de repente, como um trem saindo de um túnel, o avião saiu em disparada das nuvens, o som perfurando os ouvidos de todos no Mall, no Green Park, em Piccadilly, na Regent Street, no Regent's Park, e a faixa de fumaça se espiralou atrás e ele mergulhou, subiu e escreveu uma letra depois da outra – mas que palavra estava escrevendo?

Lucrezia Warren Smith, sentada ao lado do marido num banco do Broad Walk no Regent's Park, olhou para cima.

– Olhe, olhe, Septimus! – exclamou ela. Pois dr. Holmes lhe tinha dito para distrair o marido (que não tinha absolutamente nada de grave a não ser uma pequena indisposição) com coisas exteriores.

Ora, pensou Septimus, olhando para cima, estão sinalizando para mim. Na verdade não com palavras mesmo; isto é, ainda não sabia ler a língua; mas era bastante clara, essa beleza, essa requintada beleza, e seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ele olhava as palavras de fumaça se enlanguescendo e se dissolvendo no céu e em sua inesgotável caridade e risonha bondade lhe concedendo formas de beleza inimaginável, uma após a outra, e sinalizando sua intenção de lhe fornecer por nada, para sempre, só para olhar, beleza e mais beleza! As lágrimas lhe escorriam pela face.

Era toffee; estavam anunciando balas toffee, disse uma babá a Rezia. Juntas começaram a soletrar t ... o ... f ...

– K ... R ... – disse a babá, e Septimus a ouviu dizer “cá erre” perto de seu ouvido, em tom profundo, macio, como um órgão suave, mas com uma aspereza na voz como de um gafanhoto, que lhe arranhou deliciosamente a coluna e subindo por ela enviou ao cérebro ondas sonoras que, batendo, se quebraram. Descoberta maravilhosa, de fato – que a voz humana em certas condições atmosféricas (pois é preciso ser científico, acima de tudo científico) possa dar vida às árvores! Felizmente Rezia lhe pôs a mão no joelho com um tremendo peso, de forma que ele cedeu sob aquele peso, paralisado, do contrário o movimento dos olmos subindo e descendo, subindo e descendo com todas as folhas iluminadas e a cor se afinando e se espessando do azul ao verde de uma onda cava, como penachos na cabeça dos cavalos, plumas na cabeça das damas, tão orgulhosos subiam e desciam, tão soberbos, o teria enlouquecido. Mas não ia enlouquecer. Fecharia os olhos; não veria mais.

Mas elas acenavam; as folhas estavam vivas; as árvores estavam vivas. E estando ligadas por milhões de fibras a seu corpo, ali no banco, as folhas o sopravam para frente e para trás; quando o ramo se estendia, ele também fazia a mesma coisa. Os pardais esvoaçando, subindo e descendo as fontes em escadinha faziam parte do desenho; o branco e o azul, listrados de galhos negros. Sons formavam harmonias com premeditação; os espaços entre eles eram tão significativos quanto os sons. Uma criança chorou. Uma buzina ao longe respondeu devidamente. Todo o conjunto significava o nascimento de uma nova religião –

– Septimus! – disse Rezia. Ele teve um sobressalto violento. As pessoas decerto notaram.

– Vou até a fonte e já volto – disse ela.

Pois não aguentava mais aquilo. Dr. Holmes podia dizer que não era nada. Preferia mil vezes que ele estivesse morto! Não conseguia ficar sentada a seu lado quando estava

com aquele olhar tão fixo, sem vê-la e tornando tudo terrível; céu e árvore, crianças brincando, puxando carrinhos, soprando apitos, levando tombos; tudo era terrível. E ele não ia se matar; e ela não podia contar para ninguém. “Septimus anda trabalhando demais” – era o máximo que podia dizer à mãe. Amar nos faz solitários, pensou ela. Não podia contar a ninguém, agora nem mesmo a Septimus, e olhando para trás viu-o sentado sozinho com seu sobretudo surrado, no banco, encurvado, olhando fixo. E era covardia um homem dizer que ia se matar, mas Septimus tinha combatido; era corajoso; agora não era Septimus. Ela pôs sua gargantilha de renda. Pôs o chapéu novo e ele não notou; e era feliz sem ela. Nada poderia fazê-la feliz sem ele! Nada! Era um egoísta. Os homens são assim. Pois ele não estava doente. Dr. Holmes disse que ele não tinha nada. Ela estendeu a mão diante de si. Veja! A aliança de casamento escorregava – de tanto que ela tinha emagrecido. Era ela que sofria – mas não tinha ninguém a quem contar.

Longe estavam a Itália, o casario branco, a sala onde suas irmãs se sentavam fazendo chapéus, e todas as noites as ruas apinhadas de gente passeando, rindo alto, não semimortas como as pessoas daqui, espremidas em carrinhos de inválidos, olhando meia dúzia de flores feias especadas em vasos!

– Pois vocês deviam ver os jardins de Milão – disse em voz alta. Mas a quem?

Não havia ninguém. Suas palavras se apagaram. Assim se apaga um rojão. As fagulhas, depois de riscar o caminho na noite, rendem-se a ela, a escuridão desce, despeja-se sobre o contorno das casas e das torres; as ladeiras desoladas se atenuam e somem. Mas, embora desaparecidas, a noite está repleta delas; roubadas de cor, vazias de janelas, existem com peso maior, espalham o que a luz clara do dia não consegue transmitir – a preocupação e a ansiedade das coisas aglomeradas lá na escuridão; amontoadas na escuridão; privadas do alívio que traz o amanhecer quando, banhando de branco e cinza as paredes, marcando cada vidraça, erguendo a névoa dos campos, mostrando as vacas castanho-avermelhadas pastando pacíficas, tudo se enfeita mais uma vez para o olhar; existe de novo. Estou sozinha; estou sozinha!, exclamou junto à fonte no Regent’s Park (fitando o indiano e sua cruz), como talvez à meia-noite, quando todas as fronteiras somem, o campo reverte à sua forma antiga, como os romanos o viram ao desembarcar, estendendo-se nublado, e os montes não tinham nome e os rios serpenteavam não sabiam para onde – assim era a escuridão dela; quando de repente, como se tivesse se projetado um suporte e ela subisse ali, disse que era a mulher dele, casada anos atrás em Milão, a mulher dele, e nunca, nunca contaria que ele estava louco! Virando, o suporte tombou; ela caiu, cada vez mais fundo. Pois ele foi, pensou ela – foi, como tinha ameaçado, se matar – se atirar debaixo de uma carroça! Mas não; lá estava ele; ainda sentado sozinho no banco, com seu sobretudo surrado, as pernas cruzadas, olhando fixo, falando em voz alta.

Os homens não deviam cortar árvores. Existe um Deus. (Ele anotava tais revelações no verso de envelopes.) Mudar o mundo. Ninguém mata por ódio. Anunciar isso (escreveu). Esperou. Escutou. Um pardal pousado na grade do outro lado chilreou Septimus, Septimus, quatro ou cinco vezes em seguida e, prolongando as notas, continuou a cantar fresco e penetrante com palavras em grego que não existe crime e, juntando-se a ele outro pardal, cantaram em voz prolongada e penetrante com palavras em grego, entre árvores na campina da vida na outra margem de um rio onde caminham os mortos, que não existe morte.

Existia sua mão; existiam os mortos. Coisas brancas se condensavam atrás das grades do outro lado. Mas ele não ousava olhar. Evans estava atrás das grades!

– O que você está falando? – disse Rezia de súbito, sentando a seu lado.

Interrompido de novo! Ela vivia interrompendo.

Longe das pessoas – deviam ir para longe das pessoas, ele disse (erguendo-se num salto), até ali, já, onde havia cadeiras sob uma árvore e o longo declive do parque

desceia como um tecido verde sob um dossel muito alto forrado de fumos azuis e rosados, e havia uma trincheira de casas irregulares distantes numa neblina de fumaça, o trânsito zumbia num círculo, e à direita animais pardacentos estendiam o longo pescoço sobre a paliçada do zoológico, uivando, bramindo. Lá eles se sentaram sob uma árvore.

– Olhe – ela implorou, apontando um grupinho de meninos carregando estacas de críquete, um dos quais arrastava os pés, girava nos calcanhares e arrastava os pés como se fosse um palhaço no teatro de variedades.

– Olhe – ela implorou, pois dr. Holmes lhe tinha dito para fazê-lo prestar atenção nas coisas reais, ir a um teatro de variedades, jogar críquete – era o jogo ideal, disse dr. Holmes, um ótimo jogo ao ar livre, o jogo ideal para seu marido.

– Olhe – ela repetiu.

Olhe, ordenou-lhe o além, a voz que agora se comunicava com ele que era o maior de toda a humanidade, Septimus, recentemente levado da vida para a morte, o Senhor que viera renovar a sociedade, que jazia como uma coberta, um manto branco tocado apenas pelo sol, para sempre preservado, sofrendo para sempre, o bode expiatório, o eterno sofredor, mas ele não queria isso, disse gemendo e afastando com um gesto da mão aquele sofrimento eterno, aquela solidão eterna.

– Olhe – ela repetiu, pois ele não devia ficar falando sozinho fora de casa.

– Oh, olhe – implorou a ele. Mas o que havia para olhar? Alguns carneiros. Só.

O caminho para a estação de metrô do Regent's Park – podiam lhe indicar o caminho para a estação de metrô do Regent's Park – Maisie Johnson queria saber. Tinha chegado de Edimburgo fazia apenas dois dias.

– Não por aqui, por lá! – exclamou Rezia, acenando de lado, para que ela não visse Septimus.

Os dois pareciam esquisitos, pensou Maisie Johnson. Tudo parecia muito esquisito. Em Londres pela primeira vez, vindo para trabalhar com o tio na Leadenhall Street, e agora passando pelo Regent's Park de manhã, este casal sentado lhe deu um susto e tanto; a moça parecendo estrangeira, o homem parecendo esquisito; tanto, que mesmo bem velhinha ainda ia lembrar e em suas recordações ia tilintar aquele seu passeio no Regent's Park numa bela manhã de verão cinquenta anos antes. Pois tinha apenas dezenove anos e finalmente conseguira o que queria, vir para Londres; e agora como era esquisito, esse casal a quem ela tinha perguntado o caminho, e a moça se assustou e acenou brusca, e o homem – ele parecia esquisitíssimo; brigando, talvez; separando-se definitivamente, talvez; havia alguma coisa, ela sabia; e agora todo esse povo (pois voltou para o Broad Walk), as fontes de pedra, as flores especadas, os velhos e as velhas, na maioria inválidos em carrinhos – tudo, depois de Edimburgo, parecia tão esquisito. E Maisie Johnson, ao se juntar àquele povo avançando devagar, penosamente, com o olhar perdido, a face tocada pela brisa – esquilos se encarapitando e se alisando, bandos de pardais esvoaçando em busca de farelos, cães ocupados com as grades, ocupados entre si, enquanto o ar tépido e suave os envolvia e emprestava algo de excêntrico e pacífico ao olhar fixo indiferente com que recebiam a vida – Maisie Johnson sentiu claramente que devia exclamar Oh! (pois aquele rapaz na cadeira tinha lhe dado um susto e tanto. Havia alguma coisa, ela sabia.)

Horror! horror! queria gritar. (Tinha deixado a família; bem que avisaram o que ia acontecer.)

Por que não tinha ficado em casa? exclamou retorcendo a bolinha em cima da grade de ferro.

Aquela moça, pensou Mrs. Dempster (que guardava crostas de pão para os esquilos e muitas vezes almoçava no parque), ainda não sabe de nada; e realmente achava melhor ser um pouco firme, um pouco lenta, um pouco moderada nas próprias

expectativas. Percy bebia. Bom, melhor ter filho, pensou Mrs. Dempster. Tinha sido difícil, e não podia evitar um sorriso ao ver uma moça como aquela. Você vai se casar, pois é bem bonitinha, pensou Mrs. Dempster. Case, e aí você vai saber. Oh, cozinhar e assim por diante. Todo homem tem suas manias. Mas quem sabe se eu teria escolhido exatamente isso se tivesse como saber antes, pensou Mrs. Dempster, e sentiu vontade de sussurrar uma palavrinha a Maisie Johnson, de sentir o beijo da piedade na face enrugada do rosto velho e gasto. Pois foi uma vida dura, pensou Mrs. Dempster. O que não entregara a ela? As rosas, o corpo, os pés também. (Ela retraiu as massas inchadas e disformes sob a saia.)

Rosas, pensou sardônica. Tudo bobagem, meu bem. Pois realmente, somando tudo, comer, beber e acasalar, os dias bons e os dias ruins, a vida não tinha sido mera questão de rosas, e mais, vou lhe dizer, Carrie Dempster não trocaria seu destino pelo de nenhuma mulher em Kentish Town! Mas, implorava ela, piedade. Piedade, pela perda das rosas. Piedade era o que pedia a Maisie Johnson, ao lado dos canteiros de jacinto.

Ah, mas aquele avião! Mrs. Dempster não tinha sempre sonhado em conhecer o estrangeiro? Tinha um sobrinho, um missionário. Subiu e acelerou. Ela sempre ia nadar em Margate, sem perder a terra de vista, mas não tinha paciência com mulheres que sentiam medo da água. Fez uma curva e mergulhou. Sentia o estômago se revoltar. Subiu de novo. O piloto deve ser um rapaz valente, apostou Mrs. Dempster, e se afastou mais e mais, rápido, sumindo, mais e mais o avião se afastou em disparada; sobrevoando Greenwich e todos os mastros; a ilhota de igrejas cinzentas, St. Paul e as outras até que, nos dois lados de Londres, estenderam-se os campos e matas castanhas onde tordos intrépidos saltitando ousados, relanceando ligeiros, agarravam o caracol e batiam com ele numa pedra, uma, duas, três vezes.

Mais e mais o avião se afastou, até não restar senão uma faísca brilhante; uma aspiração; uma concentração; um símbolo (foi o que pareceu a Mr. Bentley, aparando vigorosamente sua faixa de grama em Greenwich) da alma do homem; de sua determinação, pensou Mr. Bentley dando a volta no cedro, de sair de seu corpo, ir além de sua casa, por meio do pensamento, de Einstein, da especulação, da matemática, da teoria mendeliana – o avião se afastou em disparada.

Então, enquanto um homem indefinível de ar abatido carregando uma maleta de couro parou nos degraus da St. Paul's Cathedral e hesitou, pois lá dentro o que haveria, qual bálsamo, qual acolhida, quantas sepulturas com estandartes drapejando, símbolos de vitórias não sobre exércitos, mas sobre, pensou ele, aquele espírito importuno de busca da verdade que me deixa agora sem situação definida, e mais do que isso, a catedral oferece companhia, pensou ele, convida-nos a ingressar numa sociedade; grandes homens pertencem a ela; mártires morreram por ela; por que não entrar, pensou ele, depor essa maleta de couro recheada de panfletos diante de um altar, uma cruz, o símbolo de alguma coisa que se elevou além da procura, da busca, do amontoamento apressado de palavras, e se tornou puro espírito, desencarnado, spectral – por que não entrar? pensou, e enquanto hesitava o avião sobrevoou Ludgate Circus.

Era estranho; estava parado. Não se ouvia um único som por sobre o trânsito. Sem piloto, parecia; voando por seu livre-arbítrio. E agora, fazendo uma curva para subir mais e mais, cada vez mais alto, como algo se elevando em êxtase, em puro deleite, soltou por trás uma fumaça branca em plano vertical, escrevendo um T, um O, um F.

– O que eles estão olhando? – perguntou Clarissa Dalloway à criada que abriu a porta.

O vestíbulo da casa estava frio como uma cripta. Mrs. Dalloway levou a mão aos olhos, e, quando a criada fechou a porta e ela ouviu o roçar das saias de Lucy, sentiu-se como uma freira que abandonou o mundo e se sente envolvida pelos véus familiares

e pela resposta a antigas precoces. A cozinheira assobiava na cozinha. Ouviu o clique da máquina de escrever. Era sua vida, e, inclinando a cabeça sobre a mesa do vestíbulo, curvou-se à influência, sentiu-se abençoada e purificada, dizendo a si mesma, enquanto pegava o bloco com o recado do telefonema, que momentos assim são botões na árvore da vida, flores da escuridão são eles, pensou ela (como se alguma rosa encantadora tivesse florido apenas para seus olhos); jamais acreditou em Deus; razão ainda maior, pensou ela pegando o bloquinho, para retribuir em vida cotidiana a criados, sim, a cães e canários, principalmente ao marido Richard, que era a base disso tudo – dos sons alegres, das luzes verdes, da cozinheira ainda assobiando, pois Mrs. Walker era irlandesa e assobiava o dia inteiro –, para retribuir por esse depósito secreto de momentos deliciosos, pensou erguendo o bloquinho, enquanto Lucy a seu lado tentava explicar que

– Mr. Dalloway, senhora –

Clarissa leu no bloquinho de recados: “Lady Bruton deseja saber se Mr. Dalloway vai almoçar com ela hoje”.

– Mr. Dalloway, senhora, mandou avisar que vai almoçar fora.

– Oh céus – disse Clarissa e tal como pretendia Lucy compartilhou seu desapontamento (mas não a aguilhoada); sentiu o acordo mútuo; entendeu a alusão; pensou como era o amor entre a aristocracia; tingiu seu futuro de serenidade; e tomou a sombrinha de Mrs. Dalloway, tratando-a como uma arma sagrada entregue por uma deusa depois de se desincumbir honrosamente no campo de batalha, e colocou no porta-guarda-chuvas.

– Não temas mais – disse Clarissa. Não temas mais o calor do sol; pois o choque de Lady Bruton convidando Richard para almoçar sem ela fez estremecer o momento em que tinha se detido, como uma planta no leito do rio quando sente o choque de um remo ao passar e estremece: assim ela se abalou: assim ela estremeceu.

Millicent Bruton, cujos almoços eram tidos como extraordinariamente divertidos, não a convidara. Nenhum ciúme vulgar poderia separá-la de Richard. Mas ela receava o tempo, e lia no rosto de Lady Bruton, como se fosse um marcador entalhado em pedra impassível, o definimento da vida; como sua parcela diminuía ano a ano; quão pouco a margem que lhe restava ainda era capaz de se ampliar, de absorver, como nos anos de juventude, as cores, os sabores, os tons da existência, de forma que ela ocupava toda a sala ao entrar, e muitas vezes sentia, quando parava hesitante por um momento na soleira de sua sala de visitas, uma ansiedade deliciosa, tal como se deteria um mergulhador antes de saltar enquanto o mar se sombreia e se ilumina sob ele, e as ondas que ameaçam se quebrar, mas apenas se fendem delicadamente na superfície, rolam, ocultam e tão logo caem incrustam as algas de pérolas.

Pôs o bloco na mesa do vestíbulo. Começou a subir devagar a escada, a mão no corrimão, como se tivesse saído de uma festa, na qual ora um amigo ora outro tivesse reverberado o brilho de seu rosto, de sua voz; tivesse fechado a porta, saído, ficado sozinha, uma figura isolada contra a noite apavorante, ou melhor, para ser exata, contra o olhar dessa prosaica manhã de junho; suave com o brilho das pétalas de uma rosa para alguns, sabia, e sentiu, quando parou à janela aberta da escada que deixava entrar as persianas batendo, os cães latindo, deixava entrar, pensou de repente sentindo-se enrugada, envelhecida, ressequida, o rilhar, o inflar, o florescer do dia, lá fora de casa, fora da janela, fora de seu corpo e cérebro que agora fraquejavam, visto que Lady Bruton, cujos almoços eram tidos como extraordinariamente divertidos, não a convidara.

Como uma freira se recolhendo ou uma criança explorando uma torre, ela subiu a escada, parou à janela, chegou ao banheiro. Lá estava o linóleo verde e uma torneira pingando. Lá estava um vazio no coração da vida; um quarto no sótão. As mulheres deviam tirar seus belos trajes. Ao meio-dia deviam se despir. Enfiou o alfinete na

almofadinha e pôs o chapéu amarelo de plumas em cima da cama. Os lençóis estavam limpos, bem esticados numa larga faixa branca de lado a lado. Cada vez mais estreita era sua cama. A vela tinha queimado até a metade e ela se afundara na leitura das Memórias do barão Marbot. Tinha lido a retirada de Moscou até tarde da noite. Pois as sessões na Câmara eram tão longas que Richard insistia, depois da doença, que devia dormir sem ser incomodada. E realmente ela preferia ler a retirada de Moscou. Ele sabia disso. Assim o quarto era no sótão; a cama estreita; e ali deitada lendo, pois dormia mal, não poderia afastar uma virgindade preservada desde o parto que aderira a ela como um lençol. Muito graciosa na mocidade, de repente chegou um momento – por exemplo, no rio sob as matas em Clieveden – em que, por alguma contração desse espírito frio, ela se negara a ele. E então em Constantinopla, e outra vez e mais outra vez. Podia ver o que lhe faltava. Não era beleza; não era inteligência. Era algo central que permeava tudo; algo quente que rompia superfícies e ondulava o frio contato entre homem e mulher, ou entre mulheres. Pois isso ela podia perceber vagamente. Ressentia-se, tinha um escrúpulo adquirido sabem os céus onde, ou, como sentia ela, enviado pela Natureza (que é invariavelmente sábia); mesmo assim às vezes não conseguia resistir a se render ao encanto de uma mulher, não uma moça, de uma mulher confessando, como tantas vezes lhe faziam, algum apuro, alguma levandade. E fosse por piedade, ou pela beleza delas, ou porque era mais velha, ou algum acaso – como um leve perfume ou um violino na casa ao lado (tão estranho é o poder dos sons em certos momentos), ela então sentia indubitavelmente o que sentiam os homens. Apenas por um instante; mas era o suficiente. Era uma revelação súbita, um colorido como um rubor que a pessoa tentava controlar e então, ao se alastrar, cedia à expansão dele, e corria até a orla mais distante e lá ficava a fremir e a sentir o mundo se aproximando, dilatado com alguma assombrosa significação, alguma pressão de arrebatamento, que fendia sua fina membrana e jorrava e transbordava com um alívio extraordinário sobre as gretas e as chagas. Então, durante aquele instante, ela via uma iluminação; uma mecha incendiando a sarça; um sentido interno quase revelado. Mas o próximo se afastava; o duro amolecia. Tinha acabado – o instante. A tais instantes (com mulheres também) opunham-se (enquanto pousava o chapéu) a cama, o barão Marbot, a vela pela metade. Deitada desperta, o chão rangia; a casa acesa se escurecia de súbito, e se erguesse a cabeça ouviria o estalo da maçaneta que com a maior delicadeza possível Richard soltara, o qual então subia a escada deslizando de meias e tantas vezes deixava cair a bolsa de água quente e praguejava! Como ela ria!

Mas essa questão do amor (pensou tirando o casaco), isso de se apaixonar por mulheres. Veja-se Sally Seton; sua relação nos velhos tempos com Sally Seton. Não tinha sido amor, afinal?

Estava sentada no chão – foi aquela sua primeira impressão de Sally – estava sentada no chão com os braços rodeando os joelhos, fumando um cigarro. Onde teria sido? Na casa dos Manning? Dos Kinloch-Jones? Em alguma festa (onde, não sabia ao certo), pois tinha uma clara lembrança de perguntar ao homem que estava com ela, “Quem é aquela?”. E ele tinha respondido, e dito que os pais de Sally não se davam (como ficou chocada com aquilo – que os pais de alguém brigassem!). Mas naquela noite toda não conseguiu tirar os olhos de Sally. Era uma beleza extraordinária do tipo que ela mais admirava, morena, olhos grandes, com aquela qualidade que, como não tinha, sempre invejara – uma espécie de abandono, como se pudesse dizer qualquer coisa, fazer qualquer coisa; qualidade muito mais comum em estrangeiras do que em inglesas. Sally sempre dizia que tinha sangue francês nas veias, um antepassado estivera com Maria Antonieta, fora decapitado, deixara um anel de rubi. Talvez naquele verão tivesse vindo ficar em Bourton, entrando de maneira totalmente inesperada sem um centavo no bolso, uma noite depois do jantar, e transtornando tanto a pobre tia Helena

que ela jamais a perdoou. Tinha ocorrido alguma briga pavorosa em casa. Ela não tinha literalmente nenhum centavo naquela noite em que chegara – empenhara um broche para vir. Tinha fugido num impulso. Ficaram acordadas até a madrugada conversando. Foi Sally que a fez sentir, pela primeira vez, como era protegida a vida em Bourton. Não sabia nada sobre sexo – nada sobre problemas sociais. Tinha visto uma vez um velho que caíra morto num campo – tinha visto vacas logo depois de parir suas crias. Mas tia Helena nunca gostava de discutir coisa alguma (quando Sally lhe deu William Morris, teve de ser embrulhado em papel pardo). Lá ficavam, horas e horas, conversando no quarto dela no alto da casa, conversando sobre a vida, como iriam reformar o mundo. Queriam fundar uma sociedade para abolir a propriedade privada, e até escreveram uma carta, que não foi enviada. As ideias eram de Sally, claro – mas logo ela ficou igualmente entusiasmada – lia Platão na cama antes do desjejum; lia Morris; lia Shelley a toda hora.

O poder de Sally era espantoso, seu talento, sua personalidade. Havia aquele seu jeito com as flores, por exemplo. Em Bourton sempre tinham vasilhames formais ao longo de toda a mesa. Sally saía, colhia malvas, dalias – todas as espécies de flores que nunca se viam juntas – cortava os talos e punha as corolas boiando em tigelinhas d'água. O efeito era extraordinário – quando se entrava para jantar na hora do crepúsculo. (Claro que tia Helena achava uma crueldade tratar as flores daquela maneira.) Um dia ela esqueceu a esponja e atravessou o corredor nua. Aquela criada velha e rabugenta, Ellen Atkins, ficou resmungando: “E se algum dos cavalheiros tivesse visto?” De fato chocava mesmo as pessoas. Era uma desmiolada, dizia papai.

A coisa estranha, olhando para trás, era a pureza, a integridade de seu sentimento por Sally. Não era como o sentimento por um homem. Era totalmente desinteressado, e além disso tinha uma qualidade que só podia existir entre mulheres, entre mulheres recém-saídas da adolescência. Era protetor, do lado dela; brotava de uma sensação de estarem ligadas, de um pressentimento de algo fadado a separá-las (elas sempre falavam do casamento como uma catástrofe), que levava a esse cavalheirismo, a esse sentimento protetor muito mais de seu lado do que do lado de Sally. Pois naqueles dias ela era totalmente estouvada; fazia as coisas mais idiotas por bravata; andava de bicicleta no parapeito do terraço; fumava charutos. Absurda, ela era – muito absurda. Mas o encanto era irresistível, pelo menos para ela, tanto que lembrava que ficava parada no quarto no alto da casa segurando a caneca de água quente na mão e falando em voz alta: “Ela está sob este teto... Ela está sob este teto!”.

Não, as palavras agora não significavam absolutamente nada para ela. Não conseguia captar sequer um eco da antiga emoção. Mas podia lembrar que gelava de excitação e se penteava numa espécie de êxtase (agora o velho sentimento começava a lhe voltar, enquanto retirava os grampos, colocava-os no toucador, começava a se pentear), com as gralhas subindo e descendo a se exibir na luz rosada do entardecer, vestia-se e descia as escadas sentindo ao cruzar o saguão que “se fosse para morrer agora seria agora o momento mais feliz”. Era este seu sentimento – o sentimento de Otelo, e ela o sentiu, tinha certeza, com a intensidade com que Shakespeare pretendia que Otelo o sentisse, tudo porque estava descendo para jantar com um vestido branco para encontrar Sally Seton!

Ela vestia uma gaze rosa – era possível aquilo? Ela parecia, pelo menos, pura luz, radiante, como algum pássaro ou balão que tivesse entrado a voar e se prendesse por um instante num arbusto espinhoso. Mas quando a gente ama (e o que era isso senão amor?) nada é mais estranho do que a completa indiferença dos outros. Tia Helena foi caminhar depois do jantar; papai ficou lendo o jornal. Peter Walsh podia estar por lá, e a velha Miss Cummings também; Joseph Breithkopf certamente estava, pois vinha todos os verões, pobre velho, passar semanas e semanas, e fingia ler alemão com ela, mas na

verdade tocava piano e cantava Brahms sem ter a menor voz.

Tudo isso era apenas um pano de fundo para Sally. Ela estava de pé junto à lareira falando, naquela linda voz que fazia todas as suas palavras soarem como uma carícia, com papai, que muito a contragosto começara a se sentir atraído (ele nunca esqueceu que tinha lhe emprestado um de seus livros e depois foi encontrá-lo encharcado no terraço), quando de súbito ela disse, “Que pena ficar aqui dentro!” e todos saíram para o terraço indo de uma ponta a outra. Peter Walsh e Joseph Breitkopf continuaram com Wagner. Ela e Sally ficaram um pouco mais atrás. Então veio o momento mais maravilhoso de toda a sua vida passando por uma urna de pedra com flores. Sally parou; colheu uma flor; deu-lhe um beijo na boca. O mundo inteiro podia virar de ponta-cabeça! Os outros desapareceram; ali estava ela sozinha com Sally. E sentiu que ganhara um presente, embrulhado, com a recomendação de guardá-lo assim, sem olhar o que era – um diamante, algo infinitamente precioso, embrulhado, que, enquanto caminhavam (de cá para lá, de lá para cá), ela abriu, ou o brilho se irradiou, a revelação, o sentimento religioso! – quando o velho Joseph e Peter apareceram na frente delas:

– Contemplando as estrelas? – perguntou Peter.

Foi como bater de frente num muro de granito na escuridão! Foi chocante; foi horrível!

Não para ela. Sentiu apenas como Sally já estava sendo agredida, maltratada; sentiu a hostilidade dele; seu ciúme, sua determinação de invadir o companheirismo delas. Tudo isso ela viu como se vê uma paisagem ao clarão de um raio – e Sally (nunca ela a admirou tanto!) bravamente não se deu por vencida. Riu. Fez o velho Joseph lhe dizer os nomes das estrelas, coisa que ele gostava de fazer com muita seriedade. Ela ouviu os nomes das estrelas.

“Oh esse horror!” disse consigo mesma, como se soubesse o tempo inteiro que algo iria interromper, iria amargar seu momento de felicidade.

E no entanto, afinal, quanto ela veio a lhe dever mais tarde. Sempre que pensava nele pensava nas brigas que tinham por alguma razão – talvez porque precisasse tanto da boa opinião dele. A ele devia algumas palavras: “sentimental”, “civilizado”; elas irrompiam diariamente em toda a sua vida como se ele estivesse a protegê-la. Um livro era sentimental; sentimental uma atitude perante a vida. “Sentimental” talvez fosse ela por estar pensando no passado. O que ele pensaria, indagou-se, quando voltasse?

Que tinha envelhecido? Ele diria, ou ela o veria pensando, ao voltar, que tinha envelhecido? Era verdade. Desde a doença, seus cabelos tinham ficado quase totalmente brancos.

Deixando o broche na mesa, teve um espasmo súbito, como se, enquanto divagava, as garras geladas tivessem tido ocasião de se cravar nela. Ainda não era velha. Acabara de entrar nos cinquenta e dois anos. Faltavam meses e meses para completá-los. Junho, julho, agosto! Cada qual continuava quase inteiro, e, como que para pegar a gota que caía, Clarissa (indo até o toucador) mergulhou no puro âmago do momento, imobilizou-o, ali – o momento desta manhã de junho em que havia a pressão de todas as outras manhãs, olhando o espelho, o toucador e todos os frascos de novo, recolhendo a totalidade de si num único ponto (enquanto se olhava no espelho), vendo o rosto rosa delicado da mulher que ia dar uma festa naquela mesma noite; de Clarissa Dalloway; de si própria.

Quantos milhões de vezes tinha visto seu rosto, e sempre com a mesma contração imperceptível? Franzia os lábios quando se olhava no espelho. Era para dar um ponto, uma ponta ao rosto. Aquela era ela – pontiaguda; como uma flecha; definida. Aquela era ela quando algum esforço, algum chamado para ser ela mesma unia as partes, apenas ela sabia quão diferentes, quão incompatíveis e assim compostas unicamente

para o mundo como um só centro, um só diamante, uma só mulher que se sentava em sua sala de visitas e criava um ponto de encontro, uma radiação sem dúvida para algumas vidas monótonas, um refúgio ao qual viriam os solitários, talvez; ajudara jovens que lhe eram agradecidos; tentara ser sempre a mesma, nunca mostrando nenhum sinal de todos os seus outros lados – defeitos, ciúmes, vaidades, suspeitas, como essa de Lady Bruton não a convidar para almoçar; o que, pensou (finalmente penteando o cabelo), é absolutamente vil! Agora, onde estava o vestido?

Seus vestidos de noite estavam pendurados no armário. Clarissa, mergulhando a mão na maciez, tirou delicadamente o vestido verde e o levou até a janela. Estava rasgado. Alguém tinha pisado na barra. Sentira na festa da embaixada um repuxão na parte de cima entre as pregas. À luz artificial o verde brilhava, mas agora perdia a cor ao sol. Ia consertá-lo. Suas criadas estavam ocupadas demais. Ia usá-lo esta noite. Pegaria as linhas, a tesoura, o – o quê mesmo? – o dedal, claro, e iria para a sala de visitas, pois também precisava escrever e ver se as coisas em geral estavam mais ou menos em ordem.

Estranho, pensou, parando no patamar e compondo aquela forma de diamante, aquela única pessoa, estranho como a senhora da casa conhece o momento, o clima de seu lar! Leves sons subiam em espirais pelo poço da escadaria; o ruje-ruje de um esfregão; pancadinhas; batidas; vozerio ao se abrir a porta da frente; uma voz repetindo uma mensagem no porão; o tinido da prata numa bandeja; prata polida para a festa. Era tudo para a festa.

(E Lucy, entrando na sala com a bandeja estendida, pôs os candelabros enormes na cornija da lareira, o escrínio de prata no centro, virou o delfim de cristal para o relógio. Viriam; ficariam; falaria nos tons afetados que ela sabia imitar, damas e cavalheiros. Entre todos, sua senhora era a mais encantadora – senhora da prata, das toalhas, da porcelana, pois o sol, a prata, as portas retiradas dos gonzos, os homens da Rumpelmayer's lhe davam uma sensação, enquanto colocava o estilete de papéis em cima da mesa marchetada, de algo realizado. Vejam! Vejam! disse, falando para seus velhos amigos da padaria, onde tinha tido seu primeiro emprego em Caterham, espiando o espelho. Ela era Lady Angela, acompanhando a princesa Mary, quando Mrs. Dalloway entrou.)

– Oh, Lucy – disse – a prata está linda!

– E como foi – disse virando o delfim de cristal para ficar reto – como foi a peça ontem à noite?

– Oh, tiveram de sair antes do final! – disse ela. – Tinham de estar de volta às dez! – disse ela. – Então não sabem o que aconteceu – disse ela. – Parece muito azar – disse ela (pois seus criados podiam ficar até mais tarde, se lhe pedissem). – Parece mesmo uma pena – disse ela, pegando a almofada velha e surrada no centro do sofá e pondo nos braços de Lucy, dando um leve empurrãozinho e exclamando:

– Leve isso embora! Dê para Mrs. Walker com meus cumprimentos! Leve embora! – exclamou.

E Lucy parou à porta da sala de visitas, segurando a almofada, e perguntou, muito tímida, corando levemente, se não podia ajudar a consertar o vestido.

Mas, disse Mrs. Dalloway, ela já tinha muito o que fazer, muito mesmo sem ajudar naquilo.

– Mas obrigada, Lucy, oh, obrigada – disse Mrs. Dalloway, e obrigada, obrigada, continuou dizendo (sentando no sofá com o vestido sobre os joelhos, a tesoura, as linhas), obrigada, obrigada, continuou dizendo em gratidão por seus criados em geral por ajudá-la a ser assim, a ser o que ela queria, gentil, de coração generoso. Seus criados gostavam dela. E agora esse vestido – onde estava o rasgão? e agora enfiar o fio na agulha. Era um de seus vestidos favoritos, um Sally Parker, quase o último que ela fez,

que pena, pois Sally agora estava aposentada, morava em Ealing, e se eu tiver um tempinho, pensou Clarissa (mas nunca mais teria um tempinho), vou visitá-la em Ealing. Pois era uma figura e tanto, pensou Clarissa, uma verdadeira artista. Inventava pequenos detalhes originais; mas seus vestidos nunca ficavam esquisitos. Dava para usá-los em Hatfield; no Palácio de Buckingham. Ela os usara em Hatfield; no Palácio de Buckingham.

A serenidade baixou sobre si, calma, contente, enquanto a agulha, puxando suavemente o fio de seda até a pausa delicada, reunia e prendia as pregas verdes, muito de leve, na faixa da cintura. Assim num dia de verão as ondas se juntam, se avolumam e caem; se juntam e caem; e o mundo inteiro parece dizer “é só isso” em tom mais e mais pesado, até que o coração dentro do corpo deitado ao sol na praia diz também, é só isso. Não temas mais, diz o coração. Não temas mais, diz o coração, entregando seu fardo a algum mar, que suspira coletivamente por todas as dores, e se renova, começa, se junta, deixa cair. E apenas o corpo ouve a abelha passando; a onda quebrando; o cão latindo, muito longe latindo latindo.

– Céus, a campainha da frente! – exclamou Clarissa, detendo a agulha. Surpresa, escutou.

– Mrs. Dalloway me receberá – disse o senhor no vestíbulo. – Oh sim, a mim ela receberá – repetiu, afastando Lucy de lado com muita gentileza e correndo escada acima cada vez mais depressa. – Sim, sim, sim – murmurava enquanto corria escada acima. – Vai me receber. Depois de cinco anos na Índia, Clarissa vai me receber.

– Quem – o quê – indagou Mrs. Dalloway (pensando que era um absurdo ser interrompida às onze da manhã no dia em que ia dar uma festa), ouvindo passos na escada. Ouviu uma mão na porta. Tentou esconder o vestido, como uma virgem protegendo a castidade, respeitando a privacidade. Então a maçaneta de metal se moveu. Então a porta se abriu e entrou – por um segundo ela não conseguiu lembrar como ele se chamava! tão surpresa estava em vê-lo, tão alegre, tão tímida, tão absolutamente atônita que Peter Walsh viesse inesperadamente vê-la de manhã! (Não tinha lido a carta dele.)

– E como vai você? – disse Peter Walsh, realmente tremendo; tomando-lhe as duas mãos; beijando-lhe as duas mãos. Ela envelheceu, pensou, sentando. Não vou comentar nada, pensou, pois ela envelheceu. Ela está me olhando, pensou, um súbito embaraço se apossando dele, embora lhe tivesse beijado as mãos. Pondo a mão no bolso, tirou um grande canivete e abriu a lâmina até o meio.

Exatamente o mesmo, pensou Clarissa; o mesmo olhar esquisito; o mesmo terno xadrez; um pouco alterado o rosto, um pouco mais magro, mais enxuto, talvez, mas ele parece muitíssimo bem, e realmente o mesmo.

– Que maravilhoso ver você de novo! – ela exclamou. Estava com o canivete na mão. Isso é tão dele, pensou ela.

Ele só tinha chegado à cidade na noite anterior, disse; teria de ir imediatamente para o campo; e como ia tudo, como estavam todos – Richard? Elizabeth?

– E o que é isso tudo? – disse apontando o canivete para o vestido verde.

Está muito bem vestido, pensou Clarissa; e no entanto critica sempre a mim.

Aqui está ela consertando o vestido; consertando o vestido como sempre, pensou ele; aqui está ela sentada durante esse tempo todo que passei na Índia; consertando o vestido; distraíndo-se; indo a festas; indo e voltando da Câmara e todo o resto, irritando-se cada vez mais, agitando-se cada vez mais, pois não existe nada pior no mundo para algumas mulheres do que o casamento, pensou ele; e a política; e tendo um marido conservador, como o admirável Richard. Assim é que é, assim é que é, pensou fechando o canivete num estalo.

– Richard está muito bem. Richard está num comitê – disse Clarissa.

E abriu a tesoura e perguntou se ele se importaria que ela acabasse o que estava fazendo no vestido, pois tinham uma festa naquela noite.

– Para a qual não vou convidá-lo – disse ela. – Meu querido Peter! – disse ela.

Mas era delicioso ouvi-la dizer aquilo – meu querido Peter! De fato, era tudo tão delicioso – a prataria, as cadeiras; tudo tão delicioso!

Por que não ia convidá-lo para a festa? ele perguntou.

Ora claro, pensou Clarissa, ele é encantador! absolutamente encantador! Agora lembro como sempre foi impossível decidir – e por que afinal decidi não me casar com ele, indagou-se, naquele verão horrível?

– Mas é tão extraordinário que você tenha vindo esta manhã! – ela exclamou, pousando as mãos, uma sobre a outra, no vestido.

– Você lembra – disse ela – como as venezianas costumavam bater em Bourton?

– Batiam sim – disse ele, e lembrou os desjejuns que tomou sozinho, muito constrangido, com o pai dela; que tinha morrido; e ele não escrevera a Clarissa. Mas nunca tinha se dado bem com o velho Parry, aquele velho frouxo e lamuriento, o pai de Clarissa, Justin Parry.

– Gostaria de ter me dado melhor com seu pai – disse ele.

– Mas ele nunca gostava de nenhum que... de nenhum de nossos amigos – disse Clarissa; e teve vontade de morder a língua por lembrar dessa maneira a Peter que ele queria se casar com ela.

Claro que queria, pensou Peter; quase partiu seu coração também, pensou ele; e ficou esmagado de dor, a qual subia como uma lua vista de um terraço, lividamente bela com a luz do dia naufragado. Nunca me senti tão infeliz, pensou ele. E como se estivesse sentado naquele terraço inclinou-se um pouco para Clarissa; estendeu a mão; ergueu a mão; deixou cair. Ali acima deles estava ela, aquela lua. Ela também parecia estar sentada com ele no terraço, ao luar.

– Agora é de Herbert – disse ela. – Não tenho ido mais – disse ela.

Então, tal como acontece num terraço ao luar, quando a pessoa começa a sentir vergonha por já estar entediada, mas apesar disso, enquanto a outra está calada, muito quieta, olhando tristemente a lua, não sente vontade de falar, mexe o pé, pigarreia, nota alguma voluta de ferro na perna de uma mesa, agita uma folha, mas não diz nada – era o que agora fazia Peter Walsh. Pois por que voltar assim ao passado? pensou ele. Por que fazê-lo pensar naquilo de novo? Por que fazê-lo sofrer, quando ela o torturara de maneira tão infernal? Por quê?

– Lembra o lago? – perguntou ela, numa voz brusca, sob a pressão de uma emoção que lhe tomou o peito, enrijeceu os músculos da garganta e contraiu seus lábios num espasmo ao dizer “lago”. Pois era uma criança atirando pão aos patos, entre os pais, e ao mesmo tempo uma mulher adulta vindo até os pais que estavam junto ao lago, carregando sua vida nos braços que, conforme se aproximava deles, ia crescendo, crescendo entre os braços, até se tornar uma vida inteira, uma vida completa, que depôs diante deles e disse: “Foi isso o que eu fiz dela! Isso!”. E o que tinha feito dela? O quê, realmente? sentada ali costurando nessa manhã junto com Peter.

Ela olhou para Peter Walsh; seu olhar, atravessando todo aquele tempo e aquela emoção, alcançou-o hesitante; pousou nele lacrimoso; e subiu e voou para longe, como um pássaro que encosta num ramo, sobe e voa para longe. Com toda a simplicidade enxugou os olhos.

– Lembro sim – disse Peter. – Sim, sim, sim – disse ele, como se ela trouxesse à superfície algo que o feria decididamente à medida que subia. Pare! Pare! queria gritar. Pois não era velho; sua vida não estava acabada; não, de maneira nenhuma. Mal tinha entrado nos cinquenta. Conto a ela, pensou, ou não? Queria desafogar tudo aquilo. Mas ela era fria demais, pensou; costurando, com a tesoura; Daisy pareceria vulgar ao lado

de Clarissa. E ela me julgaria um fracasso, o que sou mesmo na aceção deles, pensou; na aceção dos Dalloway. Oh sim, não tinha nenhuma dúvida a respeito; era um fracasso, comparado a tudo isso – a mesa marchetada, o estilete incrustado, o delfim e os candelabros, as capas das cadeiras e as valiosas gravuras antigas inglesas – ele era um fracasso! Detesto a pretensão da história toda, pensou; coisa de Richard, não de Clarissa; tirando que ela se casou com ele. (Nesse instante Lucy entrou na sala, trazendo pratos e mais pratos, e encantadora, esbelta, graciosa parecia ela, pensou, enquanto se curvava para depor a prataria.) E tem sido isso o tempo inteiro! pensou; semana após semana; a vida de Clarissa; enquanto eu – pensou; e de repente tudo pareceu se irradiar dele; viagens; passeios a cavalo; brigas; aventuras; partidas de bridge; casos amorosos; trabalho; trabalho, trabalho! e abriu inteiramente o canivete – seu velho canivete com cabo de chifre que Clarissa podia jurar que teve durante esses trinta anos – e cerrou o punho por cima dele.

Que hábito extraordinário era aquele, pensou Clarissa; sempre brincando com um canivete. Sempre fazendo a pessoa se sentir, também, frívola; cabeça oca; uma simples tagarela tola, como costumava fazer. Mas eu também, pensou ela, e, pegando a agulha, convocou, como uma rainha cujos guardas tenham caído no sono deixando-a desprotegida (ela tinha sido apanhada totalmente de surpresa por essa visita – ficara transtornada) e assim qualquer um pode entrar e fitá-la deitada sob os arbustos se curvando sobre ela, convocou em seu auxílio as coisas que fazia; as coisas que apreciava; o marido; Elizabeth; ela mesma, em suma, a quem Peter mal conhecia agora; todas elas, para que viessem e derrotassem o inimigo.

– Bem, e o que você tem feito? – perguntou ela. Antes que se inicie uma batalha, é assim que os cavalos escarvam o solo; agitam a crina; a luz brilha em seus flancos; encurvam o pescoço. Assim Peter Walsh e Clarissa, sentados lado a lado no sofá azul, desafiavam um ao outro. As forças dele se aqueciam e se debatiam. Reuniu de diversos quadrantes as mais variadas coisas; louvores; a carreira em Oxford; seu casamento, do qual ela não sabia absolutamente nada; o quanto ele tinha amado; e cumprido plenamente sua tarefa.

– Milhões de coisas! – ele exclamou, e, pressionado pela congregação de forças que agora arremetiam por vários lados dando-lhe a sensação ao mesmo tempo assustadora e extremamente revigorante de ser arremetido ao ar sobre os ombros de pessoas que não conseguia mais ver, levou as mãos à testa.

Clarissa estava sentada com as costas muito retas; prendeu a respiração.

– Estou apaixonado – disse, mas não a ela, e sim a alguém que se erguera no escuro de forma que não havia como tocar e teria de depositar sua guirlanda sobre a relva no escuro.

– Apaixonado – repetiu, agora falando um tanto seco para Clarissa Dalloway – apaixonado por uma moça na Índia.

Tinha depositado sua guirlanda. Clarissa podia fazer o que quisesse com ela.

– Apaixonado! – disse ela. Que ele em sua idade fosse sugado sob a gravatinha borboleta por aquele monstro! E tem o pescoço descarnado; as mãos vermelhas; e é seis meses mais velho do que eu! seu olhar lhe devolveu o que via; mas no coração ela sentiu, mesmo assim; ele está apaixonado. Ele tem isso, ela sentiu; está apaixonado.

Mas o egoísmo indomável que vence definitivamente as hostes que se opõem a ele, o rio que diz avance, diante, diante; muito embora, admite ele, possa não existir nenhuma meta para nós, ainda assim diante, diante; esse egoísmo indomável trouxe colorido a suas faces; tornou a fisionomia dela muito jovial; muito rosada; com os olhos muito brilhantes enquanto ficava ali sentada com o vestido sobre os joelhos, e a agulha com o fio de seda verde estendido, tremendo um pouco. Ele estava apaixonado! Não por ela. Por alguma mulher mais jovem, claro.

– E quem é ela? – perguntou.

Agora essa estátua tem de ser baixada de suas alturas e deposta entre eles.

– Uma mulher casada, infelizmente – disse ele –; a mulher de um major do exército indiano.

E com uma curiosa doçura irônica ele sorriu ao depô-la dessa maneira ridícula diante de Clarissa.

(Mesmo assim, ele está apaixonado, pensou Clarissa.)

– Ela tem – continuou calmamente – dois filhos pequenos; um menino e uma menina; e vim consultar meus advogados sobre o divórcio.

Aí estão! pensou ele. Faça o que quiser com eles, Clarissa! Aí estão! E de segundo em segundo parecia-lhe que a mulher do major do exército indiano (sua Daisy) e seus dois filhinhos se tornavam cada vez mais adoráveis conforme Clarissa os olhava; como se ele tivesse acendido um rojãozinho num prato e uma linda árvore tivesse se erguido no revigorante ar salino da intimidade deles (pois em alguns aspectos ninguém o entendia ou compartilhava seus sentimentos como Clarissa) – a maravilhosa intimidade deles.

Ela o adúlou; ela o fez de tolo, pensou Clarissa; modelando a mulher, a esposa do major do exército indiano, a três talhos de um canivete. Que desperdício! Que desatino! Durante toda a vida Peter tinha feito papel de tolo como agora; primeiro sendo desligado de Oxford; depois casando-se com a moça no navio para a Índia; agora a esposa de um major – dava graças por não ter se casado com ele! Mesmo assim, ele estava apaixonado; seu velho amigo, seu querido Peter estava apaixonado.

– Mas o que você vai fazer? – perguntou. Oh, os advogados e procuradores, Mr. Hooper e Mr. Grateley de Lincoln's Inn, iam cuidar de tudo, disse ele. E agora estava aparando as unhas com o canivete.

Em nome dos céus, deixe esse canivete em paz! exclamou para si mesma numa irritação incontrolável; era sua tola informalidade, sua fraqueza, sua falta de qualquer sombra de ideia do que os outros podiam sentir, que a aborrecia, sempre a aborrecera; e agora naquela idade, que coisa mais tola!

Sei de tudo isso, pensou Peter; sei o que estou contrariando, pensou, passando o dedo pela lâmina do canivete, Clarissa e Dalloway e todo o resto; mas vou mostrar a Clarissa – e então para sua absoluta surpresa, subitamente arremessado por aquelas forças incontroláveis, arremessado ao ar, ele rompeu em lágrimas; chorou; chorou sem a menor vergonha, sentado no sofá, as lágrimas correndo pelas faces.

E Clarissa se inclinara para frente, tomara sua mão, atraía-o para si, beijara-o – na verdade sentira o rosto dele no seu antes que conseguisse abater as plumas prateadas que se ostentavam como capim dos pampas numa ventania tropical em seu peito, as quais, cedendo, deixaram-na segurando a mão dele, dando tapinhas no joelho e se sentindo ao reclinar para trás extraordinariamente à vontade com ele e de coração leve, e lhe veio num estalo: se eu tivesse me casado com ele, teria essa alegria o dia todo!

Estava tudo acabado para ela. Tinha um lençol bem esticado e a cama era estreita. Tinha subido sozinha à torre deixando-os a colher amoras ao sol. A porta se fechara, e lá entre o pó do reboco caído e a palha dos ninhos como parecia distante a paisagem, e como os sons chegavam fracos e frios (lá em Leith Hill, ela lembrava) e Richard, Richard! exclamou, como um adormecido que desperta de noite e estende a mão no escuro em busca de auxílio. Almoçando com Lady Burton, voltou-lhe à memória. Ele me deixou; estou sozinha para sempre, pensou, enlaçando as mãos nos joelhos.

Peter Walsh tinha se levantado, atravessara a sala até a janela e estava de costas para ela, enxugando o rosto com um grande lenço colorido. Imperioso, seco, desolado parecia ele, as omoplatas magras erguendo levemente o paletó; assoprando ruidosamente o nariz. Leve-me com você, pensou Clarissa num impulso, como se ele

estivesse saindo imediatamente para uma longa viagem; e então, no instante seguinte, foi como se agora uma peça em cinco atos muito envolvente e empolgante tivesse se acabado e ela tivesse vivido ali uma existência inteira, tivesse fugido, tivesse vivido com Peter, e agora tivesse se acabado.

Agora era hora de ir, e, tal como uma mulher junta suas coisas, o casaco, as luvas, o binóculo de teatro e se levanta para sair do teatro e ir embora, ela se ergueu do sofá e foi até Peter.

E era tremendamente estranho, pensou ele, como ela ainda tinha o poder, conforme se aproximava tilintando, farfalhando, ainda tinha o poder, conforme atravessava a sala, de fazer a lua, que ele detestava, se erguer no terraço em Bourton no céu de verão.

– Diga-me – disse ele tomando-a pelos ombros. – Você é feliz, Clarissa? Richard...

A porta se abriu.

– Eis minha Elizabeth – disse Clarissa em tom emotivo, histriônico, talvez.

– Como vai? – disse Elizabeth avançando.

O som do Big Ben batendo a meia hora se alargou entre eles com um vigor extraordinário, como um rapaz forte, rude, indiferente, exercitando-se em círculos com seus mudos halteres de chumbo nas mãos.

– Olá, Elizabeth! – exclamou Peter, enfiando o lenço no bolso, indo rápido até ela, dizendo “Até mais, Clarissa” sem a olhar, saindo rápido da sala, descendo as escadas correndo e abrindo a porta do vestíbulo.

– Peter, Peter! – gritou Clarissa, seguindo-o até a entrada. – Minha festa! Não esqueça minha festa hoje à noite! – gritou, tendo de erguer a voz sobre o rugir lá de fora, e, abafada pelo trânsito e pelo som de todos os relógios batendo, sua voz gritando “Não esqueça minha festa hoje à noite!” soou fina, fraca e muito distante enquanto Peter Walsh fechava a porta.

Não esqueça minha festa, não esqueça minha festa, disse Peter Walsh enquanto descia os degraus até a rua, falando ritmicamente consigo mesmo, em compasso com o fluir do som, o som forte e sonoro do Big Ben batendo a meia hora. (Os círculos de chumbo se dissolveram no ar.) Oh essas festas, pensou ele; as festas de Clarissa. Por que ela dá essas festas? pensou ele. Não que a censurasse, e nem a essa figura de fraque com um cravo na lapela vindo em sua direção. Apenas uma pessoa no mundo podia estar como ele estava, apaixonado. E ali estava, esse felizardo, o próprio, refletido na vitrine de uma loja de automóveis na Victoria Street. Toda a Índia se estendia atrás dele; planícies, montanhas; epidemias de cólera; um distrito duas vezes maior que a Irlanda; decisões que tomara sozinho – ele, Peter Walsh; o qual agora estava apaixonado realmente pela primeira vez na vida. Clarissa tinha se endurecido, pensou; e ficado um pouquinho sentimental para compensar, suspeitava ele, olhando os grandes automóveis capazes de fazer – quantos quilômetros por litro? Pois ele tinha uma queda para a mecânica; inventara um arado em seu distrito, encomendara carrinhos de mão da Inglaterra, mas os cules não usavam, e de tudo isso Clarissa não fazia a menor ideia.

A maneira como ela disse “Eis minha Elizabeth!” – aquilo o aborreceu. Por que não “Eis Elizabeth” simplesmente? Era insincera. E Elizabeth também não gostou. (Os últimos tremores da grande voz retumbante ainda abalavam o ar em seu redor; a meia hora; ainda cedo; ainda só onze e meia.) Pois ele entendia os jovens; gostava deles. Sempre havia algo frio em Clarissa, pensou. Sempre teve, mesmo quando mocinha, uma espécie de timidez, que na meia-idade se torna convencionalismo, e então tudo se acaba, tudo se acaba, pensou, olhando bastante melancólico nas profundezas vítreas, e se indagando se a teria incomodado ao visitá-la naquela hora; subitamente tomado de vergonha por ter sido um tolo; por ter chorado; ter sido emotivo; ter-lhe contado tudo,

como sempre, como sempre.

Quando uma nuvem cobre o sol, o silêncio cai sobre Londres, e cai sobre a mente. O esforço cessa. O tempo oscila no mastro. Ali paramos; ali ficamos. Rígido, apenas o esqueleto do hábito sustenta a estrutura humana. Onde não há nada, disse Peter Walsh a si mesmo; sentindo-se esvaziado, totalmente vazio por dentro. Clarissa me recusou, pensou ele. Ficou ali pensando, Clarissa me recusou.

Ah, disse St. Margaret's, como uma dama dando uma recepção que entra na sala de visitas no exato momento em que bate a hora e encontra seus convidados já ali presentes. Não estou atrasada. Não, são exatamente onze e meia, ela diz. No entanto, embora esteja absolutamente certa, sua voz, sendo a voz da anfitriã, reluta em impor sua individualidade. Alguma dor pelo passado a retém; alguma preocupação pelo presente. São onze e meia, ela diz, e o som de St. Margaret's desliza nos recessos do coração e se enterra em anéis e mais anéis sonoros, como alguma coisa viva que quer se entregar, se dispersar, estar, com um frêmito de prazer, em repouso – como a própria Clarissa, pensou Peter Walsh, de branco descendo a escada ao bater da hora. É a própria Clarissa, pensou, com uma emoção profunda e uma lembrança extraordinariamente clara, no entanto enigmática, como se esse sino tivesse entrado na sala anos atrás, onde estavam sentados em algum momento de grande intimidade, e tivesse passado de um para o outro e depois partisse carregando o momento, como uma abelha e o mel. Mas que sala? Que momento? E por que ele se sentiu tão profundamente feliz enquanto o sino batia as horas? Então, enquanto o som de St. Margaret's se enfraquecia, ele pensou, ela estava doente, e o som expressava fraqueza e sofrimento. Era o coração, lembrou ele; e o súbito volume da última badalada dobrou pela morte que surgiu de surpresa no meio da vida, Clarissa caindo onde estava, em sua sala de visitas. Não! Não! ele gritou. Ela não morreu! Não estou velho, gritou e subiu a Whitehall a passos firmes, como se ali se estendesse, vigoroso, infundável, seu futuro.

Não estava velho, duro ou seco, nem um pouco. Quanto a se importar com o que diziam dele – os Dalloway, os Whitbread e seus círculos, não se importava minimamente – minimamente (embora fosse verdade que teria, uma hora ou outra, de ver se Richard não o ajudaria a arranjar algum emprego). Caminhando a passos largos, olhando fixo, ele encarou a estátua do duque de Cambridge. Tinha sido dispensado de Oxford – verdade. Tinha sido um socialista, em certo sentido um fracasso – verdade. Mas o futuro da civilização, pensou ele, está nas mãos de rapazes assim; de rapazes como ele era, trinta anos atrás; com seu amor por princípios abstratos; encomendando livros que lhes eram enviados de Londres até um pico nos Himalaias; lendo ciências; lendo filosofia. O futuro está nas mãos de rapazes assim, pensou.

Um rufar como o rufar de folhas num bosque veio por trás, e com ele um farfalhar, um tamborilar surdo e constante, que ao envolvê-lo cadenciou seus pensamentos em rigoroso compasso, subindo Whitehall, involuntariamente. Jovens de uniforme, carregando armas, marchavam olhando em frente, marchavam, de braços rígidos, e no rosto uma expressão como as letras de uma legenda na base de uma estátua enaltecendo o dever, a gratidão, a lealdade, o amor pela Inglaterra.

É, pensou Peter Walsh, começando a acompanhar o passo, um ótimo treinamento. Mas não pareciam robustos. Eram fracotes na maioria, garotos de dezesseis anos, que amanhã poderiam estar atrás do balcão com tigelas de arroz ou barras de sabão. Agora portavam intocados pelo prazer sensual ou pelas preocupações diárias a solenidade da coroa que traziam de Finsbury Pavement até a tumba vazia. Tinham prestado juramento. O trânsito respeitava; os furgões recebiam ordens de parar.

Não consigo acompanhá-los, pensou Peter Walsh, conforme marchavam Whitehall acima, e com segurança continuavam a marchar, passando por ele, passando por todos, imperturbáveis, como se uma única vontade movesse pernas e braços de maneira

uniforme, e a vida, com suas variedades, suas irrregrâncias, tivesse sido enterrada sob um pavimento de monumentos e coroas e embalsamada pela disciplina num cadáver rígido mas de olhar fixo. Devia-se respeitar; podia-se rir; mas devia-se respeitar, pensou ele. Lá vão eles, pensou Peter Walsh, parando na beira da calçada; e todas as estátuas enaltecidas, Nelson, Gordon, Havelock, as imagens negras, as imagens espetaculares de grandes soldados de pé olhando em frente, como se eles também tivessem feito a mesma renúncia (Peter Walsh sentiu que, ele também, tinha feito a grande renúncia), sendo esmagados pelas mesmas tentações e alcançando finalmente um olhar fixo de mármore. Mas o olhar fixo Peter Walsh não desejava para si, de maneira nenhuma, embora pudesse respeitá-lo em outros. Podia respeitá-lo em garotos. Eles ainda não conhecem os problemas da carne, pensou, enquanto os garotos em marcha desapareciam na direção do Strand – passei por tudo isso, pensou atravessando a rua e parando sob a estátua de Gordon, Gordon a quem venerava quando menino; Gordon de pé, sozinho, com uma perna erguida e os braços cruzados – pobre Gordon, pensou.

E simplesmente porque ninguém sabia ainda que ele estava em Londres, a não ser Clarissa, e a terra, depois da viagem, ainda lhe parecia uma ilha, a estranheza de estar sozinho, vivo, ignorado, às onze e meia na Trafalgar Square tomou conta dele. O que é isso? Onde estou? E por que, afinal, alguém age assim? pensou, o divórcio lhe parecendo um puro disparate. E seu espírito baixou e se aplainou como um pântano, e três grandes emoções se apoderaram dele; a compreensão; uma imensa afeição pela humanidade; e finalmente, como se resultasse delas, um prazer raro e irreprimível; como se dentro de seu cérebro corressem cortinas puxadas por outra mão, persianas se abrissem, e ele, não tendo nada a ver com aquilo, ainda assim se encontrasse diante de avenidas intermináveis pelas quais, se quisesse, poderia vaguear. Fazia anos que não se sentia tão jovem.

Tinha escapado! era absolutamente livre – como acontece quando o hábito cede e a mente, feito uma chama desprotegida, se dobra e se inclina e parece prestes a se desprender de seu suporte. Faz anos que não me sinto tão jovem! pensou Peter, escapando (apenas, claro, por cerca de uma hora) a ser exatamente o que era, e se sentindo como uma criança que corre lá fora e vê, ao correr, a velha babá acenando na janela errada. Mas ela é extraordinariamente atraente, pensou, quando, atravessando a Trafalgar Square na direção do Haymarket, apareceu uma jovem que, ao passar pela estátua de Gordon, pareceu, pensou Peter Walsh (sensível como era), soltar véu após véu, até se tornar a exata mulher que ele sempre teve em mente; jovem, mas majestosa; alegre, mas discreta; morena, mas encantadora.

Aprumando-se e brincando furtivamente com o canivete de bolso ele saiu atrás para seguir essa mulher, essa excitação que mesmo de costas parecia lançar sobre ele uma luz que os ligava, que o individualizava, como se o tumulto aleatório do trânsito tivesse sussurrado com as mãos em concha o nome dele, não Peter, mas seu nome íntimo com que se chamava mentalmente. “Você”, disse ela, apenas “você”, dizendo-o com suas luvas brancas e seus ombros. Então o longo manto fino que o vento agitava enquanto ela passava pela Dent’s na Cockspur Street se abriu com uma bondade envolvente, uma ternura melancólica, como braços que se abrissem para acolher o cansado –

Mas ela não é casada; é jovem; muito jovem, pensou Peter, o cravo vermelho que vira em seus trajes quando atravessou a Trafalgar Square ardendo de novo nos olhos dele e ruborizando os lábios dela. Mas ela esperava no meio-fio. Tinha uma dignidade própria. Não era mundana, como Clarissa; não era rica, como Clarissa. Seria, perguntou-se quando ela retomou o passo, respeitável? Espirituosa, com uma linguinha afiada, pensou (pois a gente precisa inventar, precisa se permitir um pouco de diversão), um humor sereno e fresco, um humor penetrante; não ruidoso.

Elas andou; atravessou; ele a seguiu. A última coisa que queria era importuná-la. Mesmo assim, se ela parasse, ele diria “Vamos tomar um sorvete”, ele diria, e ela responderia com toda a simplicidade “Vamos”.

Mas outras pessoas se interpuseram na rua, obstruindo-o, ocultando-a. Ele foi atrás; ela se desviou. Tinha cor nas faces, zombaria nos olhos; ele era um aventureiro, temerário, pensou Peter, rápido, ousado, de fato (tendo chegado da Índia na noite anterior) um bucaneiro romântico, indiferente a todas essas malditas etiquetas, robes amarelos, cachimbos, varas de pesca, nas vitrines das lojas; e à respeitabilidade e a festas e a velhos elegantes com faixas brancas sob os coletes. Ele era um bucaneiro. Ela prosseguia, passando Piccadilly, subindo a Regent Street, à frente dele, seu manto, suas luvas, seus ombros combinando com as franjas e as fitas e os boás de plumas nas vitrines para compor o espírito de elegância e excentricidade que saía das lojas para cintilar debilmente nas ruas, como a luz de uma lâmpada que transpõe bruxuleante as sebes na escuridão da noite.

Risonha e encantadora, ela tinha atravessado o cruzamento da Oxford Street com a Great Portland Street e virou numa das travessas, e agora, e agora ia se aproximando o grande momento, pois agora ela diminuiu o passo, abriu a bolsa, e com um olhar em sua direção, mas não para ele, um olhar que se despidia, resumia toda a situação e a liquidava triunfalmente, para sempre, enfiou a chave na fechadura, abriu a porta e desapareceu! A voz de Clarissa dizendo, Não esqueça minha festa, Não esqueça minha festa, cantou em seus ouvidos. A casa era uma daquelas casas vermelhas simples, tendo do lado de fora cestas de flores de aparência vagamente imprópria. Tinha se acabado.

Bem, minha diversão eu tive; tive sim, pensou ele, olhando ao alto as cestas oscilantes de gerânios pálidos. E estava esmigalhada em átomos – sua diversão, pois metade era inventada, como muito bem sabia; inventada, essa escapadela com a moça; inventada, como se inventa a melhor parte da vida, pensou – inventando a si; inventando a ela; criando um entretenimento delicioso, e alguma coisa mais. Mas estranho era, e muito verdadeiro; tudo isso que nunca se podia partilhar – esmigalhado em átomos.

Deu meia-volta; subiu a rua pensando em encontrar algum lugar para sentar, até dar a hora de Lincoln’s Inn – a hora de Mr. Hooper e Mr. Grateley. Aonde iria? Tanto faz. Então o Regent’s Park. Suas botas na calçada batiam “tanto faz”; pois era cedo, muito cedo ainda.

Era também uma manhã magnífica. Como a pulsação de um coração perfeito, a vida batia perfeita nas ruas. Sem tenteios – sem hesitação. Girando e guinando, preciso, pontual, silencioso, ali, exatamente no instante certo, o automóvel parou à porta. A moça, com meias de seda e plumas, evanescente, mas para ele não especialmente atraente (pois tinha tido sua aventura), desceu. Mordomos impecáveis, chow-chows fulvos, vestíbulos de losangos brancos e pretos com cortinas brancas ondulando, Peter viu pela porta aberta e aprovou. Uma magnífica realização em seu gênero, afinal, Londres; a temporada; a civilização. Vindo como vinha de uma respeitável família anglo-indiana que administrava fazia pelo menos três gerações os negócios de um continente (é estranho, pensou, o sentimento que tenho a respeito, desgostando da Índia, do império e do exército como desgostava), havia momentos em que a civilização, mesmo dessa espécie, parecia-lhe cara como um bem pessoal; momentos de orgulho pela Inglaterra; por mordomos; por chow-chows e moças cheias de segurança. Bastante ridícula, mas aqui está ela, pensou. E os médicos, empresários, mulheres capazes, todos cuidando de seus afazeres, pontuais, alertas, robustos, pareciam-lhe admiráveis, bons sujeitos, a quem se poderia confiar a vida, companheiros na arte de viver, capazes de entender. No final das contas, o espetáculo era realmente muito aceitável; e ele se sentaria à sombra e iria fumar.

Havia o Regent's Park. Sim. Quando criança passeava no Regent's Park – esquisito, pensou, como continuam me voltando as memórias de infância – consequência de ter visto Clarissa, talvez; pois as mulheres vivem muito mais no passado do que nós, pensou. Elas se apegam a lugares; e os pais – uma mulher sempre tem orgulho do pai. Bourton era um lugar bonito, um lugar muito bonito, mas nunca consegui me dar bem com o velho, pensou. Uma noite houve uma cena tremenda – uma discussão sobre alguma coisa, o quê, não conseguia lembrar. Política, provavelmente.

Sim, ele se lembrava do Regent's Park; a alameda reta e comprida; a casinha onde vendiam balões na esquerda; uma estátua absurda com uma inscrição em algum lugar. Procurou um lugar vazio. Não queria que viessem incomodá-lo (sentindo-se um pouco sonolento) para perguntar as horas. Uma babá grisalha e idosa, com um bebê adormecido no carrinho – era o melhor que poderia encontrar; sentou-se na outra ponta do banco ao lado daquela babá.

É uma moça de ar esquisito, pensou de repente lembrando Elizabeth quando entrou na sala e ficou ao lado da mãe. Crescida; bem crescida, não propriamente bonita; mais para graciosa; e não deve ter mais de dezoito anos. Provavelmente não se dá bem com Clarissa. “Eis minha Elizabeth” – aquele tipo de coisa – por que não “Eis Elizabeth” simplesmente? – tentando fingir, como a maioria das mães, que as coisas são o que não são. Ela confia demais em seu encanto, pensou. Abusa dele.

A densa fumaça agradável do charuto desceu fresca pela garganta; soltou-a em anéis que enfrentavam bravamente o ar por um instante; azuis, circulares – vou tentar trocar uma palavra a sós com Elizabeth hoje à noite, pensou – então começaram a se estreitar em feitiços de ampulheta e a se afilar; feitiços estranhos que assumem, pensou. De repente fechou os olhos, ergueu a mão com esforço e atirou longe a ponta grossa do charuto. Uma grande escova macia passou varrendo sua mente, levando galhos inquietos, vozes infantis, passos arrastados e gente andando, e o trânsito zunindo, o trânsito aumentando e diminuindo. Foi se afundando entre as penas e as plumas do sono, afundou-se e tudo se amorteceu.

A babá grisalha retomou seu tricô enquanto Peter Walsh, a seu lado no banco aquecido, começava a roncar. Com seu vestido grisalho, as mãos num movimento incansável mas tranquilo, parecia a guardiã dos direitos dos adormecidos, uma daquelas presenças espectrais que se erguem ao lusco-fusco nas matas feitas de céu e de ramagens. O viajante solitário, frequentador de veredas, perturbador de samambaias, devastador de funchos selvagens, erguendo os olhos de súbito, vê a figura gigantesca no final da trilha.

Talvez ateu por convicção, é tomado de surpresa por momentos de extraordinária exaltação. Não existe nada fora de nós, a não ser um estado de espírito, ele pensa; um desejo de consolo, de alívio, de algo exterior a esses pigmeus infelizes, esses seres, homens e mulheres, débeis, feios e medrosos. Mas, se ele pode concebê-la, de alguma maneira ela existe, pensa, e avançando na trilha com os olhos postos no céu e nas ramagens rapidamente dota-as de feminilidade; vê com assombro a solenidade que adquirem; a majestade, quando agitadas pela brisa, com que num sombrio adejo das folhas dispensam caridade, compreensão, absolvição, e então, de súbito arremessando-se ao alto, dão à piedosa misericórdia de seu aspecto um ar de embriaguez descontrolada.

Tais são as visões que oferecem grandes cornucópias transbordantes de frutas ao viajante solitário, ou murmuram em seus ouvidos como sereias vagando ociosas pelas ondas verdes do mar, ou são atiradas a seu rosto como ramalhetes de rosas, ou sobem à superfície com pálidas faces que os pescadores debatendo-se no oceano tentam alcançar.

Tais são as visões que incessantemente flutuam sobre, correm ao lado, postam-se

diante da coisa real; muitas vezes dominando o viajante solitário e retirando-lhe o sentido da terra, o desejo do retorno e dando-lhe em troca uma paz geral, como se (assim pensa ele enquanto avança na trilha da floresta) toda essa febre de viver fosse a própria simplicidade; e miríades de coisas se fundissem numa coisa só; e essa figura feita de céu e ramagens tivesse se alçado do mar revolto (está velho, agora com mais de cinquenta) como uma forma sugada das ondas e levada ao alto e lá de cima vertesse com suas mãos magníficas a compaixão, a compreensão, a absolvição. Assim, pensa ele, possa eu nunca voltar à luz da lâmpada; à sala de estar; possa eu nunca acabar meu livro; nunca esvaziar meu cachimbo; nunca tocar a campainha para Mrs. Turner vir limpar; e possa eu caminhar até aquela figura grandiosa, que num gesto brusco da cabeça me erguerá em suas faixas de luz e possa eu ser impelido num sopro para o nada com todo o resto.

Tais são as visões. O viajante solitário logo chega ao outro lado da mata; e lá, vindo à porta com os olhos protegidos, provavelmente para escrutar seu retorno, sob as mãos em pala, com o avental branco ondulando, está uma mulher de idade que parece (tão poderosa é essa enfermidade) buscar pelo deserto um filho perdido; procurar um cavaleiro destruído; ser a figura da mãe cujos filhos morreram nas batalhas do mundo. Assim, enquanto o viajante solitário avança pela rua da aldeia onde as mulheres tricotam e os homens cavam o jardim, o anoitecer parece pressago; as figuras se imobilizam; como se algum augusto destino, por elas conhecido, aguardado sem medo, estivesse prestes a varrê-las para a aniquilação completa.

Na casa entre coisas comuns, o guarda-louças, a mesa, o parapeito da janela com seus gerânios, de repente a silhueta da dona da pensão, curvando-se para tirar a toalha, abranda-se com a luz, encantador emblema que apenas a lembrança de frios contatos humanos nos proíbe abraçar. Ela pega a geleia; guarda-a no armário.

– Mais nada para esta noite, senhor?

Mas a quem o viajante solitário dá resposta?

Assim a babá idosa tricotava cuidando do nenê adormecido no Regent's Park. Assim Peter Walsh roncava. Ele acordou num extremo repente, dizendo consigo: “A morte da alma”.

– Bom Deus! – disse consigo em voz alta, espreguiçando-se e abrindo os olhos. – A morte da alma. As palavras se ligavam a alguma cena, a alguma sala, a algum passado com que esteve sonhando. Ficou mais claro; a cena, a sala, o passado com que esteve sonhando.

Foi em Bourton naquele verão, no começo dos anos 90, quando estava tão perdidamente apaixonado por Clarissa. Havia muita gente, rindo e falando, em torno de uma mesa após o chá, e a sala estava banhada de luz amarela e densa de fumaça dos cigarros. Estavam falando de um homem que tinha se casado com a empregada, um dos fidalgos vizinhos, não lembrava o nome dele. Tinha se casado com a empregada, e ela viera em visita a Bourton – uma visita horrível, aquela. Ela estava absurdamente enfeitada, “como uma cacatua”, tinha dito Clarissa, arremedando-a, e não parava de falar. E falava, falava, sem parar. Clarissa arremedava. Então alguém disse – foi Sally Seton – faria alguma verdadeira diferença se soubessem que ela tinha tido uma criança antes de casar? (Naqueles dias, em grupos de moças e rapazes, era ousado dizer aquilo.) Ele ainda podia ver Clarissa, corando muito; contraindo-se de certa forma; dizendo: “Oh, nunca mais vou conseguir falar com ela!”. Com isso todo o grupo sentado em volta da mesa de chá pareceu vacilar. Foi muito incômodo.

Não a culpar por se incomodar com o fato, pois naqueles tempos uma jovem com a criação que ela teve não sabia nada, mas foi sua maneira que o irritou; desconfiada; dura; arrogante; puritana. “A morte da alma.” Ele tinha dito aquilo instintivamente,

rotulando o momento e costumava fazer – a morte da alma dela.

Todos vacilaram; quando ela falou, todos pareceram se curvar e então se reergueram com outro ar. Ele pôde ver Sally Seton, como uma criança que tivesse feito alguma travessura, inclinando-se para frente, muito ruborizada, querendo falar, mas com medo, e Clarissa realmente amedrontava as pessoas. (Ela era a melhor amiga de Clarissa, sempre por ali, uma criatura atraente, graciosa, morena, com fama naqueles dias de grande ousadia, e ele costumava lhe dar charutos, que ela fumava no quarto, e fora noiva de alguém ou tinha brigado com a família, e o velho Parry detestava igualmente os dois, o que era um grande vínculo.) Então Clarissa, ainda com ar de ofendida com todos eles, se levantou, deu alguma desculpa e saiu, sozinha. Quando abriu a porta, entrou aquele cão felpudo enorme que corria atrás dos carneiros. Ela se atirou sobre ele, entregou-se a arroubos. Era como se dissesse a Peter – era inteiramente destinado a si, ele sabia – “Eu sei que você me achou absurda por causa daquela mulher agora há pouco; mas veja como eu sou extraordinariamente afável; veja como eu gosto do meu Rob!”.

Eles sempre tiveram esse estranho poder de se comunicar sem palavras. Ela sabia claramente que ele a criticava. Então fazia algo muito óbvio para se defender, como aquela festa com o cachorro – mas nunca o enganava, ele sempre enxergava através dela. Não que dissesse alguma coisa, de maneira nenhuma; apenas ficava sentado com ar carrancudo. Era assim que geralmente suas brigas começavam.

Ela fechou a porta. E logo ele ficou profundamente deprimido. Tudo aquilo parecia inútil – continuar apaixonado; continuar a brigar; continuar a fazer as pazes, e ele foi passear sozinho, entre galpões e cocheiras, olhando os cavalos. (O lugar era muito humilde; os Parry nunca foram muito ricos; mas sempre havia tratadores e empregados nos estábulos – Clarissa adorava montar – e um velho cocheiro – como era o nome dele? – uma velha ama, Moody, Goody, um nome assim, que iam visitar numa salinha com montes de fotografias, montes de gaiolas de passarinhos.)

Foi uma noite horrível! Ele foi ficando cada vez mais triste, não só com aquilo; com tudo. E não podia vê-la; não podia lhe explicar; não podia resolver. Sempre havia gente em torno – ela continuava como se não tivesse acontecido nada. Este era seu lado diabólico – essa frieza, essa insensibilidade, algo muito profundo nela, que ele sentira mais uma vez esta manhã conversando com ela; uma impenetrabilidade. Mas os céus sabem o quanto ele a amava. Ela tinha algum estranho poder de tocar nos nervos da pessoa, de converter os nervos em cordas sensíveis, tinha sim.

Ele chegara para jantar bastante atrasado, devido a uma ideia idiota de querer se fazer notar, e sentara ao lado da velha Miss Parry – tia Helena – irmã de Mr. Parry, que supostamente presidia à mesa. Lá estava ela com seu xale de caxemira branca, com a cabeça recortada contra a janela – uma dama temível, mas bondosa com ele, pois encontrara para ela algumas flores raras, e ela era uma grande botanista, saindo a campo com botas grossas e uma caixa preta de alumínio a tiracolo. Sentou ao lado dela, e não conseguiu falar. Tudo parecia passar velozmente por ele; ficou sentado ali, comendo. E então a meio do jantar obrigou-se a olhar Clarissa do outro lado da mesa. Ela estava conversando com um rapaz à sua direita. Ele teve uma revelação súbita. “Ela vai se casar com aquele homem”, disse consigo mesmo. Nem sequer sabia o nome dele.

Pois foi naquela tarde, naquela mesma tarde, que Dalloway apareceu; e Clarissa o chamou de “Wickham”; foi assim que tudo começou. Alguém o trouxera; e Clarissa entendeu mal o nome. Apresentou-o a todos como Wickham. Finalmente ele disse “Meu nome é Dalloway!” – foi esta sua primeira visão de Richard – um belo rapaz, um pouco desajeitado, sentado numa espreguiçadeira e falando de impulso “Meu nome é Dalloway!”. Sally não deixou escapar; depois disso sempre o chamava de “Meu nome é Dalloway!”.

Ele era tomado por revelações naquela época. Esta – que ela se casaria com Dalloway – foi fulminante – esmagadora no momento. Havia uma espécie – como dizer? – uma espécie de naturalidade nas maneiras dela com ele; algo maternal; algo gentil. Estavam falando de política. Durante todo o jantar ele tentou escutar o que estavam dizendo.

Depois lembrava que tinha ficado ao lado da cadeira da velha Miss Parry na sala de visitas. Clarissa apareceu, com suas maneiras perfeitas, como uma verdadeira dama dando uma recepção, e quis apresentá-lo a alguém – falava como se nunca tivessem se visto antes, o que o enfureceu. No entanto, mesmo então ele a admirou por isso. Admirou sua coragem; seu instinto social; admirou seu poder de dar andamento às coisas. “A perfeita dama de sociedade”, disse-lhe, ao que ela se retraiu de vez. Mas ele fez de propósito. Faria qualquer coisa para feri-la, depois de vê-la com Dalloway. Assim ela o deixou. E ele teve a sensação de que estavam todos unidos numa conspiração contra ele – rindo e falando – por trás de suas costas. Lá ficou ele ao lado da cadeira de Miss Parry como se fosse entalhado em madeira, falando de flores silvestres. Nunca, nunca tinha sofrido de forma tão infernal! Decerto esqueceu-se até mesmo de fingir que estava ouvindo; por fim despertou; viu Miss Parry um tanto desconcertada, um tanto indignada, com os olhos salientes encarando-o fixamente. Ele quase gritou que não conseguia prestar atenção pois se sentia no inferno! As pessoas começavam a sair da sala. Ouviu falarem em mandar trazer as capas; que estava frio no lago, e assim por diante. Estavam indo passear de barco ao luar – uma das maluquices de Sally. Ele a ouvia descrevendo a lua. E todos saíram. Deixaram-no totalmente só.

– Você não quer ir com eles? – disse tia Helena – pobre senhora! – tinha adivinhado. E ele se virou e ali estava Clarissa outra vez. Ela tinha voltado para pegá-lo. Ele se sentiu conquistado por sua generosidade – sua bondade.

– Venha – disse ela. – Estão esperando.

Ele nunca se sentira tão feliz em toda a vida! Sem uma palavra se reconciliaram. Desceram ao lago. Ele teve vinte minutos de plena felicidade. A voz dela, o riso, o vestido (algo flutuante, branco, carmesim), a vivacidade, o espírito de aventura; ela fez todos desembarcarem e explorarem a ilha; assustou uma galinha; riu; cantou. E o tempo todo, ele sabia muitíssimo bem, Dalloway estava se apaixonando por ela; ela estava se apaixonando por Dalloway; mas parecia não ter importância. Nada tinha importância. Estavam sentados no chão e conversavam – ele e Clarissa. Entendiam-se, um lia os pensamentos do outro sem qualquer esforço. E então num segundo acabou-se. Disse consigo mesmo quando entravam no barco, “Ela vai se casar com aquele homem”, num tom apagado, sem nenhum ressentimento; mas era uma coisa óbvia. Dalloway ia se casar com Clarissa.

Dalloway remou de volta. Não disse nada. Mas de alguma forma quando o viram sair, saltando na bicicleta para pedalar trinta e cinco quilômetros pelas matas, bamboleando pela trilha, acenando a mão e desaparecendo, obviamente sentiu, instintivamente, tremendamente, intensamente, tudo aquilo; a noite; o romance; Clarissa. Merecia tê-la.

Quanto a si mesmo, ele era absurdo. Suas exigências a Clarissa (via isso agora) eram absurdas. Pedia coisas impossíveis. Fazia cenas terríveis. Ela ainda o aceitaria, talvez, se tivesse sido menos absurdo. Assim pensava Sally. Ela lhe escreveu longas cartas naquele verão; como tinham falado dele; como o elogiara; como Clarissa se abriu em lágrimas! Foi um verão extraordinário – cartas, cenas, telegramas – chegando a Bourton de manhã cedo, vagueando por ali até que os criados acordassem; tetê-tê-têtes apavorantes com o velho Mr. Parry no desjejum; tia Helena intimidadora mas bondosa; Sally arrastando-o para conversar na horta; Clarissa de cama com dor de cabeça.

A cena final, a cena terrível que ele acreditava ter sido a coisa mais importante de

toda a sua vida (podia ser um exagero – mas mesmo assim era como realmente parecia agora), aconteceu às três da tarde de um dia quentíssimo. Foi por causa de uma ninharia – Sally no almoço dizendo algo sobre Dalloway e chamando-o de “Meu nome é Dalloway”; nisso de repente Clarissa se enrijeceu, se ruborizou, de uma maneira muito sua, e vociferou ríspida “Chega dessa brincadeira sem graça”. Foi só isso; mas para ele foi como se tivesse dito “Estou apenas me divertindo com você; tenho um compromisso com Richard Dalloway”. Assim ele entendeu. Passou noites sem dormir. “Tinha de acabar de uma maneira ou outra”, disse consigo mesmo. Enviou-lhe um bilhete por intermédio de Sally pedindo para encontrá-lo na fonte às três. “Aconteceu algo muito importante”, escreveu no final.

A fonte ficava no meio de um bosquezinho, distante da casa, com arbustos e árvores ao redor. Lá ela foi, até antes da hora, e os dois ficaram de pé com a fonte entre eles, o chafariz (estava quebrado) gotejando água sem cessar. Como as imagens se gravam na mente! Por exemplo, o musgo verde-vivo.

Ela não se movia.

– Me diga a verdade, me diga a verdade – ele continuava dizendo. Sentia como se a cabeça fosse estourar. Ela parecia contraída, petrificada. Não se movia.

– Me diga a verdade – repetiu, quando de repente apareceu a cabeça do velho Breitkopf carregando o Times; olhou para eles; abriu a boca; foi embora. Nenhum dos dois se moveu.

– Me diga a verdade – repetiu.

Ele sentiu que estava atraindo contra algo fisicamente duro; ela era inflexível. Era como ferro, como pedra, rígida até a medula. E quando ela disse “Não adianta. Não adianta. Acabou” – depois de ter ele falado por horas, parecia, com as lágrimas correndo pelo rosto – foi como se ela lhe tivesse dado um tapa na cara. Ela se virou, largou-o, foi embora.

– Clarissa! – gritou. – Clarissa!

Mas ela não voltou. Estava acabado. Ele foi embora naquela noite. Nunca mais a viu.

Foi horrível, exclamou ele, horrível, horrível!

Mesmo assim, o sol era quente. Mesmo assim, a gente superava as coisas. Mesmo assim, a vida arranjava um jeito de somar um dia ao outro. Mesmo assim, pensou bocejando e começando a perceber – o Regent’s Park não tinha mudado quase nada desde que era menino, a não ser pelos esquilos – mesmo assim, provavelmente havia compensações – quando a pequena Elise Mitchell, que estava catando pedrinhas para acrescentar à coleção de pedrinhas que ela e o irmão estavam montando em cima da lareira no quarto de brincar, soltou aquele punhado em cima do joelho da babá e saiu de novo numa carreira desabalada trombando nas pernas de uma senhora. Peter Walsh riu alto.

Mas Lucrezia Warren Smith estava dizendo a si mesma, É cruel; por que devo eu sofrer? perguntava enquanto descia pelo Broad Walk. Não; não aguento mais, estava dizendo, tendo deixado Septimus, que não era mais Septimus, a dizer coisas duras, cruéis, maldosas, a falar sozinho, a falar com um morto, no banco lá adiante; quando a criança numa carreira desabalada trombou nela, se estatelou no chão e desandou a chorar.

Aquilo era até reconfortante. Colocou a menina de pé, espanou o vestidinho, deu-lhe um beijo.

Mas de seu lado ela não tinha feito nada errado; tinha amado Septimus; tinha sido feliz; tinha tido uma bela casa, e lá ainda moravam suas irmãs, fazendo chapéus. Por que ela devia sofrer?

A criança voltou correndo para a babá, e Rezia viu como ela repreendida, como era consolada e aninhada no colo pela babá que deixara o tricô, e o homem de ar bondoso lhe dava o relógio para abrir e distraí-la – mas por que ela devia ficar exposta? Por que não foi deixada em Milão? Por que ser torturada? Por quê?

Levemente ondeados pelas lágrimas, a alameda, a babá, o homem de cinza, o carrinho de criança subiam e desciam diante dos olhos. Era seu destino ser abalada por esse torturador malévolo. Mas por quê? Era como uma ave se abrigoando sob a pequena concavidade de uma folha, que pisca ao sol quando a folha se move; assusta-se ao estalido de um galhinho seco. Ela estava exposta; estava cercada pelas árvores enormes, pelas nuvens imensas de um mundo indiferente, exposta; torturada; e por que devia sofrer? Por quê?

Franziu o cenho; bateu o pé. Tinha de voltar de novo até Septimus, pois era quase hora de irem ver Sir William Bradshaw. Precisava voltar e lhe dizer, voltar até ele sentado ali na cadeira verde sob a árvore, falando sozinho ou com aquele morto Evans, que ela só tinha visto uma vez rapidamente na loja. Parecera um homem calmo e tranquilo; um grande amigo de Septimus, e tinha morrido na guerra. Mas essas coisas acontecem com todos. Todos têm amigos que morreram na guerra. Todos renunciam a alguma coisa quando se casam. Ela tinha renunciado à sua casa. Tinha vindo morar aqui, nesta cidade horrível. Mas Septimus se permitia pensar em coisas horríveis, como ela também poderia, se tentasse. Ele tinha se tornado cada vez mais estranho. Dizia que havia pessoas falando por trás das paredes do quarto. Mrs. Filmer achava aquilo esquisito. Ele também via coisas – tinha visto a cabeça de uma velha no meio de uma samambaia. E no entanto podia ser feliz quando queria. Eles foram a Hampton Court no segundo andar de um ônibus, e estavam plenamente felizes. Todas as florezinhas vermelhas e amarelas despontavam na relva, como lâmpadas flutuantes disse ele, e falaram, conversaram, riram, inventaram histórias. De repente ele disse: “Agora vamos nos matar”, quando estavam junto ao rio, e ele o fitou com um olhar que ela tinha visto em seus olhos quando passava um trem ou um ônibus – um olhar como se algo o fascinasse; e ela sentiu que ele se afastava e o segurou pelo braço. Mas indo para casa estava totalmente calmo – totalmente sensato. Conversou com ela para se matarem; e explicou que as pessoas eram más; que via como inventavam mentiras quando passavam na rua. Conhecía todos os pensamentos delas, disse ele; conhecia tudo. Conhecía o significado do mundo, disse ele.

Então quando chegaram ele mal conseguia ficar de pé. Deitou no sofá e pediu que ela lhe segurasse a mão para não cair, cair, gritou ele, entre as chamas! e viu rostos nas paredes rindo dele, chamando-o de nomes nojentos horríveis, e mãos apontando em volta do biombo. E no entanto estavam totalmente sozinhos. Mas ele começou a falar alto, respondendo a alguém, discutindo, rindo, gritando, empolgando-se e fazendo com que ela anotasse as coisas. Um absurdo total aquilo; sobre a morte; sobre Miss Isabel Pole. Ela não aguentava mais. Ia voltar.

Agora ela estava perto dele, podia vê-lo fitando o céu, murmurando, fechando as mãos. E no entanto dr. Holmes disse que não havia nada com ele. Então o que tinha acontecido – por que ele se ausentara, então por que, quando ela sentou a seu lado, ele se sobressaltou, franziu o cenho, se afastou e apontou para sua mão, pegou sua mão, olhou-a aterrorizado?

Era porque ela tinha tirado a aliança de casamento? “Minha mão emagreceu muito”, ela disse; “guardei na bolsa”, falou a ele.

Ele soltou a mão dela. O casamento tinha se acabado, pensou ele, com angústia, com alívio. O cordão estava cortado; ele se ergueu; estava livre, como estava decretado que ele, Septimus, o senhor dos homens, estaria; sozinho (visto que a esposa tinha jogado fora a aliança de casamento; visto que ela o deixara), ele, Septimus, estava

sozinho, convocado à frente de todos os homens para ouvir a verdade, para conhecer o significado, que agora finalmente, depois de todos os labores da civilização – gregos, romanos, Shakespeare, Darwin e agora ele mesmo – seria revelado em sua inteireza a... “A quem?”, perguntou em voz alta, “Ao primeiro-ministro”, responderam as vozes que lhe farfalhavam à cabeça. O segredo supremo devia ser contado ao ministério; primeiro, que as árvores estão vivas; depois, não existe crime; depois, o amor, o amor universal, murmurou, arfando, tremendo, extraindo penosamente essas verdades profundas que exigiam, tão fundo estavam, tão difíceis eram, um esforço imenso para enunciar, mas o mundo estava inteiramente transformado por elas, para sempre.

Não crime; amor; repetiu, procurando a papeleta e o lápis, quando um terrier escocês farejou suas calças e ele se assustou num paroxismo de medo. Estava virando um homem! Não podia olhar aquilo acontecendo! Era horrível, terrível ver um cachorro virar homem! Logo o cachorro saiu trotando.

O céu era divinamente misericordioso, infinitamente benévolo. Poupano-o, perdoou sua fraqueza. Mas qual era a explicação científica (pois é preciso ser científico acima de todas as coisas)? Por que ele podia enxergar através dos corpos, ver o futuro, quando os cachorros virarão homens? Era a onda de calor, provavelmente, operando num cérebro que se fizera sensível ao longo de eras de evolução. Falando cientificamente, a carne tinha se fundido com o mundo. Seu corpo tinha se macerado até restarem apenas as fibras nervosas. Estendia-se como um véu em cima de uma pedra.

Apoiou as costas na cadeira, exausto, mas firme. Apoiou-se descansando, esperando, antes de interpretar de novo, com esforço, com angústia, para a humanidade. Apoiou-se lá no alto, sobre as costas do mundo. A terra vibrava sob ele. Flores vermelhas brotavam da carne; suas folhas rijas lhe farfalhavam à cabeça. A música começou a ressoar contra as pedras aqui em cima. É a buzina de um carro na rua lá em baixo, murmurou; mas aqui em cima ela colidia de pedra em pedra, dividia-se, reunia-se em choques sonoros que se erguiam em colunas lisas (que a música fosse visível era uma descoberta) e se tornava um hino, um hino agora voluteado pela flauta de um pastorzinho (É um velho tocando flautim por uns trocados ao lado da taberna, murmurou) que, enquanto o menino ficava parado, saía borbulhando de sua flauta, e então, conforme ele subia cada vez mais alto, formava seu delicado lamento enquanto o trânsito passava lá em baixo. A elegia desse menino toca entre o trânsito, pensou Septimus. Agora ele se retira lá no alto entre as neves, e em torno dele pendem rosas – as espessas rosas vermelhas que crescem na parede de meu quarto, lembrou-se. A música parou. Ele ganhou seus trocados, contou e foi para a próxima taberna.

Mas ele mesmo continuou no alto de sua pedra, como um marinheiro afogado no alto de uma pedra. Debrucei na beirada do barco e caí, pensou. Afundei no mar. Estive morto, e no entanto agora estou vivo, mas me deixem descansar, suplicou (estava de novo falando sozinho – era horrível, horrível!); e assim como, antes de despertar, as vozes das aves e os sons das rodas repicam e chilreiam numa estranha harmonia, aumentam e aumentam, e o adormecido se sente puxado para as margens da vida, ele também se sentia puxado para a vida, o sol esquentando cada vez mais, os gritos soando mais alto, algo tremendo prestes a acontecer.

Tinha apenas de abrir os olhos; mas havia um peso sobre eles; um medo. Concentrou-se; fez força; olhou, viu o Regent's Park diante de si. Longas faixas de luz do sol ondulavam a seus pés. As árvores acenavam, brandiam. Acolhemos, o mundo parecia dizer; aceitamos; criamos. A beleza, o mundo parecia dizer. E como para prová-lo (cientificamente) em qualquer lugar que ele olhasse, as casas, as grades, os antílopes se esticando por cima das cercas, a beleza brotava instantaneamente. Observar uma folha tremulando ao sopro do vento era uma alegria extraordinária. No céu ao alto andorinhas mergulhando, guinando, arremetendo cá e lá, em voltas e mais voltas, mas

sempre com um controle perfeito como se estivessem presas por elásticos; e os insetos subindo e descendo; e o sol manchando ora esta, ora aquela folha, de brincadeira, ofuscando-a com um ouro suave de puro bom humor; e de novo algum repique (podia ser a buzina de um carro) ressoando divinamente nos fios de capim – tudo isso, calmo e sensato como era, feito de coisas comuns como era, era agora a verdade; a beleza, que era agora a verdade. A beleza estava por toda parte.

– Está na hora – disse Rezia.

A palavra “hora” fendeu sua cápsula; despejou suas riquezas sobre ele; e de seus lábios, como cascas, como aparas de uma plaina, sem ser ele a fazê-las, caíram palavras duras, brancas, imperecíveis, e voaram para ocupar seus lugares numa ode ao Tempo; uma ode imortal ao Tempo. Ele cantou. Evans respondeu detrás da árvore. Os mortos estavam na Tessália, cantou Evans, entre as orquídeas. Lá esperaram até terminar a guerra, e agora os mortos, agora o próprio Evans –

– Pelo amor de Deus, não venha! – Septimus gritou. Pois ele não podia olhar os mortos.

Mas os ramos se separaram. Um homem de cinza estava mesmo vindo na direção deles. Era Evans! Mas não tinha lama no corpo; não tinha ferimentos; não tinha mudado. Preciso contar ao mundo todo, gritou Septimus, erguendo a mão (conforme o morto de terno cinza se aproximava), erguendo a mão como alguma figura colossal que durante eras lamenta sozinha no deserto o destino do homem comprimindo as mãos na testa, sulcos de desespero nas faces, e agora vê a luz na orla do deserto que se alarga e incide na figura negra como ferro (e Septimus se soergueu da cadeira) e, com legiões de homens prostrados atrás de si, ele, o enorme pranteador, por um instante recebe na face todo o –

– Mas sou tão infeliz, Septimus – disse Rezia, tentando fazê-lo sentar.

Os milhões lamentavam; por eras tinham se compadecido. Ia se virar, ia lhes falar dentro de poucos instantes, apenas mais alguns instantes, desse alívio, dessa alegria, dessa revelação espantosa –

– A hora, Septimus – repetiu Rezia. – Que horas são?

Ele estava falando, estava começando, esse homem deve ter notado. Estava olhando para eles.

– Vou lhe dizer a hora – disse Septimus muito lento, muito apático, sorrindo misteriosamente para o morto de terno cinza. Enquanto sorria ali sentado, bateu o quarto – um quarto para o meio-dia.

E isso é ser jovem, pensou Peter Walsh ao passar por eles. Ter uma cena horrorosa – a pobre moça parecia absolutamente desesperada – no meio da manhã. Mas do que se tratava? Ficou imaginando; o que o rapaz de sobretudo esteve lhe dizendo para que ela ficasse assim; em que apuro horrível tinham se metido, para ambos parecerem tão desesperados assim numa bela manhã de verão? A coisa divertida em voltar para a Inglaterra, depois de cinco anos, era que, pelo menos nos primeiros dias, as coisas aparecem como se nunca ninguém as tivesse visto antes; amantes discutindo sob uma árvore; a vida doméstica familiar dos parques. Londres nunca tinha lhe parecido tão encantadora – a brandura das distâncias; a riqueza; o verdor; a civilização, depois da Índia, pensou, atravessando o gramado.

Essa suscetibilidade a impressões tinha sido sua ruína, sem dúvida. Ainda nessa idade tinha, como um menino ou mesmo uma menina, essas oscilações de humor; bons dias, maus dias, sem qualquer razão que fosse, felicidade diante de um rosto bonito, franco pesar à vista de uma feiosa. Depois da Índia, claro, o sujeito se apaixonava por todas as mulheres que visse. Havia frescor nelas; mesmo as mais pobres se vestiam melhor do que cinco anos atrás, sem dúvida; e a seu ver a moda nunca tinha caído tão bem; as longas capas negras; a esbelteza; a elegância; e então o hábito delicioso e

aparentemente universal da maquiagem. Todas as mulheres, mesmo as mais respeitáveis, tinham um fino veludo de rosas cultivadas; lábios talhados a cinzel; caracóis de nanquim; havia desenho, arte, por toda parte; sem dúvida ocorreria alguma espécie de mudança. O que os jovens pensavam a respeito? perguntou-se Peter Walsh.

Aqueles cinco anos – 1918 a 1923 – tinham sido, suspeitava ele, de alguma maneira muito importantes. As pessoas pareciam diferentes. Os jornais pareciam diferentes. Agora, por exemplo, num dos semanários respeitáveis havia um homem escrevendo abertamente sobre vasos sanitários. Isso não se poderia fazer dez anos atrás – escrever abertamente sobre vasos sanitários num semanário respeitável. E também isso de tirar um potinho de ruge ou uma esponja de pó de arroz e se maquiar em público. A bordo do navio voltando para casa havia montes de rapazes e moças – pensava especialmente em Betty e Bertie – coqueteando muito abertamente; a mãe idosa sentada com seu tricô olhando, na maior indiferença. A moça parava e empoava o nariz na frente de todos. E não eram noivos; só se divertindo; nenhuma mágoa de nenhum dos lados. Dura feito aço, era ela – Betty Nãoseidoquê – mas de boa cepa. Daria uma ótima esposa aos trinta – iria casar quando lhe conviesse casar; casar com algum ricoço e morar num casarão perto de Manchester.

Quem era mesmo que tinha feito isso? perguntou-se Peter Walsh, virando e entrando no Broad Walk – casou com um ricoço e morava num casarão perto de Manchester? Alguém que lhe tinha escrito ultimamente uma carta longa e efusiva sobre “hortênsias azuis”. Foi por ter visto hortênsias azuis que ela pensou nele e nos velhos tempos – Sally Seton, claro! Era Sally Seton – a última pessoa no mundo que se esperaria que fosse casar com um ricoço e morar num casarão perto de Manchester, a doida, a ousada, a romântica Sally!

Mas de toda aquela turma antiga, os amigos de Clarissa – Whitbread, Kindersley, Cunningham, Kinloch Jones – Sally era provavelmente a melhor. De qualquer modo tentava pegar as coisas pelo lado certo. De qualquer modo viu quem era Hugh Whitbread – o admirável Hugh – quando Clarissa e os demais estavam a seus pés.

“Os Whitbread?”, ele ainda podia ouvi-la. “Quem são os Whitbread? Vendedores de carvão. Comerciantes respeitáveis.”

Hugh ela detestava por alguma razão. Ele não pensava em nada a não ser na própria aparência, dizia ela. Devia ter sido duque. Teria dado um jeito de se casar com uma das princesas da corte. E evidentemente Hugh tinha o mais extraordinário, o mais espontâneo, o mais sublime respeito pela aristocracia britânica entre todos os seres humanos que ele tinha visto na vida. Mesmo Clarissa tinha de admitir isso. Oh, mas era tão afetuoso, tão altruísta, desistia de ir caçar para agradecer à velha mãe – lembrava as datas dos aniversários das tias e assim por diante.

Sally, justiça seja feita, enxergava através de tudo aquilo. Uma das coisas que ele melhor lembrava era uma discussão num domingo de manhã em Bourton sobre os direitos das mulheres (aquele assunto antediluviano), quando de repente Sally perdeu a paciência, ficou furiosa e disse a Hugh que ele representava tudo o que havia de mais detestável na vida da classe média inglesa. Disse-lhe que o considerava responsável pela situação d’ “aquelas pobres moças em Piccadilly” – Hugh, o perfeito cavalheiro, pobre Hugh! – jamais homem algum pareceu tão horrorizado! Ela fez de propósito, disse mais tarde (pois eles costumavam se encontrar na horta e trocar observações). “Ele não lia nada, não pensava nada, não sentia nada”, ele ainda podia ouvi-la naquela voz muito enfática que ia muito além do que ela imaginava. Um tratador de estábulos tinha mais vida em si do que Hugh, dizia ela. Era um exemplar perfeito do aluno de internato, dizia ela. Nenhum país poderia tê-lo produzido a não ser a Inglaterra. Ela estava realmente maldosa, por alguma razão; tinha alguma reclamação contra ele. Tinha acontecido alguma coisa – ele esqueceu o que era – no salão de fumar. Insultara-a –

beijara-a? Incrível! Ninguém acreditou numa palavra contra Hugh, claro. Quem acreditaria? Beijar Sally no salão de fumar! Se ainda fosse alguma Honourable Edith ou Lady Violet, talvez; mas não aquela Sally maltrapilha sem um tostão de seu, sem pai ou mãe jogando em Monte Carlo. Pois entre todas as pessoas que ele conhecia Hugh era o mais esnobe – o mais obsequioso – não, ele não bajulava propriamente. Era pedante demais para isso. A comparação óbvia era um criado de primeira classe – alguém que ia atrás carregando as malas; de confiança para enviar telegramas – indispensável às damas de sociedade. E tinha encontrado seu emprego – casara com sua Honourable Evelyn; conseguira algum pequeno cargo na corte, cuidava das adegas do rei, lustrava as fivelas dos sapatos imperiais, circulava de calções e folhos de renda. Como a vida é implacável! Um pequeno emprego na corte!

Tinha se casado com essa dama, a Honourable Evelyn, e moravam por aqui, achava ele (olhando as casas pomposas que davam para o parque), pois tinha almoçado uma vez ali numa casa que, como todos os bens de Hugh, tinha algo que nenhuma outra casa seria capaz de ter – armários para lençóis ou coisa parecida. Você tinha de ir e olhar – sempre tinha de passar um tempo enorme admirando o que fosse – armários de lençóis, fronhas, móveis antigos de carvalho, quadros, que Hugh tinha encontrado por uma bagatela. Mas às vezes Mrs. Hugh se revelava. Era uma daquelas mulherzinhas obscuras e desinteressantes que admiram grandes homens. Era quase insignificante. Então de repente ela dizia algo totalmente inesperado – algo arguto. Eram os resquícios do grande estilo, talvez. O carvão era um pouco forte demais para ela – espessava a atmosfera. E assim lá eles moravam, com seus armários de lençóis, seus velhos mestres, suas fronhas com acabamentos de renda, provavelmente na faixa de cinco ou dez mil por ano, enquanto ele, que era dois anos mais velho do que Hugh, mendigava um emprego.

Aos cinquenta e três anos, tinha de vir e lhes pedir que o pusessem no escritório de alguma secretaria, que lhe arranjassem algum emprego de auxiliar de ensino de latim aos pirralhos, à disposição de algum mandarim num escritório, algo que desse umas quinhentas libras anuais; pois se ele fosse se casar com Daisy, mesmo com sua pensão, jamais conseguiriam viver com menos. Whitbread provavelmente poderia lhe arranjar; ou Dalloway. Não se importava em pedir a Dalloway. Era ótimo sujeito; um pouco limitado; um pouco tapado; sim; mas ótimo sujeito. Em qualquer coisa que se ocupasse, agia sempre de maneira prática e sensata; sem um pinga de imaginação, sem uma faísca de gênio, mas com a inexplicável precisão de sua espécie. Podia ter sido um aristocrata rural – desperdiçava-se na política. Ficava em sua melhor forma ao ar livre, com cães e cavalos – como se saiu bem, por exemplo, quando aquele cachorrão peludo de Clarissa ficou preso numa armadilha e teve a pata meio arrancada, e Clarissa quase desmaiou e Dalloway cuidou de tudo; enrolou em faixas, fez talas; disse a Clarissa que não fosse tola. Era disso que ela gostava nele, talvez – era disso que ela precisava. “Agora, minha querida, não seja tola. Segure aqui – solte ali”, o tempo inteiro conversando com o cachorro como se fosse um ser humano.

Mas como ela conseguia engolir todas aquelas coisas sobre poesia? Como ela podia deixá-lo discorrer sobre Shakespeare? Sério e solene, Richard Dalloway se punha categórico e dizia que nenhum homem decente deveria ler os sonetos de Shakespeare pois era como ouvir pelo buraco das fechaduras (além disso, não era uma relação que ele aprovasse). Nenhum homem decente deixaria a esposa visitar a irmã de uma esposa falecida. Inacreditável! A única coisa a fazer era bombardeá-lo com amêndoas açucaradas – era durante o jantar. Mas Clarissa se embestia em tudo aquilo; pensava que era tão honesto da parte dele; tão independente da parte dele; sabem os céus se ela não o considerava o espírito mais original que havia conhecido!

Aquele era um dos laços entre Sally e ele. Havia um jardim por onde costumavam

andar, um recinto cercado, com roseiras e couves-flores gigantes – ele podia lembrar Sally arrancando uma rosa, parando para exclamar à beleza das folhas das couves ao luar (era extraordinária a vividez com que tudo lhe voltava, coisas em que não tinha pensado durante anos), enquanto lhe implorava, meio de brincadeira, claro, que raptasse Clarissa, que a salvasse dos Hugh e dos Dalloway e de todos os outros “perfeitos cavalheiros” que iriam “sufocar sua alma” (ela escrevia muita poesia naquela época), convertê-la em mera dama de sociedade, encorajar seu mundanismo. Mas devia-se fazer justiça a Clarissa. De qualquer maneira jamais se casaria com Hugh. Ela tinha uma noção absolutamente clara do que queria. Suas emoções estavam todas à superfície. No fundo, ela era muito arguta – uma juíza de caráter muito melhor do que Sally, por exemplo, e apesar disso puramente feminina; com aquele dom extraordinário, aquele dom de mulher, de construir um mundo próprio onde quer que estivesse. Ela entrava numa sala; parava à porta, como ele a vira muitas vezes, e a sala repleta de gente. Mas era Clarissa que ficava na lembrança. Não que fosse notável; nem bonita, em absoluto; não havia nada de pitoresco nela; nunca dizia nada especialmente brilhante; ali estava, porém; ali estava ela.

Não, não, não! Ele não estava mais apaixonado por ela! Apenas se sentia, depois de vê-la naquela manhã, entre suas tesouras e sedas, preparando-se para a festa, incapaz de afastar o pensamento dela; continuava voltando sem parar, como alguém adormecido num vagão de trem oscilando e se encostando nele; o que não era estar apaixonado, claro; era pensar nela, criticá-la, voltar, depois de trinta anos, a tentar entendê-la. A coisa óbvia a seu respeito era que era mundana; preocupava-se demais com a posição, a sociedade, a presença no mundo – o que em certo sentido era verdade; ela mesma tinha reconhecido o fato. (Você sempre conseguia que ela admitisse, se se desse ao trabalho; era honesta.) O que diria era que detestava desleixados, molengas, fracassados, provavelmente como ele mesmo; pensava que as pessoas não tinham o direito de vaguear por aí desocupadas; precisavam fazer alguma coisa, ser alguma coisa; e essas grã-finas, essas duquesas, essas velhas condessas respeitáveis que a pessoa encontrava na sala de visitas de Clarissa, que a ele pareciam indizivelmente distantes de qualquer coisa que tivesse um fiapo de importância, para ela representavam algo real. Lady Bexborough, disse ela uma vez, não perdia a linha (como a própria Clarissa; ela nunca se permitia relaxar em nenhum sentido do termo; era reta como uma flecha; um pouco rígida, na verdade). Dizia que elas tinham uma espécie de coragem que quanto mais envelhecia mais respeitava. Em tudo isso havia muito de Dalloway, claro; muito do espírito imbuído de interesse público, do Império britânico, da reforma tributária, o espírito da classe dirigente, que tinha crescido nela, como é a tendência que acontece. Com o dobro da inteligência dele, ela tinha de enxergar as coisas pelos olhos dele – uma das tragédias da vida conjugal. Com suas ideias próprias, ela precisava estar sempre citando Richard – como se não bastasse ler o *Morning Post* de uma única manhã para saber nos mínimos detalhes o que Richard pensava! Essas festas, por exemplo, eram todas para ele, ou para a ideia que ela fazia dele (para fazer justiça a Richard ele teria sido mais feliz numa vida rural em Norfolk). Ela converteu a sala de visitas numa espécie de local de encontro; tinha um talento para aquilo. Quantas vezes ele a vira pegar algum rapaz ainda cru, torcê-lo, virá-lo, despertá-lo; pô-lo a andar. Uma quantidade infinita de gente sem graça se aglomerava ao redor dela, claro. Mas apareciam algumas pessoas inesperadas; um artista às vezes; às vezes um escritor; um povo excêntrico naquela atmosfera. E por trás disso tudo estava aquele trabalho miúdo de visitar, deixar cartões, ser gentil com as pessoas; correr de lá para cá com ramalhetes de flores, presentinhos; fulana estava indo à França – precisava de uma almofada inflável; uma verdadeira drenagem de sua energia; toda aquela movimentação interminável que mantinham as mulheres de sua categoria; mas ela agia com

autenticidade, por um instinto natural.

Muito curiosamente, ela era uma das pessoas mais céticas que ele conhecia, e possivelmente (era uma teoria que costumava inventar para explicá-la, tão transparente em alguns aspectos, tão inescrutável em outros), possivelmente dizia a si mesma: Como somos uma raça condenada, acorrentada a um navio se afundando (sua leitura favorita quando mocinha eram Huxley e Tyndall, e eles gostavam muito dessas metáforas náuticas), como a coisa toda é uma brincadeira de mau gosto, vamos, de todo modo, cumprir nossa parte; vamos aliviar os sofrimentos de nossos companheiros de prisão (Huxley outra vez); vamos enfeitar a masmorra com flores e almofadas; vamos ser os mais decentes que pudermos. Aqueles rufiões, os deuses, não vão ter tudo do jeito que querem – pois sua ideia era que os Deuses, que nunca perdiam uma ocasião de ferir, frustrar, estragar as vidas humanas, ficavam seriamente desconcertados se, apesar de tudo, você se comportasse como uma dama. Aquela fase veio logo após a morte de Sylvia – aquele caso horrível. Ver a própria irmã morta devido à queda de uma árvore (tudo por culpa de Justin Parry – tudo por descuido dele) diante de seus olhos, uma moça também no auge da vida, a mais dotada delas, Clarissa sempre dizia, era o que bastava para amargurar a pessoa. Mais tarde deixou talvez de ser tão categórica; pensava que os deuses não existiam; ninguém tinha culpa; e assim desenvolveu essa religião dos ateístas de fazer o bem pelo próprio bem.

E ela gozava imensamente a vida, claro. Estava em sua natureza gozar (embora, só os céus sabem, ela tivesse suas reservas; era um mero esboço, muitas vezes sentia, que mesmo ele, depois de todos aqueles anos, conseguia fazer de Clarissa). Em todo caso não havia amargura nela; nada daquele senso de virtude moral que é tão desagradável nas mulheres bondosas. Gozava praticamente tudo. Se você andasse com ela no Hyde Park, aqui era um canteiro de tulipas, ali uma criança num carrinho, acolá algum pequeno drama absurdo que ela transformava na motivação do momento. (Muito provavelmente teria ido falar com aquele casal, se tivesse achado que eram infelizes.) Tinha um senso de humor que era realmente apurado, mas precisava de gente, sempre gente, para trazê-lo à tona, com o resultado inevitável de que consumia seu tempo, almoçando, jantando, dando essas suas festas incessantes, falando bobagens, dizendo coisas que não pretendia, embotando o fio do espírito, perdendo o discernimento. Lá se sentava à cabeceira da mesa dando-se ao infinito trabalho de entreter algum velho tonto que podia ser útil a Dalloway – eles conheciam as pessoas mais pavorosamente maçantes da Europa – ou entrava Elizabeth e tudo devia ceder lugar a ela. Estava num colégio, na fase do silêncio na última vez em que ele esteve lá, uma jovem de olhos redondos e rosto pálido, sem nada da mãe, uma criatura quieta, apática, que tomava tudo como natural, deixava a mãe lhe dar toda aquela atenção e então dizia: “Posso ir agora?”, como uma menina de quatro anos; saindo, explicava Clarissa com aquela mescla de divertimento e orgulho que o próprio Dalloway parecia lhe despertar, para ir jogar hóquei. E agora Elizabeth tinha “debutado”, provavelmente; julgava-o um velho fóssil, ria dos amigos da mãe. Bom, que seja. A compensação por envelhecer, pensou Peter Walsh, saindo do Regent’s Park e segurando o chapéu na mão, era apenas isso; as paixões continuam fortes como sempre, mas uma delas ganhou – enfim! – o poder que acrescenta o sabor supremo à existência – o poder de pegar a experiência e girá-la lentamente à luz.

Era uma confissão terrível, esta (pôs de novo o chapéu), mas agora, aos cinquenta e três anos, praticamente não se precisava mais das pessoas. A própria vida, cada momento seu, cada gota sua, aqui, neste instante, agora, ao sol, no Regent’s Park, bastava. Até sobrava, na verdade. Uma vida inteira, agora que a pessoa tinha adquirido esse poder, era curta demais para explorar todo o sabor; para extrair cada grama de prazer, cada nuance de significado; os quais eram muito mais sólidos do que

costumavam ser, muito menos pessoais. Era impossível que algum dia voltasse a sofrer tanto quanto Clarissa o fizera sofrer. Por horas a fio (Deus queira que se possam dizer essas coisas sem ser ouvido!), por horas e dias a fio ele não pensou em Daisy, em momento algum.

Podia ser que então estivesse apaixonado por ela, lembrando a dor, a tortura, a paixão extraordinária daqueles dias? Era uma coisa totalmente diferente – uma coisa muito mais agradável – pois de fato, claro, agora era ela que estava apaixonada por ele. E foi talvez por isso que, quando o navio realmente zarpou, ele sentiu um alívio extraordinário, quando o que mais queria era estar sozinho; ficou irritado ao ver todas as pequenas atenções dela – charutos, bilhetes, uma manta de viagem – em sua cabine. Se fossem honestos, todos diriam a mesma coisa; depois dos cinquenta a gente não quer outras pessoas em volta; não quer continuar a dizer às mulheres como são bonitas; é o que diria a maioria dos cinqüentões, pensou Peter Walsh, se fossem honestos.

Mas e esses espantosos acessos de emoção – romper em lágrimas esta manhã, o que era aquilo? O que Clarissa teria pensado dele? teria pensado provavelmente que era um tolo, e não pela primeira vez. Era o ciúme que estava no fundo daquilo – o ciúme que sobrevive a todas as outras paixões da humanidade, pensou Peter Walsh, segurando o canivete aberto. Ela andava encontrando o major Orde, disse Daisy na última carta; disse de propósito, ele sabia; disse para enciumá-lo; ele podia vê-la franzindo a testa enquanto escrevia, imaginando o que poderia dizer para magoá-lo; e no entanto não fazia nenhuma diferença; ele ficou furioso! Todo esse transtorno de vir à Inglaterra e consultar advogados não era para se casar com ela, era para impedi-la de se casar com qualquer outro. Era isso que o torturava, foi isso que se apossou dele quando viu Clarissa tão calma, tão serena, tão concentrada em seu vestido ou o que fosse; percebendo o que ela podia ter lhe poupado, ao que ela o reduzira – um velho ridículo lamuriento e choramingas. Mas as mulheres, pensou fechando o canivete, não sabem o que é a paixão. Não sabem o que significa para os homens. Clarissa era fria como um cristal de gelo. Ficou sentada ali no sofá ao lado dele, deixou que lhe pegasse a mão, deu-lhe um beijo no rosto – Estava agora no cruzamento.

Um som o deteve; um som trêmulo e frágil, uma voz brotando e se erguendo sem direção, sem vigor, sem começo nem fim, fluindo fraca e aguda na ausência de qualquer significado humano em

ee um fah um so
foo swee too eem oo –

a voz sem idade nem sexo, a voz de uma fonte antiga jorrando da terra; que saía, logo no outro lado da estação de metrô do Regent's Park, de uma figura trêmula e alta, como um tubo de vapor, como uma bomba enferrujada, como uma árvore batida pelo vento perpetuamente despida de folhas que deixa o vento subir e descer pelos galhos cantando

ee um fah um so
foo swee too eem oo

e oscila e chia e geme na brisa eterna.

Atravessando todas as idades – quando a calçada era mato, quando era pântano, atravessando a idade da longa presa e do mamute, atravessando a idade da aurora silenciosa – a mulher – pois estava de saia – alquebrada com a mão direita estendida, a esquerda se apertando na lateral, ali estava cantando o amor – o amor que tinha durado um milhão de anos, cantava ela, o amor que prevalece, e milhões de anos atrás seu amado, que estava morto fazia séculos, passeara, cantarolava ela, a seu lado em maio;

mas no curso das idades, longas como dias de verão, e ardentes, lembrava ela, sem nada além de ásteres vermelhos, ele se fora; a gigantesca foice da morte varrera aquelas enormes colinas, e quando enfim pousou a cabeça branca e imensamente idosa na terra, agora uma mera escória de gelo, ela implorou aos deuses que depusessem a seu lado um maço de urze púrpura, no alto de sua sepultura que era acariciada pelos últimos raios do último sol; pois então a peça do universo estaria terminada.

Enquanto a canção antiga brotava e se erguia no outro lado da estação de metrô do Regent's Park, a terra ainda parecia verde e florida; ainda, embora saída de uma boca tão rude, um mero buraco na terra, lamacento também, emaranhado de raízes fibrosas e matos entrançados, ainda a velha canção brotando borbulhante, encharcando as raízes nodosas de infinitas idades, esqueletos e tesouros, fluía em regatos pela calçada descendo toda a Marylebone Road, indo para Euston, fertilizando, deixando um rastro úmido.

Ainda lembrando como outrora em algum maio primevo ela passeara com seu amado, essa bomba enferrujada, essa velha alquebrada com uma mão estendida para algumas moedas, a outra apertando a lateral, ainda estaria lá em dez milhões de anos, lembrando como outrora passeara em maio, por onde agora corre o mar, com quem não importava – era um homem, ah sim, um homem que a amara. Mas a passagem das idades tinha embaçado a claridade daquele antigo dia de maio; as flores de pétalas brilhantes estavam brancas e argênteas de geada; e ela não via mais, quando lhe implorava (como implorou agora muito claramente) “fita meus olhos com teus doces olhos”, ela não via mais olhos castanhos, suíças negras ou um rosto bronzeado, mas apenas uma figura indistinta, uma figura de sombra, para a qual, com o frescor de pássaro dos anciões, ela ainda chilreava “dá-me tua mão e deixa-me apertá-la de leve” (Peter Walsh não pôde deixar de dar uma moeda à pobre criatura ao entrar no táxi), “e se alguém vir, o que importa?” perguntou ela; e o punho se apertou na lateral, e sorriu, embolsando seu xelim, e todos os olhos inquisitivos e perscrutadores pareceram se apagar, e as gerações passando – a calçada estava repleta de uma classe média afobada – desapareceram, como folhas, para ser pisadas, embebidas e maceradas, convertidas em húmus por aquela fonte eterna –

ee um fah um so
foo swee too eem oo.

– Pobre velha – disse Rezia Warren Smith.

Oh, pobre coitada! disse, esperando para atravessar.

E se chovesse à noite? E se o pai, ou alguém que a tivesse conhecido em dias melhores, passasse ali por acaso e a visse parada na sarjeta? E onde ela dormia à noite?

Alegre, quase jovial, o fio invencível do som se espiralou no ar como o fumo da chaminé de uma casinha, espiralando-se pelas faias claras e saindo como um penacho de fumo azul entre as folhas mais altas. “E se alguém vir, o que importa?”

Desde que se sentia tão infeliz, fazia semanas e semanas, Rezia andava dando significados às coisas que aconteciam, às vezes quase sentia vontade de parar as pessoas na rua, se parecessem gentis, bondosas, só para lhes dizer “Sou infeliz”; e essa velha cantando na rua “se alguém vir, o que importa?” lhe trouxe a súbita certeza de que tudo ficaria bem. Iam consultar Sir William Bradshaw; ela achou que o nome dele soava bem; curaria Septimus na hora. E havia também a carroça de um cervejeiro, e os cavalos cinzentos tinham cerdas de palha espetadas entre a cauda; havia placares de notícias. Era uma ilusão muito boba, ser infeliz.

Então eles atravessaram, Mr. e Mrs. Septimus Warren Smith, e haveria, afinal, alguma coisa que chamasse a atenção para eles, alguma coisa que fizesse um passageiro

suspeitar eis aqui um rapaz que traz em si a maior mensagem do mundo e é, além disso, o homem mais feliz do mundo, e o mais desgraçado? Talvez andassem mais devagar do que os outros, e houvesse algo hesitante, arrastado, no andar do homem, mas o que teria de mais natural para um escriturário, que fazia anos que não vinha ao West End num dia de semana nesse horário, do que ficar olhando o céu, olhando isso, aquilo e aquilo outro, como se Portland Place fosse um salão onde ele tivesse entrado estando a família fora, estando os candelabros envoltos em sacos de lona impermeável, e a governanta, ao deixar entrarem longas faixas de luz empoeirada que pousam nas poltronas vazias de aparência esquisita, ao levantar uma ponta das longas cortinas, explica aos visitantes como é maravilhoso aquele lugar; que maravilhoso, mas ao mesmo tempo, pensa ele, que estranho.

Olhando bem, podia mesmo ser um escriturário, mas de boa categoria; pois usava botas marrons; as mãos eram cultivadas; o perfil também – o perfil anguloso, de nariz comprido, inteligente, sensível, mas não os lábios no conjunto, pois eram frouxos; e os olhos (como tendem a ser os olhos), olhos apenas; castanho-escuros, grandes; assim, no todo, ele era um caso indefinido, nem uma coisa nem outra; podia acabar com uma casa em Purley e um automóvel, ou continuar alugando aposentos em ruelas afastadas durante a vida toda; um daqueles homens semi-instruídos, que se instruíram sozinhos e cuja instrução é toda ela adquirida em livros tirados nas bibliotecas públicas, lidos à noite depois do expediente, por recomendação de autores conhecidos consultados por carta.

Quanto às outras experiências, as solitárias, pelas quais as pessoas passam sozinhas, em seus quartos, em seus escritórios, andando pelos campos e pelas ruas de Londres, ele tinha; saíra de casa, ainda menino, por causa da mãe; porque ela mentia; porque ele desceu para o chá pela quinquagésima vez sem ter lavado as mãos; porque não via nenhum futuro para um poeta em Stroud; e assim, tomando a irmãzinha como confidente, tinha ido para Londres deixando um bilhete absurdo, como escrevem os grandes homens e o mundo lê mais tarde quando a história de suas lutas se tornou famosa.

Londres tinha engolido muitos milhões de jovens chamados Smith; nem pensava em nomes de batismo fantásticos como Septimus com que os pais haviam pretendido distinguir seus filhos. Morando na Euston Road, houve experiências e mais experiências, que em dois anos transformaram um rosto oval rosado inocente num rosto magro, contraído, hostil. Mas de tudo isso o que o mais observador dos amigos poderia dizer a não ser o que diz um jardineiro quando abre a porta da estufa de manhã e encontra uma nova flor em sua planta: Floresceu; floresceu da vaidade, da ambição, do idealismo, da paixão, da solidão, da coragem, da preguiça, as sementes usuais que, misturadas (num quarto na Euston Road), o fizeram tímido e gaguejante, o fizeram ansioso em se aprimorar, o fizeram se apaixonar por Miss Isabel Pole, dando aulas na Waterloo Road sobre Shakespeare.

Ele não parecia Keats? perguntava-se ela; e refletiu que poderia lhe dar a provar Antônio e Cleópatra e os demais; emprestou-lhe livros; escreveu-lhe fragmentos de cartas; acendeu-lhe aquele fogo que arde apenas uma vez na vida, sem calor, bruxuleando numa chama rubro-dourada infinitamente etérea e imaterial sobre Miss Pole, Antônio e Cleópatra e Waterloo Road. Ele a achava linda, julgava-a irrepreensivelmente sábia; sonhava com ela; escrevia-lhe poemas que, ignorando o tema, ela corrigia a tinta vermelha; ele a viu, num anoitecer de verão, andando por uma praça com um vestido verde. “Floresceu”, diria o jardineiro se tivesse aberto a porta; quer dizer, se tivesse entrado em qualquer noite dessa época, e o encontrasse escrevendo; encontrasse-o rasgando o que havia escrito; encontrasse-o terminando uma obra-prima às três horas da manhã e logo saindo às pressas para percorrer as ruas,

visitar igrejas, jejuar, jejuar num dia, beber em outro, devorar Shakespeare, Darwin, A história da civilização e Bernard Shaw.

Havia algo no ar, Mr. Brewer sabia; Mr. Brewer, chefe dos escriturários na Sibleys & Arrowsmiths, leiloeiros, avaliadores, corretores de terras e imóveis; havia algo no ar, pensava ele, e sendo paternal com seus rapazes, tendo em altíssimo apreço as capacidades de Smith e profetizando que, em dez ou quinze anos, chegaria à poltrona de couro na sala interna sob a claraboia com as caixas de documentos ao redor, “se conservar a saúde”, dizia Mr. Brewer, e este era o perigo – ele parecia fraco; aconselhava futebol, convidava-o para jantar e estava pensando numa maneira de recomendar um aumento de salário quando aconteceu algo que transtornou muitos dos cálculos de Mr. Brewer, levou seus jovens colegas mais capazes e por fim, tão intrometidos e insidiosos eram os dedos da guerra europeia, esmigalhou uma estátua de gesso de Ceres, abriu um rombo nos canteiros de gerânios e destróçou completamente os nervos da cozinheira na residência de Mr. Brewer em Muswell Hill.

Septimus foi um dos primeiros a se apresentar como voluntário. Foi à França para salvar uma Inglaterra que consistia quase inteiramente em peças de Shakespeare e em Miss Isabel Pole de vestido verde andando por uma praça. Lá nas trincheiras a mudança que Mr. Brewer desejava quando aconselhou o futebol se produziu instantaneamente; ele desenvolveu virilidade; foi promovido; atraiu a atenção, na verdade a afeição de seu oficial, de nome Evans. Eram como dois cães brincando num tapete da lareira; um mascando um pedaço de papel, rosnando, abocanhando, dando uma mordiscada, de vez em quando, na orelha do mais velho; o outro deitado sonolento, pestanejando ao fogo, erguendo uma pata, virando e rugindo de bom humor. Tinham de estar juntos, de compartilhar, brigar entre si, discutir entre si. Mas quando Evans (Rezia, que só o tinha visto uma vez, dizia que era “um homem quieto”, um ruivo robusto, calado na companhia de mulheres), quando Evans foi morto, logo antes do armistício, na Itália, Septimus, longe de mostrar qualquer emoção ou reconhecer que ali estava o fim de uma amizade, congratulou-se por sentir muito pouco e muito sensatamente. A guerra o ensinara. Era sublime. Tinha atravessado todo o espetáculo, a amizade, a guerra europeia, a morte, fora promovido, ainda não tinha trinta anos e estava destinado a sobreviver. Estava bem ali. As últimas bombas não o acertaram. Olhava-as explodindo com indiferença. Quando veio a paz ele estava em Milão, aquartelado na casa de um estalajadeiro com um pátio, flores em bacias, mesinhas ao ar livre, filhas fazendo chapéus, e com Lucrezia, a filha mais nova, ele noivou num anoitecer quando foi assaltado pelo pânico – de que não conseguia sentir.

Pois agora que tudo havia-se acabado, a paz estava assinada e os mortos enterrados, ele tinha, principalmente ao anoitecer, esses súbitos assaltos de medo. Não conseguia sentir. Quando abria a porta da sala onde as moças italianas estavam sentadas fazendo chapéus, conseguia vê-las; conseguia ouvi-las; estavam passando fios de arame entre contas coloridas em pires; estavam virando moldes de entretela de um lado e de outro; a mesa estava toda coberta de plumas, lantejoulas, sedas, faixas espalhadas; tesouras batiam secas na mesa; mas algo lhe faltava; ele não conseguia sentir. Ainda assim, tesouras batendo, moças rindo, chapéus sendo feitos o protegiam; tinha a segurança garantida; tinha um refúgio. Mas não podia ficar sentado ali a noite toda. Havia momentos em que acordava de manhã cedo. A cama estava caindo; ele estava caindo. Oh apesar das tesouras, da luz da lâmpada, das entretelas! Pediu em casamento Lucrezia, a mais nova das duas, a alegre, a frívola, com aqueles dedinhos de artista que levantava e dizia “Está tudo neles”. Seda, plumas, tudo ganhava vida neles.

– O chapéu é o mais importante – ela dizia quando saíam juntos. Cada chapéu que passava, ela examinava; e a capa, o vestido, o porte da mulher. As malvestidas, as vestidas com exagero ela estigmatizava, não brutalmente, mais com gestos impacientes

das mãos, como um pintor que afasta de si alguma inocente impostura óbvia e gritante; e então, com generosidade, mas sempre crítica, ela aprovava alguma balconista que havia dado um toque galante em seu chapeuzinho, ou louvava sem reservas, com conhecimento profissional e entusiástico, uma dama francesa descendo de sua carruagem, com chinchilas, mantos, pérolas.

– Lindo! – murmurava, cutucando Septimus para que olhasse. Mas a beleza estava atrás de um painel de vidro. Mesmo o sabor (Rezia gostava de sorvetes, chocolates, coisas doces) não tinha gosto para ele. Pousava a xícara na mesinha de mármore. Olhava as pessoas lá fora; pareciam felizes, reunindo-se no meio da rua, gritando, rindo, discutindo por nada. Mas não conseguia saborear, não conseguia sentir. Na confeitaria entre as mesas e os garçons falantes vinha-lhe o medo terrível – não conseguia sentir. Consequia raciocinar; conseguia ler, Dante por exemplo, com toda a facilidade (“Septimus, deixe o livro”, dizia Rezia, fechando delicadamente o Inferno), conseguia somar a conta; o cérebro estava perfeito; então devia ser culpa do mundo – que não conseguisse sentir.

– Os ingleses são tão calados – dizia Rezia. Gostava disso, dizia ela. Respeitava esses ingleses, e queria ver Londres, os cavalos ingleses, os ternos de alfaiataria, e lembrava que haviam lhe dito que as lojas eram maravilhosas, uma tia que se casara e morava no Soho.

Talvez fosse possível, pensou Septimus, olhando a Inglaterra pela janela do trem quando saíam de Newhaven; talvez fosse possível que o mundo em si não tivesse significado.

No escritório promoveram-no a um cargo de considerável responsabilidade. Estavam orgulhosos dele; tinha sido condecorado.

– Você cumpriu seu dever; cabe a nós... – começou Mr. Brewer; e não pôde concluir, tão agradável era aquela sua emoção. Ocuparam ótimos aposentos na Tottenham Court Road.

Aqui ele voltou a abrir Shakespeare. Aquela coisa de menino de se inebriar com a linguagem – Antônio e Cleópatra – tinha murchado totalmente. Como Shakespeare abominava a humanidade – pôr roupas, ter filhos, a sordidez da boca e do ventre! Agora se revelava a Septimus; a mensagem oculta na beleza das palavras. O sinal secreto que uma geração passa disfarçadamente à seguinte é a repugnância, o ódio, o desespero. Dante, a mesma coisa. Êsquilo (traduzido), a mesma coisa. Rezia sentava à mesa guarnecendo chapéus. Guarnecia chapéus para as amigas de Mrs. Filmer; guarnecia chapéus por horas. Parecia pálida, misteriosa, como um lírio, afogado, sob a água, pensou ele.

– Os ingleses são tão sérios – dizia ela, abraçando Septimus, encostando a face na dele.

O amor entre homem e mulher era repulsivo para Shakespeare. A coisa da cópula com aquele seu fim era sórdida para ele. Mas, dizia Rezia, ela precisava ter filhos. Estavam casados fazia cinco anos.

Iam juntos à Tower, ao Victoria and Albert Museum; juntavam-se à multidão para ver o rei abrir o Parlamento. E havia as lojas – lojas de chapéus, lojas de roupas, lojas com malas de couro na vitrine, onde ela parava e ficava olhando. Mas precisava ter um menino.

Precisava ter um filho como Septimus, dizia ela. Mas ninguém podia ser como Septimus; tão gentil; tão sério; tão inteligente. Ela não conseguiria ler também Shakespeare? Shakespeare era um autor difícil? perguntava ela.

Não se podem trazer filhos a um mundo como este. Não se pode perpetuar o sofrimento ou aumentar a raça desses animais sensuais, que não têm emoções duradouras, apenas caprichos e vaidades, agitando-os num turbilhão ora de um lado,

ora de outro.

Ele a observava cortando, modelando, como se observa um pássaro saltitar, esvoaçar na grama, sem ousar mexer um dedo. Pois a verdade (melhor deixá-la na ignorância) é que os seres humanos não têm fé, nem bondade, nem caridade além do que sirva para aumentar o prazer do momento. Caçam em bandos. Seus bandos exploram o deserto e desaparecem guinchando nos ermos. Abandonam os caídos. Usam caretas pregadas na cara. Havia Brewer no escritório, de bigode encerado, alfinete de gravata de coral, faixa branca e emoções agradáveis – por dentro só frieza e viscosidade – seus gerânios destruídos na guerra – os nervos de sua cozinheira destroçados; ou Amelia Nãoseidoquê passando as xícaras de chá às cinco em ponto – uma harpiazinha esconsa, escarninha, obscena; e os Toms e Berties com seus peitinhos engomados deixando pingar grandes gotas de vício. Nunca viam os desenhos que ele fazia no caderno, nus com suas grosserias. Na rua, os furgões passavam roncando por ele; a brutalidade estrondeava nos placares; homens eram apanhados em minas; mulheres queimavam vivas; e uma vez uma fila mutilada de lunáticos em treinamento ou exibição para o divertimento do populacho (que ria alto) desfilou, acenou a cabeça e sorriu passando por ele, na Tottenham Court Road, cada qual com certo ar de desculpa, mas ainda assim em triunfo, infligindo sua desgraça irremediável. E ele é que enlouquecia?

Ao chá Rezia lhe contou que a filha de Mrs. Filmer estava esperando um bebê. Ela não podia envelhecer sem ter filhos! Estava muito solitária, estava muito infeliz! Chorou pela primeira vez desde que se casaram. À distância ele ouviu seus soluços; ouviu precisamente, percebeu distintamente; comparou ao som de um pistão. Mas não sentiu nada.

Sua esposa estava chorando, e ele não sentia nada; apenas a cada vez que ela soluçava dessa profunda, dessa silenciosa, dessa desesperada maneira, ele descia mais um degrau dentro do poço.

Por fim, num gesto melodramático que adotou mecanicamente e com plena consciência de sua insinceridade, deixou cair a cabeça sobre as mãos. Agora tinha se rendido; agora outros deviam ajudá-lo. Deviam vir ajudá-lo. Ele cedeu.

Nada conseguia recobrá-lo. Rezia o pôs na cama. Mandou chamar um médico – dr. Holmes de Mrs. Filmer. Dr. Holmes o examinou. Ele não tinha absolutamente nada, disse dr. Holmes. Oh, que alívio! Que homem bom, que homem gentil!, pensou Rezia. Quando ele se sentia assim, ia ao teatro de variedades, disse dr. Holmes. Tirava um dia de folga com a esposa e iam jogar golfe. Por que não tentar duas pastilhas de brometo dissolvidas num copo d'água na hora de deitar? Essas casas velhas de Bloomsbury, disse dr. Holmes, dando pancadinhas na parede, muitas vezes são cheias de belos painéis de madeira, que os proprietários fazem a asneira de empapelar. Outro dia mesmo, visitando um paciente, Sir Algumacoisa de Qualquercoisa, em Bedford Square –

Então não havia desculpa; não tinha absolutamente nada, exceto o pecado pelo qual a natureza humana o condenara à morte; que ele não sentia. Não se importara quando Evans foi morto; aquilo foi o pior; mas todos os outros crimes erguiam suas cabeças e moviam o dedo acusador e troçavam e escarneciam ao pé da cama nas primeiras horas da manhã diante do corpo prostrado que jazia percebendo sua degradação; como se casara com a esposa sem a amar; mentira-lhe; seduzira-a; ultrajara Miss Isabel Pole, e estava tão empustulado e marcado pelo vício que as mulheres estremeciam ao vê-lo na rua. O veredito da natureza humana para tal canalha era a morte.

Dr. Holmes veio outra vez. Grande, de cores sadias, bem-apegoado, batendo levemente as botas, olhando-se no espelho, pôs tudo aquilo de lado – dores de cabeça, insônia, medos, sonhos – sintomas dos nervos e nada mais, disse ele. Se dr. Holmes visse

que tinha perdido nem que fossem só duzentas gramas de seus sepetas e três quilos, pedia à esposa mais um prato de mingau no desjejum. (Rezia devia aprender a fazer mingau.) Mas, continuou ele, a saúde é muito uma questão de controle pessoal. Procure interesses externos; escolha algum passatempo. Abriu Shakespeare – Antônio e Cleópatra; empurrou Shakespeare de lado. Algum passatempo, disse dr. Holmes, pois não devia ele sua excelente saúde (e trabalhava como qualquer outro em Londres) ao fato de sempre conseguir se desligar dos pacientes e se entreter com móveis antigos? E que lindo pente, se lhe permitisse dizer, Mrs. Warren Smith estava usando!

Quando o maldito imbecil veio outra vez, Septimus se recusou a vê-lo. É mesmo? disse dr. Holmes, com um sorriso amável. De fato precisou dar naquela encantadora senhorinha, Mrs. Smith, um leve empurrão amistoso para passar ao lado e entrar no quarto de seu marido.

– Então você está numa crise – disse em tom amável, sentando ao lado do paciente. Tinha realmente falado em se matar para a esposa, tão mocinha, estrangeira, não era? Isso não dava a ela uma ideia muito estranha dos maridos ingleses? Um homem não teria talvez uma obrigação com a própria esposa? Não seria melhor fazer alguma coisa em vez de ficar na cama? Pois ele tinha quarenta anos de experiência nas costas; e Septimus podia acreditar em sua palavra – ele não tinha absolutamente nada. E na próxima vez em que viesse esperava encontrar Smith de pé e sem deixar aquela encantadora senhorinha sua esposa preocupada com ele.

A natureza humana, em suma, partiu para cima dele – a besta repulsiva, com as narinas vermelhas como sangue. Holmes partiu para cima dele. Dr. Holmes vinha regularmente todos os dias. Depois que você tropeça, escreveu Septimus no verso de um cartão-postal, a natureza humana parte para cima de você. Holmes parte para cima de você. A única chance deles era fugir sem que Holmes soubesse; para a Itália – para qualquer lugar, qualquer lugar, longe de dr. Holmes.

Mas Rezia não conseguia entendê-lo. Dr. Holmes era um homem tão bom. Interessava-se tanto por Septimus. Só queria ajudá-los, dizia ele. Tinha quatro filhos pequenos e a convidara para o chá, contou ela a Septimus.

Assim estava abandonado. O mundo inteiro clamava: mate-se, mate-se, por nós. Mas por que haveria de se matar por eles? A comida era agradável; o sol, quente; e isso de se matar, como faria, com uma faca de mesa, de uma maneira nojenta, aos borbotões de sangue – cheirando o cano de gás? Estava fraco demais; mal conseguia erguer a mão. Além disso, agora que estava totalmente sozinho, condenado, abandonado, como sozinho está quem está à beira da morte, havia um luxo naquilo, um isolamento repleto de sublime; uma liberdade que os apegados não têm como conhecer. Holmes tinha vencido, claro; a besta com as narinas vermelhas tinha vencido. Mas nem o próprio Holmes conseguiria encostar nesta última ruína vagando perdida no fim do mundo, neste proscrito, que voltava o olhar para as regiões habitadas, que jazia, como um marinheiro afogado, na praia do mundo.

Foi naquele instante (Rezia tinha ido às compras) que ocorreu a grande revelação. Uma voz falou por trás do biombo. Evans estava falando. Os mortos estavam com ele.

– Evans, Evans! – gritou.

Mr. Smith estava falando sozinho, gritou a criadinha Agnes para Mrs. Filmer na cozinha. “Evans, Evans!”, tinha dito ele quando entrou com a bandeja. Ela deu um salto, ah se deu. E desceu as escadas correndo.

E Rezia chegou, com suas flores, e atravessou o quarto, e pôs as rosas num vaso, com o sol batendo diretamente nelas, e se pôs a rir, saltitando pelo quarto.

Precisara comprar as rosas, disse Rezia, de um pobre sujeito na rua. Mas já estavam quase mortas, disse ajeitando as rosas.

Então havia um homem lá fora; Evans, provavelmente; e as rosas, que Rezia disse

que estavam quase mortas, tinham sido colhidas por ele nos campos da Grécia. Comunicação é saúde; comunicação é felicidade. Comunicação, murmurou ele.

– O que você está dizendo, Septimus? – perguntou Rezia, desvairada de terror, pois ele estava falando sozinho.

Ela mandou Agnes ir correndo chamar dr. Holmes. Seu marido, disse ela, estava louco. Mal a reconhecia.

– Sua besta! Sua besta! – gritou Septimus, vendo a natureza humana, isto é, dr. Holmes, entrar no quarto.

– Ora, ora, o que temos aqui? – disse dr. Holmes no tom mais afável do mundo. – Falando bobagens para assustar sua esposa?

Mas ele lhe daria algo para dormir. E se eram ricos, disse dr. Holmes, olhando ironicamente ao redor do quarto, que fossem então a Harley Street; se não confiavam nele, disse dr. Holmes, já não parecendo tão bondoso.

Eram exatamente doze horas; doze pelo Big Ben; cuja badalada foi flutuando até toda a zona norte de Londres; fundiu-se às de outros relógios, mesclou-se leve e etérea com as nuvens e fiapos de fumaça e morreu lá longe entre as gaivotas – bateram as doze enquanto Clarissa Dalloway estendia o vestido verde na cama e os Warren Smith desciam a Harley Street. Às doze era o horário da consulta deles. Provavelmente, pensou Rezia, era a casa de Sir William Bradshaw com o carro cinza na frente. (Os círculos de chumbo se dissolveram no ar.)

De fato era – o carro de Sir William Bradshaw; baixo, potente, cinza com iniciais lisas entrelaçadas no painel da porta, como se as pompas da heráldica fossem incongruentes por ser este homem o auxiliador espiritual, o sacerdote da ciência; e, tal como o carro era cinza, dentro dele, para combinar com sua suavidade sóbria, amontoavam-se peles cinza, mantas cinza-prateadas, para manter sua senhoria aquecida enquanto aguardava. Pois muitas vezes Sir William percorria noventa ou cem quilômetros de estrada, para ir visitar no campo os ricos, os aflitos, que podiam pagar os enormes honorários que Sir William muito devidamente cobrava pela consulta. Sua senhoria esperava com as mantas nos joelhos uma hora ou mais, reclinada, às vezes pensando no paciente, às vezes, desculpavelmente, no muro de ouro, aumentando minuto a minuto enquanto esperava; o muro de ouro que aumentava entre eles e todas as mudanças e ansiedades (ela as enfrentara com bravura; tinham tido suas lutas), até se sentir segura num oceano calmo, onde sopram apenas ventos agradáveis; respeitada, admirada, invejada, sem lhe restar praticamente nada a desejar, embora lamentasse sua robustez; grandes jantares todas as quintas-feiras para os colegas de profissão; um ocasional bazar beneficente para inaugurar; cumprimentos à realeza; muito pouco tempo, infelizmente, com o marido, cujo trabalho não parava de aumentar; um menino indo bem em Eton; gostaria de uma filha também; ocupações, porém, não lhe faltavam; a assistência infantil; o atendimento aos epiléticos em convalescença; a fotografia, de forma que, se houvesse uma igreja sendo construída, ou uma igreja sendo demolida, ela dava uma gorjeta ao sacristão, pegava a chave e tirava fotos, que praticamente não se distinguiam do trabalho de um profissional, enquanto esperava.

Sir William também já não era jovem. Tinha trabalhado muito; conquistara sua posição por mérito próprio (sendo filho de um pequeno comerciante); amava a profissão; fazia bela figura nas cerimônias e falava bem – coisas, todas elas, que na época em que recebeu o título de cavaleiro lhe conferiam um ar pesado, um ar cansado (sendo o movimento do consultório tão incessante, as responsabilidades e privilégios da profissão tão exigentes), cansaço este que, junto com seus cabelos grisalhos, acentuava a extraordinária distinção de sua presença e lhe dava a fama (da máxima importância para atender a casos de nervos) não só de grande perícia e precisão quase infalível no

diagnóstico, mas de fato; de tato; de compreensão da alma humana. Ele viu na hora em que entraram na sala (os Warren Smith, chamavam-se eles); teve certeza no instante em que viu o homem; era um caso de extrema gravidade. Era um caso de completo colapso – completo colapso físico e nervoso, com todos os sintomas em estágio avançado, certificou-se em dois ou três minutos (anotando as respostas às perguntas, murmuradas discretamente, numa ficha cor-de-rosa).

Quanto tempo fazia que dr. Holmes o atendia?

Seis semanas.

Receitou um pouco de brometo? Disse que não era nada? Ah sim (esses clínicos gerais!, pensou Sir William. Passava metade do tempo desfazendo suas asneiras. Algumas eram irreparáveis.)

– Serviu com grande distinção na guerra?

O paciente repetiu a palavra “guerra” em tom interrogativo.

Estava atribuindo a palavras significados simbólicos. Um sintoma sério a ser registrado na ficha.

– A guerra? – perguntou o paciente. A guerra europeia, aquela pequena arruaça de colegiais com bombinhas? Tinha servido com distinção? Realmente não lembrava. Na guerra em si tinha fracassado.

– Sim, ele serviu com a mais alta distinção – garantiu Rezia ao médico –; foi promovido.

– E eles têm a mais alta opinião a seu respeito no escritório? – murmurou sir William, relanceando a carta de Mr. Brewer escrita em termos muitos generosos. – De forma que não tem nada a preocupá-lo, nenhum problema financeiro, nada?

Ele cometera um crime pavoroso e tinha sido condenado à morte pela natureza humana.

– Eu... Eu – começou – cometi um crime –

– Ele não fez nada, nada de errado – garantiu Rezia ao médico. Que Mr. Smith esperasse um minutinho, disse Sir William, pois falaria com Mrs. Smith na sala ao lado. Seu marido estava gravemente enfermo, disse Sir William. Ameaçou se matar?

Oh, ameaçou sim, exclamou ela. Mas não pretendia, disse. Claro que não. Era apenas uma questão de repouso, disse Sir William; de repouso, repouso, repouso; um longo repouso na cama. Havia uma casa muito agradável no campo onde seria tratado com toda a atenção. Longe dela? perguntou. Infelizmente sim; os seres mais queridos não são adequados para nós quando estamos doentes. Mas ele não estava louco, estava? Sir William disse que nunca falava em “loucura”; chamava de falta de senso de proporção. Mas seu marido não gostava de médicos. Não aceitaria ir. Sucinto e afável, Sir William lhe explicou o estado do caso. Ele tinha ameaçado se matar. Não havia alternativa. Era uma questão de lei. Ficaria na cama numa bela casa no campo. As enfermeiras eram excelentes. Sir William iria visitá-lo uma vez por semana. Se Mrs. Warren Smith se sentisse plenamente segura de que não tinha mais perguntas a fazer – ele nunca apressava seus pacientes –, voltariam ao marido. Ela não tinha mais nada a perguntar – não a Sir William.

Assim voltaram ao mais exaltado ser da humanidade; ao criminoso que enfrentava seus juízes; à vítima exposta nas alturas; ao fugitivo; ao marinheiro afogado; ao poeta da ode imortal; ao Senhor que passara da vida à morte; a Septimus Warren Smith, que estava sentado na poltrona sob a claraboia fitando uma fotografia de Lady Bradshaw num vestido de corte, murmurando mensagens sobre a beleza.

– Tivemos nossa pequena conversa – disse Sir William.

– Ele diz que você está muito, muito doente – gemeu Rezia.

– Estávamos combinando que você deve ir para uma casa – disse Sir William.

– Uma das casas de Holmes? – escarneceu Septimus.

O sujeito dava uma impressão desagradável. Pois havia em Sir William, filho de comerciante, um respeito natural pela educação e pela indumentária, que o desleixo exasperava; e ainda, mais profundamente, havia em Sir William, que nunca tivera tempo para a leitura, um rancor, muito entranhado, contra pessoas cultivadas que entravam em sua sala e sugeriam que os médicos, cuja profissão exerce uma tensão constante sobre todas as mais altas faculdades, não são homens instruídos.

– Uma de minhas casas, Mr. Warren Smith – disse ele –, onde o ensinaremos a repousar.

E havia só mais uma coisa.

Ele tinha plena certeza de que quando Mr. Warren Smith estava bem era o último homem do mundo a querer assustar a esposa. Mas ele tinha falado em se matar.

– Todos nós temos nossos momentos de depressão – disse Sir William.

Depois que você cai, repetiu Septimus consigo mesmo, a natureza humana parte para cima de você. Holmes e Bradshaw partem para cima de você. Exploram o deserto. Precipitam-se guinchando nos ermos. Aplicam o torno e o cavalete. A natureza humana é desapidada.

– Às vezes lhe vêm impulsos? – perguntou Sir William, com o lápis numa ficha cor-de-rosa.

Não era de sua conta, disse Septimus.

– Ninguém vive só para si mesmo – disse Sir William, relanceando a foto de sua esposa em vestido de gala.

– E há uma carreira brilhante à sua frente – disse Sir William. Estava ali a carta de Mr. Brewer na mesa. – Uma carreira excepcionalmente brilhante.

Mas e se confessasse? E se comunicasse? Então o deixariam em paz, Holmes, Bradshaw?

– Eu... Eu... – gaguejou.

Mas qual era seu crime? Não conseguia lembrar.

– Sim? – Sir William o incentivou. (Mas estava ficando tarde.)

Amor, árvores, não existe crime – qual era sua mensagem?

Não conseguia lembrar.

– Eu... Eu... – Septimus gaguejou.

– Tente pensar o mínimo possível sobre si mesmo – disse Sir William afável. Realmente não estava em condições.

Havia mais alguma coisa que quisessem lhe perguntar? Sir William tomaria todas as providências (murmurou a Rezia) e avisaria a ela entre as cinco e as seis da tarde.

– Deixem tudo a meu cargo – disse ele e os dispensou.

Nunca, nunca Rezia tinha sentido tanta angústia na vida! Tinha pedido ajuda e fora abandonada! Ele lhes falhara! Sir William Bradshaw não era um ser bondoso.

Só o motor ligado daquele carro devia custar um dinheirão, disse Septimus quando saíram à rua.

Ela se agarrou a seu braço. Tinham sido abandonados.

Mas o que mais ela queria?

A seus pacientes ele dedicava três quartos de hora; e se nesta ciência exigente que lida com o que, afinal, ignoramos totalmente – o sistema nervoso, o cérebro humano – um médico perde seu senso de proporção, como médico ele falha. Saúde, precisamos ter; e saúde é proporção; portanto, quando um homem entra em sua sala e diz que é Cristo (um delírio comum) e tem uma mensagem, como a maioria deles tem, e ameaça, como costumam fazer, se matar, você invoca a proporção; recomenda repouso na cama; repouso na solidão; silêncio e repouso; repouso sem amigos, sem livros, sem mensagens; repouso por seis meses; até que um homem que entrou pesando cinquenta quilos saia com oitenta.

A proporção, a divina proporção, deusa de Sir William, ele a adquiriu percorrendo hospitais, pescando salmões, gerando um filho único em Harley Street com Lady Bradshaw, que também pescava salmões e tirava fotos que praticamente não se distinguiam do trabalho de um profissional. Adorando a proporção, Sir William não só prosperava pessoalmente mas fazia prosperar a Inglaterra, isolava seus lunáticos, impedia nascimentos, punia o desespero, impedia que os desajustados propagassem suas opiniões enquanto não partilhassem, eles também, seu senso de proporção – o dele, se eram homens, o de Lady Bradshaw se eram mulheres (ela bordava, tricotava, passava quatro noites da semana em casa com o filho), de forma que não só os colegas o respeitavam e os subordinados o temiam, como também os amigos e parentes de seus pacientes sentiam por ele a mais fervorosa gratidão por insistir que esses proféticos Cristos e Cristas, que profetizavam o fim do mundo ou a vinda de Deus, tomassem leite na cama, como ordenava Sir William; Sir William com seus trinta anos de experiência nesses tipos de casos e seu instinto infalível, isso é loucura, isso é senso; seu senso de proporção.

Mas a Proporção tem uma irmã, menos sorridente, mais temível, uma deusa agora mesmo empenhada – no calor e nas areias da Índia, na lama e nos pântanos da África, nas periferias de Londres, em qualquer lugar, em suma, onde o clima ou o demônio tenta os homens para perderem a verdadeira fé que é a dela própria – agora mesmo empenhada em destruir os santuários, esmagar os ídolos e erguer no lugar deles seu próprio semblante severo. Conversão é seu nome e ela se banqueteia com a vontade dos fracos, gostando de impressionar, de impor, adorando seus próprios traços estampados na face do populacho. Em Hyde Park Corner põe-se a pregar em cima de um tonel; amortalha-se de branco e como penitente disfarçada de amor fraterno percorre fábricas e parlamentos; oferece auxílio, mas deseja poder; com gesto brutal afasta do caminho os dissidentes ou descontentes; distribui sua bênção àqueles que, erguendo a face, de seus olhos recolhem submissos a luz para o próprio olhar. Esta dama também (Rezia Warren Smith adivinhou) tinha sua morada no coração de sir William, embora dissimulada, como costuma fazer, sob algum disfarce aceitável; algum nome respeitável; amor, dever, altruísmo. Como ele trabalhava – como mourejava para angariar fundos, divulgar reformas, fundar instituições! Mas a conversão, deusa difícil de contentar, prefere sangue a tijolos, e muito habilmente se banqueteia com a vontade humana. Por exemplo, Lady Bradshaw. Quinze anos atrás tinha sucumbido. Não era nada que se pudesse apontar; não tinha ocorrido nenhuma cena, nenhuma ruptura; apenas o soçobro lento, o afundamento de sua vontade na dele. Doce era seu sorriso, pronta sua submissão; o jantar em Harley Street, com oito ou nove pratos, para dez ou quinze convidados, profissionais liberais, era calmo e cortês. Somente quando a noite avançava, um levíssimo embotamento, ou desconforto talvez, uma contração nervosa, um desazo, um tropeço, um embaraço indicavam, o que era realmente penoso de se acreditar – que a pobre dama mentia. Antigamente, muito tempo atrás, ela apanhava salmões à vontade: agora, rápida em atender ao anseio que tão untuosamente avivava o olhar do marido pelo domínio, pelo poder, ela se paralisava, se reprimia, se restringia, se diminuía, se retraía, mal se deixava ver: de forma que, sem saber precisamente o que tornava a noite desagradável e provocava essa pressão no alto da cabeça (que podia muito bem ser atribuída à conversa profissional ou à fadiga de um grande médico cuja vida, dizia Lady Bradshaw, “não é dele e sim de seus pacientes”), era mesmo desagradável: de forma que os convidados, quando o relógio batia as dez horas, inspiravam o ar da Harley Street até com enlevo; alívio este, porém, que era negado a seus pacientes.

Lá na sala cinza, com os quadros na parede e os móveis valiosos, sob a claraboia de vidro fosco, eles aprendiam o grau de suas transgressões: encolhidos na poltrona, viam-

no realizar, para o bem deles, um curioso exercício com os braços, que estendia e num ímpeto fincava de novo nos quadris, para provar (se o paciente fosse obstinado) que Sir William era dono de suas ações, coisa que o paciente não era. Alguns fracos cediam; soluçavam, submetiam-se; outros, inspirados sabem os céus por qual loucura destemperada, chamavam-lhe na cara de sórdido impostor; questionavam, ainda mais impiamente, a própria vida. Viver para quê?, indagavam. Sir William replicava que a vida era boa. Sem dúvida Lady Bradshaw com plumas de avestruz pendia acima da lareira, e quanto a suas rendas eram doze mil ao ano. Mas a nós, protestavam eles, a vida não estendeu tanta liberalidade. Ele concordava. Faltava-lhes o senso de proporção. E se Deus afinal não existir? Ele encolhia os ombros. Em suma, isso de viver ou não viver não é assunto nosso? Mas nisso eles se enganavam. Sir William tinha um amigo em Surrey e lá ensinavam o que Sir William admitia francamente ser uma difícil arte – um senso de proporção. Além disso havia a afeição familiar; a honra; a coragem; e uma carreira brilhante. Todas elas encontravam em Sir William um bravo defensor. Se falhassem, ele tinha em seu apoio a polícia e o bem da sociedade, que, observava com muita calma, providenciariam, lá em Surrey, que esses impulsos antissociais, alimentados principalmente pela falta de bom sangue, fossem mantidos sob controle. E então esgueirava-se de seu esconderijo e subia ao trono aquela deusa cujo desejo ardente é vencer a oposição, gravar indelevelmente nos santuários dos outros a imagem de si mesma. Nus, indefesos, os exaustos, os solitários recebiam a marca da vontade de Sir William. Ele arremetia; devorava. Encarcerava as pessoas. Era essa soma de decisão e humanidade que tornava Sir William tão caro aos parentes de suas vítimas.

Mas Rezia Warren Smith, descendo a Harley Street, exclamou que não gostava daquele homem.

Cortando e fatiando, dividindo e subdividindo, os relógios da Harley Street mordiscavam o dia de junho, aconselhavam a submissão, defendiam a autoridade e apontavam em coro as vantagens supremas de um senso de proporção, até que a pilha do tempo tinha diminuído tanto que um relógio comercial, pendurado numa loja na Oxford Street, anunciou com alegria e cordialidade, como se fosse um prazer para os senhores Rigby e Lowndes darem a informação grátis, que era uma e meia.

Olhando para o alto, via-se que cada letra do nome deles representava uma hora; subconscientemente, a pessoa se sentia grata a Rigby e Lowndes por darem uma hora ratificada por Greenwich; e essa gratidão (assim ruminava Hugh Whitbread, demorando-se na frente da vitrine) naturalmente depois adotava a forma de comprar meias ou sapatos na Rigby e Lowndes. Assim ele ruminava. Era seu hábito. Não ia a fundo. Roçava superfícies; as línguas mortas, as vivas, a vida em Constantinopla, Paris, Roma; montar, caçar, jogar tênis eram coisas do passado. Os maliciosos diziam que agora ele montava guarda no Palácio de Buckingham, usando calções e meias de seda – a quê, ninguém sabia. Mas cumpria com extrema eficiência. Boiara na nata da sociedade inglesa durante cinquenta e cinco anos. Conhecera primeiros-ministros. Seus afetos eram considerados profundos. E se era verdade que não tinha participado de nenhum dos grandes movimentos da época nem ocupara cargos importantes, cabia-lhe o crédito de uma ou duas reformas modestas; a melhoria dos abrigos públicos era uma delas; outra, a proteção das corujas em Norfolk; as criadas tinham motivos para lhe ser gratas; e seu nome no fim das cartas ao Times, pedindo fundos, apelando ao público para proteger, preservar, limpar a sujeira, diminuir o fumo e eliminar a imoralidade dos parques, impunha respeito.

Tinha também uma figura imponente, parando por um instante (enquanto o som da meia hora se extinguia) para examinar com olhar crítico, conhecedor, as meias e sapatos; impecável, sólido, como se contemplasse o mundo de certa altura e se vestisse de acordo; mas entendia as obrigações que a posição, a riqueza, a saúde acarretam e,

mesmo quando não havia a menor necessidade, observava meticulosamente pequenas cortesias, formalidades antiquadas, que conferiam qualidade a suas maneiras, algo a ser imitado, algo pelo qual seria lembrado, pois nunca iria almoçar, por exemplo, com Lady Bruton, a quem conhecia nesses vinte anos, sem levar um ramalhete de cravos na mão e sem perguntar a Miss Brush, secretária de Lady Bruton, pelo irmão na África do Sul, com o que, por alguma razão, Miss Brush, embora carente de todos os atributos do encanto feminino, se ressentia tanto que dizia “Obrigada, está se dando muito bem na África do Sul”, enquanto fazia meia dúzia de anos que ele estava se dando muito mal em Portsmouth.

Lady Bruton, pessoalmente, preferia Richard Dalloway, que chegou no mesmo instante. Na verdade tinham se encontrado na porta.

Lady Bruton preferia Richard Dalloway, claro. Era feito de material muito mais fino. Mas não deixaria que depreciassem o pobre e querido Hugh. Nunca poderia esquecer a gentileza dele – de fato ele tinha sido admiravelmente gentil – ela não lembrava bem em que ocasião. Mas tinha sido – admiravelmente gentil. De qualquer forma, a diferença entre um homem e outro não é grande coisa. Ela nunca tinha visto sentido em dissecar as pessoas, como fazia Clarissa Dalloway – dissecá-las e juntá-las de novo; não, em todo caso, aos sessenta e dois anos de idade. Ela pegou os cravos de Hugh com seu sorriso austero e anguloso. Não vinha mais ninguém, disse. Chamara-os com uma falsa desculpa, para que a ajudassem a sair de uma dificuldade –

– Mas antes vamos comer – disse ela.

E então pelas portas de molas começou uma requintada movimentação silenciosa não necessariamente de simples criadas de touca e avental, mas de donzelas ataviadas de branco, iniciadas num rito de mistério ou grandioso ilusionismo praticado pelas damas de sociedade em Mayfair da uma e trinta às duas, quando, a um aceno de mão, o trânsito cessa e em seu lugar surge essa profunda ilusão, em primeiro lugar sobre a comida – que não se pague por ela; e então que a mesa se arrume espontaneamente com cristais e pratarias, toalhinhas, molheiras com calda de frutas vermelhas; películas de creme castanho servem de máscara a rodovalhos; em ensopados nadam frangos em pedaços; corado, indomado, arde o fogo; e com o vinho e o café (sem que se pague por eles) elevam-se alegres visões diante de olhos pensativos; olhos suavemente meditativos; olhos aos quais a vida se mostra melodiosa, misteriosa; olhos agora estimulados a notar cordialmente a beleza dos cravos vermelhos que Lady Bruton (cujos movimentos eram sempre angulosos) havia posto ao lado de seu prato, a tal ponto que Hugh Whitbread, sentindo-se em paz com todo o universo e ao mesmo tempo completamente seguro de sua posição, disse, pousando o garfo:

– Não ficariam encantadores em suas rendas?

Miss Brush se ressentiu profundamente com essa familiaridade. Considerava-o um sujeito mal-educado. Ela divertia Lady Bruton, que achava graça.

Lady Bruton ergueu os cravos e segurou com certa rigidez, numa atitude muito parecida com a do general segurando o rolo de pergaminho no quadro a suas costas; ficou parada, enlevada. O que ela era agora do general, bisneta? tataraneta?, perguntou-se Richard Dalloway. Sir Roderick, Sir Miles, Sir Talbot – era isso. Era admirável como naquela família a semelhança se transmitia às mulheres. Ela mesma podia ter sido uma generala dos dragões. E Richard serviria sob seu comando, de muito bom grado; sentia o maior respeito por ela; alimentava essas noções românticas sobre damas idosas de alta posição, e bem que gostaria, de sua maneira bem-humorada, de trazer alguns conhecidos seus, uns jovens fanáticos, para almoçar com ela; como se uma figura daquelas pudesse surgir entre afáveis entusiastas de um bom chá! Ele conhecia a terra dela. Conhecia sua gente. Havia uma parreira, ainda em produção, sob a qual Lovelace ou Herrick – ela mesma nunca leu uma única palavra de um poema, mas assim diziam –

havia se sentado. Melhor esperar para lhes colocar a questão que a incomodava (tratava-se de fazer um apelo ao público; se sim, em que termos e assim por diante), melhor esperar até terminarem o café, pensou Lady Bruton; e então repôs os cravos ao lado do prato.

– E Clarissa, como vai? – perguntou abruptamente.

Clarissa sempre dizia que Lady Bruton não gostava dela. De fato, Lady Bruton tinha a fama de se interessar mais pela política do que pelas pessoas; de falar como um homem; de ter mexido alguns pauzinhos em alguma intriga notória dos anos 1880, que agora começava a ser mencionada em memórias. Certamente havia uma recâmara em sua sala de visitas, e uma mesa naquela recâmara, e uma fotografia em cima daquela mesa do general Sir Talbot Moore, agora falecido, que tinha redigido ali (uma noite nos anos 80) na presença de Lady Bruton, com seu conhecimento, talvez a seu conselho, um telegrama ordenando que as tropas britânicas avançassem em certa ocasião histórica. (Ela conservava a caneta e contava o episódio.) Assim, quando perguntava sem muita cerimônia “E Clarissa, como vai?”, os maridos tinham dificuldade em persuadir as esposas, e de fato, por mais devotados que fossem, eles mesmos secretamente ficavam em dúvida sobre o interesse dela em mulheres que volta e meia se punham no caminho dos maridos, impediam-nos de aceitar cargos no estrangeiro e tinham de ser levadas ao litoral no meio do ano parlamentar para se recuperar de alguma gripe. Mesmo assim sua pergunta, “E Clarissa, como vai?”, era vista infalivelmente pelas mulheres como um sinal de alguém que lhes quer bem, de uma companheira quase silenciosa, cujas manifestações (meia dúzia talvez durante toda uma vida) significavam o reconhecimento de alguma camaradagem feminina que ia além dos almoços masculinos e unia Lady Bruton e Mrs. Dalloway, que raramente se encontravam e, quando se encontravam, era com indiferença e mesmo hostilidade, num vínculo singular.

– Encontrei Clarissa no parque hoje de manhã – disse Hugh Whitbread, mergulhando no ensopado, ansioso em se render este pequeno tributo, pois lhe bastava vir a Londres e logo encontrava todo mundo; mas voraz, um dos homens mais vorazes que tinha visto na vida, pensou Milly Brush, que observava os homens com retidão inflexível e era capaz de uma devoção perpétua, em especial a seu próprio sexo, sendo nodosa, seca, angulosa e inteiramente despida de encantos femininos.

– Sabem quem está na cidade? – disse Lady Bruton, pensando nela de repente. – Nosso velho amigo, Peter Walsh.

Todos sorriram. Peter Walsh! E Mr. Dalloway ficou genuinamente contente, pensou Milly Brush; e Mr. Whitbread só pensava em seu frango.

Peter Walsh! Todos os três, Lady Bruton, Hugh Whitbread e Richard Dalloway, lembraram a mesma coisa – como Peter esteve perdidamente apaixonado; fora rejeitado; tinha ido para a Índia; não se acertou; fez uma variedade de coisas; e Richard Dalloway tinha também um enorme apreço pelo bom e velho camarada. Milly Brush viu aquilo; viu uma profundidade no castanho de seus olhos; viu-o hesitar; considerar; o que a interessou, como sempre lhe interessava Mr. Dalloway, pois o que ele estava pensando, refletiu ela, sobre Peter Walsh?

Que Peter Walsh tinha sido apaixonado por Clarissa; que voltaria diretamente para casa depois do almoço e iria ver Clarissa; que lhe diria com todas as letras que a amava. Sim, diria.

Milly Brush antigamente quase teria se apaixonado por esses silêncios; e Mr. Dalloway era sempre tão confiável; e um grande cavalheiro também. Agora, aos quarenta anos, bastava Lady Bruton menear ou virar a cabeça um pouco bruscamente e Milly Brush entendia o sinal, por mais que estivesse mergulhada nessas reflexões de um espírito desinteressado, de uma alma incorrupta que a vida não poderia enganar, porque a vida não lhe oferecera qualquer adorno do mais ínfimo valor; cacho, sorriso,

lábio, face, nariz, nada; absolutamente nada; bastava Lady Bruton menear a cabeça e Perkins recebia instruções de trazer logo o café.

– Sim; Peter Walsh voltou – disse Lady Bruton. Era vagamente lisonjeiro para todos eles. Voltara, derrotado, vencido, para suas margens seguras. Mas ajudá-lo, refletiram, era impossível; havia alguma falha em seu caráter. Hugh Whitbread disse que certamente era possível recomendar seu nome a alguém. Franziu a testa com ar grave, importante, à ideia das cartas que escreveria aos chefes de gabinete do governo sobre “meu velho amigo, Peter Walsh”, e assim por diante. Mas não levaria a nada – a nada permanente, devido ao caráter dele.

– Problema com alguma mulher – disse Lady Bruton. Todos tinham adivinhado que era isso que estava no fundo.

– Mas – disse Lady Bruton, ansiosa em abandonar o assunto – ouviremos toda a história do próprio Peter.

(O café estava demorando muito para vir.)

– O endereço? – murmurou Hugh Whitbread; e logo surgiu um encrespamento na onda gris de obsequiosidade que banhava Lady Bruton dia após dia, recolhendo, interceptando, envolvendo-a num tecido fino que amortecia golpes, atenuava interrupções e estendia pela casa em Brook Street uma fina tela onde as coisas se alojavam e eram escolhidas com precisão, com rapidez pelo grisalho Perkins, que estava com Lady Bruton todos esses trinta anos e agora anotava o endereço; estendeu-o a Mr. Whitbread, que tirou sua agenda de bolso, ergueu as sobranceiras e, enfiando-o entre documentos da mais alta importância, falou que diria a Evelyn que o convidasse para almoçar.

(Eles estavam esperando Mr. Whitbread terminar para trazerem o café.)

Hugh era muito lento, pensou Lady Bruton. Estava engordando, notou. Richard sempre se mantinha em plena forma. Estava ficando impaciente; todo o seu ser estava se encaminhando resolutamente, irresistivelmente, varrendo com decisão toda essa ninharia desnecessária (Peter Walsh e seus casos), para aquele tema que concentrava sua atenção, e não apenas sua atenção, mas aquela fibra que era o próprio esteio de sua alma, aquela parte essencial de si sem a qual Millicent Bruton não seria Millicent Bruton; aquele projeto de emigração e assentamento para jovens de ambos os sexos nascidos de famílias respeitáveis com boas perspectivas de prosperidade no Canadá. Estava exagerando. Talvez tivesse perdido seu senso de proporção. Para os outros, a emigração não era o remédio óbvio, a concepção sublime. Não era para eles (não para Hugh ou Richard, ou mesmo para a devotada Miss Brush) o liberador do egoísmo contido, que uma mulher marcial forte, bem nutrida, de boa origem, de impulsos diretos, sentimentos francos e pouco poder de introspecção (simples e direta – por que as pessoas não podiam ser todas elas simples e diretas?, perguntava ela) sente crescer dentro de si, passada a juventude, e precisa projetar sobre algum objeto – pode ser a Emigração, pode ser a Emancipação; mas, seja qual for, esse objeto em torno do qual se derrama a cada dia a essência de sua alma se torna inevitavelmente prismático, cintilante, parecendo em parte um espelho, em parte uma pedra preciosa; ora ciosamente ocultado caso os outros zombem dele; ora orgulhosamente exibido. Em suma, a Emigração se tornara em larga medida Lady Bruton.

Mas ela precisava escrever. E uma única carta ao Times, costumava dizer a Miss Brush, custava-lhe mais do que organizar uma expedição à África do Sul (o que ela tinha feito na guerra). Depois de uma manhã de batalha, começando, rasgando, recomeçando, reconheceu a inutilidade de sua condição feminina como jamais sentira em qualquer outra ocasião e se voltou grata à lembrança de Hugh Whitbread, que possuía – ninguém duvidaria disso – a arte de escrever cartas ao Times.

Um ser de constituição tão diferente da sua, com tal domínio da linguagem; capaz

de pôr as coisas do jeito que os editores gostavam; tinha paixões que não podiam ser qualificadas de simples voracidade. Muitas vezes Lady Bruton suspendia seu juízo sobre os homens por respeito à misteriosa consonância que eles, mas nenhuma mulher, mantinham com as leis do universo; sabiam como pôr as coisas; sabiam o que dizer; de forma que, se Richard a aconselhasse e Hugh escrevesse por ela, tinha certeza de que o resultado seria bom. Assim deixou que Hugh comesse seu suflê; perguntou pela pobre Evelyn; esperou até que se pusessem a fumar e então disse.

– Milly, você traria os papéis?

E Miss Brush foi, voltou; pôs papéis na mesa; e Hugh tirou sua caneta-tinteiro; sua caneta-tinteiro prateada, que estava em serviço fazia vinte anos, disse ele, desrosqueando a tampa. Ainda estava em perfeita ordem; mostrara-a aos fabricantes; não havia razão, disseram eles, para que algum dia se estragasse; o que de certa forma era mérito de Hugh, e mérito dos sentimentos que sua caneta expressava (assim sentiu Richard Dalloway) quando Hugh começou a traçar cuidadosamente letras maiúsculas floreadas na margem, e assim maravilhosamente deu à algaravia de Lady Bruton o sentido, a gramática que o editor do Times, sentiu Lady Bruton, observando a maravilhosa transformação, teria de respeitar. Hugh era lento. Hugh era persistente. Richard dizia que se devia arriscar. Hugh propôs modificações por respeito aos sentimentos das pessoas, os quais, disse, tinha tanto asperamente quando Richard riu, “deviam ser levados em conta”, e leu “como, por conseguinte, somos da opinião de que os tempos estão maduros... a juventude excedente de nossa população em crescimento constante... o que devemos aos mortos...”, o que Richard achava que era só encheção de linguiça e conversa fiada, mas não fazia nenhum mal, claro, e Hugh continuou a arrolar em ordem alfabética sentimentos da mais alta nobreza, espanando a cinza do charuto de seu colete e de vez em quando recapitulando o avanço que tinham feito até que, finalmente, leu o rascunho de uma carta que Lady Bruton sentiu com toda certeza que era uma obra-prima. O que ela queria dizer podia soar daquela maneira?

Hugh não podia garantir que o editor fosse publicar; mas iria encontrar alguém na hora do almoço.

Com isso Lady Bruton, que raramente fazia alguma coisa graciosa, enfiou todos os cravos de Hugh dentro do decote do vestido e, arrojando-lhe as mãos, exclamou “Meu primeiro-ministro!”. Não sabia o que teria feito sem os dois. Levantaram-se. E Richard Dalloway foi como de hábito dar uma olhada no retrato do general, pois pretendia, desde que tivesse um momento de folga, escrever uma história da família de Lady Bruton.

E Millicent Bruton tinha muito orgulho da família. Mas podiam esperar, podiam esperar, disse ela, olhando o quadro; querendo dizer que sua família, de militares, governadores, almirantes, tinha sido de homens de ação, que haviam cumprido seu dever; e o primeiro dever de Richard era com seu país, mas era um belo rosto, disse ela; e todos os papéis estavam prontos para Richard em Aldmixon no momento em que chegasse a hora; o governo trabalhista, queria dizer.

– Ah, as notícias da Índia! – exclamou ela.

E então, enquanto estavam no saguão pegando luvas amarelas do vaso na mesa de malaquita e Hugh oferecia a Miss Brush com uma cortesia totalmente desnecessária algum ingresso sobrando ou outra gentileza, que ela detestava do mais fundo do coração e corava com um rubor intenso, Richard se virou para Lady Bruton, com o chapéu na mão, e disse:

– Teremos sua presença em nossa festa hoje à noite? – ao que Lady Bruton reassumiu a imponência que a redação da carta havia abalado. Talvez sim; talvez não. Clarissa tinha uma energia maravilhosa. Festas aterrorizavam Lady Bruton. Mas estava ficando velha. Foi o que sugeriu, de pé à porta de casa; bonita; muito ereta; enquanto

seu chow se estendia atrás dela e Miss Brush desaparecia no fundo com as mãos cheias de papéis.

E Lady Bruton subiu num passo solene, majestoso, até seu quarto, deitou, um braço estendido, no sofá. Suspirava, roncava, não que estivesse dormindo, apenas sonolenta e pesada, sonolenta e pesada, como um campo de trevos ao sol neste dia quente de junho, com as abelhas voando em torno e as borboletas amarelas. Ela sempre voltava àqueles campos em Devonshire, onde tinha saltado os riachos montada em sua égua Patty com seus irmãos Mortimer e Tom. E havia os cães, havia os ratos; havia o pai e a mãe no gramado à sombra das árvores, com as coisas do chá ao ar livre, e os canteiros de dalias, as malvas-rosa, o capim-dos-pampas; e eles, diabinhos, sempre metidos em alguma traquinagem! Esgueirando-se de volta para os arbustos, para não ser vistos, todos emporcalhados devido a alguma travessura. O que a velha babá falava dos vestidos dela!

Oh céus, lembrou – era quarta-feira em Brook Street. Aqueles bons camaradas, Richard Dalloway, Hugh Whitbread, iam percorrer nesse dia encalorado as ruas cujo rugido lhe subia ali deitada no sofá. Tinha poder, posição, fortuna. Tinha vivido na linha de frente de seu tempo. Tinha tido bons amigos; tinha conhecido os homens mais capazes de sua época. Londres murmurante afluía até ela, e sua mão, apoiada no encosto do sofá, ondulava algum bastão imaginário como seus avós podiam ter empunhado, e empunhando-o ela parecia, sonolenta e pesada, estar comandando batalhões em marcha para o Canadá, e aqueles bons camaradas percorrendo Londres, aquele território deles, aquele pequeno tapete, Mayfair.

E se afastavam cada vez mais, estando ligados a ela por um fio fino (visto que tinham almoçado com ela) que se estenderia cada vez mais, se faria cada vez mais fino enquanto percorriam Londres; como se nossos amigos estivessem ligados a nosso corpo, depois de almoçarmos com eles, por um fio fino que (enquanto dormitava ali) se tornava nebuloso com o som dos sinos, batendo as horas ou chamando ao serviço, como o fio de uma aranha que fica embaçado de gotas de chuva e, sobrecarregado, se verga. Assim ela dormiu.

E Richard Dalloway e Hugh Whitbread hesitaram na esquina da Conduit Street no exato instante em que Millicent Bruton, deitada no sofá, deixou o fio se romper; roncava. Ventos contrários se batiam na esquina. Olharam uma vitrine; não queriam comprar nem conversar, mas se despedir, só que com ventos contrários se batendo na esquina, como que se afundando nas marés do corpo, duas forças se encontrando num redemoinho, manhã e tarde, eles pararam. Um placar de notícias levantou voo, vistoso, de início como uma pipa, então parou, despencou, flutuou; e o véu de uma dama se ergueu. Toldos amarelos estremeciam. A rapidez do trânsito matinal diminuiu, e carroças solitárias chocalhavam despreocupadas pelas ruas semivazias. Em Norfolk, em que Richard Dalloway estava pensando vagamente, um vento morno e suave soprava as pétalas; misturava as águas; eriçava os capins floridos. Camponeses fazendo feno, que tinham se instalado sob as sebes para descansar do trabalho matinal, descerravam cortinas de folhas verdes; afastavam globos trêmulos de cicutárias para ver o céu; o azul, o firme, o fulgurante céu de verão.

Ciente de que olhava uma caneca jaimita de prata com duas alças, e que Hugh Whitbread admirava descendente, com ares de conhecedor, um colar espanhol cujo preço pensava em perguntar caso Evelyn gostasse dele – mesmo assim Richard estava entorpecido; não conseguia pensar nem se mexer. A vida tinha arremessado esses despojos à praia; as vitrines cheias de pedras de imitação, e a pessoa ficava ali parada com a letargia dos velhos, dura com a rigidez dos velhos, olhando. Evelyn Whitbread ia gostar de ter esse colar espanhol – ia sim. Deu um bocejo. Hugh estava entrando na loja.

– Tem toda razão! – disse Richard, acompanhando.

Sabem os céus que ele não queria ir comprar colares com Hugh. Mas o corpo tem suas marés. Manhã e tarde se encontram. Impelido como uma frágil chalupa entre fundas e fundas correntezas, o bisavô de Lady Bruton, com sua memória e suas campanhas na América do Norte, foi encoberto e soçobrou. E Millicent Bruton também. Afundou. Richard não se importava minimamente com o que aconteceria com a Emigração; com aquela carta, se o editor publicaria ou não. O colar pendia entre os dedos admiráveis de Hugh. Que dê a uma moça, se precisa comprar joias – a qualquer moça, qualquer moça na rua. Pois a futilidade desta vida atingiu Richard com violência – comprar colares para Evelyn. Se ele tivesse um filho, diria, Trabalhe, trabalhe. Mas tinha sua Elizabeth; adorava sua Elizabeth.

– Gostaria de ver Mr. Dubonnet – disse Hugh com a concisão de seu traquejo mundano. Parecia que esse Dubonnet tinha as medidas do pescoço de Mrs. Whitbread, ou, ainda mais estranho, conhecia as opiniões dela sobre joias espanholas e a quantidade de suas posses nessa linha (coisa que Hugh não conseguia lembrar). Richard Dalloway achava aquilo tudo tremendamente esquisito. Pois nunca dava presentes a Clarissa, exceto um bracelete dois ou três anos atrás, que não tinha sido um sucesso. Ela nunca o usou. Doía-lhe lembrar que ela nunca o usou. E assim como o fio de uma aranha solitária depois de vaguear por aqui e por ali se prende à ponta de uma folha, o espírito de Richard, recuperando-se da letargia, deteve-se agora na esposa, Clarissa, a quem Peter Walsh amara tão apaixonadamente; e Richard tinha tido uma súbita visão durante o almoço; dela; de si e de Clarissa; da vida juntos; e puxou para si a bandeja de joias antigas e, pegando antes um broche, depois um anel, “Quanto custa este?”, perguntou, mas não confiava no próprio gosto. Queria abrir a porta da sala e entrar estendendo alguma coisa; um presente para Clarissa. Mas o quê? Hugh porém estava com a corda toda. Indizivelmente pomposo. Tal seria, depois de comprar aqui durante trinta e cinco anos, ser atendido por alto por um mero rapazola que não entendia nada do ofício. Pois Dubonnet, pelo visto, estava ausente, e Hugh não ia comprar nada enquanto Mr. Dubonnet não se decidisse a estar presente; ao que o jovem corou e se curvou numa leve curvatura correta. Estava tudo perfeitamente correto. Mas Richard não conseguiria dizer aquilo nem que fosse para salvar a própria vida! Por que essas pessoas aguentavam aquela insolência danada, ele não conseguia entender. Hugh estava se tornando um imbecil insuportável. Richard Dalloway não conseguia aguentar mais de meia hora em sua companhia. E, agitando o chapéu-coco em despedida, Richard virou na esquina da Conduit Street ansioso, sim, muito ansioso, em percorrer aquele fio de aranha da ligação entre si e Clarissa; iria diretamente até ela, em Westminster.

Mas queria entrar com alguma coisa na mão. Flores? Sim, flores, pois não confiava em seu gosto para joias; qualquer quantidade de flores, rosas, orquídeas, para comemorar o que era, afinal de contas, um acontecimento; esse sentimento em relação a ela quando falaram de Peter Walsh ao almoço; e nunca falavam disso; em anos nunca tinham falado disso; o que, pensou ele, agarrando suas rosas vermelhas e brancas (um vasto ramalhete em papel de seda), é o maior erro do mundo. Chega uma hora em que não se pode falar; sente-se timidez demais em falar, pensou, embolsando o troco de um ou dois xelins, saindo com seu enorme ramalhete junto ao corpo rumo a Westminster, para falar com todas as letras (ela podia pensar o que quisesse), estendendo suas flores, “Eu te amo”. Por que não? Realmente era um milagre pensar na guerra e nos milhares de pobres sujeitos, com toda a vida pela frente, enterrados juntos, já meio esquecidos; era um milagre. Aqui estava ele percorrendo Londres para dizer a Clarissa com todas as letras que a amava. Coisa que nunca ninguém diz realmente, pensou. Em parte por preguiça, em parte por timidez. E Clarissa – era difícil pensar nela; exceto em impulsos, como no almoço, quando ele a viu com toda a clareza; a vida toda deles. Parou no cruzamento; e repetiu – sendo simples por natureza, e incorrupto, pois tinha marchado

e dado tiros; sendo persistente e obstinado, tendo defendido os oprimidos e seguido seus instintos na Câmara dos Comuns; tendo preservado a simplicidade, mas ao mesmo tempo se tornando bastante calado, bastante formal – repetia que era um milagre ter se casado com Clarissa; um milagre – sua vida tinha sido um milagre, pensou; hesitando em atravessar. Mas de fato seu sangue fervia ao ver criaturinhas de cinco ou seis anos atravessando sozinhas a Piccadilly. O guarda devia ter parado imediatamente o trânsito. Ele não tinha ilusões sobre a polícia de Londres. Na verdade, estava reunindo provas de seus abusos; e aqueles verdureiros, não deviam deixar que parassem seus carrinhos nas ruas; e as prostitutas, bom Deus, a culpa não era delas, nem dos jovens, mas de nosso sistema social abominável e assim por diante; tudo isso ele considerava, podia-se vê-lo a considerar, grisalho, obstinado, limpo, asseado, enquanto atravessava o parque para dizer à esposa que a amava.

Pois ele iria dizer com todas as letras, quando entrasse na sala. Porque é uma pena enorme nunca dizer o que se sente, pensou atravessando o Green Park e observando com prazer que famílias inteiras, famílias pobres, se estendiam à sombra das árvores; bebês agitando as perninhas, mamando; sacos de papel espalhados pelo chão, que poderiam ser facilmente recolhidos (se alguém reclamasse) por algum daqueles senhores gordos de uniforme; pois ele era da opinião de que todos os parques e todas as praças nos meses de verão deviam ser abertos às crianças (a grama do parque corava e desbotava, iluminando as mães pobres de Westminster e seus bebês de gatinhas, como se por baixo se movesse uma lâmpada amarela). Mas o que se poderia fazer pelas andarilhas como aquela pobre criatura, deitada apoiando-se no cotovelo (como se tivesse se jogado na terra, livre de todos os laços, para observar com curiosidade, para especular com ousadia, para considerar as razões e os porquês, atrevida, de língua solta, humorada), ele não sabia. Portando as flores como uma arma, Richard Dalloway se aproximou dela; concentrado passou por ela; mesmo assim houve tempo para uma faísca entre eles – ela riu à vista dele, ele sorriu de bom humor, considerando o problema da mulher andarilha; não que tenham trocado alguma palavra. Mas ele contaria a Clarissa que a amava, com todas as letras. Antigamente sentira ciúmes de Peter Walsh; ciúmes dele e de Clarissa. Mas ela tinha lhe dito várias vezes que fizera bem em não se casar com Peter Walsh; o que, conhecendo Clarissa, era uma verdade evidente; ela queria apoio. Não que fosse fraca; mas queria apoio.

Quanto ao Palácio de Buckingham (como uma velha prima-dona diante da plateia toda de branco) não se pode negar uma certa dignidade, considerou ele, nem desprezar algo que, afinal, representa para milhões de pessoas (uma pequena multidão esperava no portão para ver o rei sair) um símbolo, por absurdo que seja; uma criança com uma caixinha de blocos teria feito melhor, pensou ele; olhando o memorial à rainha Vitória (que ele lembrava com seus óculos com aros de tartaruga passando por Kensington), seu pedestal branco, sua maternidade transbordante; mas ele gostava de ser governado pela descendente de Horsa; gostava da continuidade; e daquele senso de transmitir as tradições do passado. Foi uma grande época para se viver. De fato, sua vida era mesmo um milagre; que não se enganasse a respeito; aqui estava, no vigor da vida, indo para sua casa em Westminster contar a Clarissa que a amava. Felicidade é isso, pensou.

É isso, disse, ao entrar no Dean's Yard. O Big Ben estava começando a bater, primeiro o aviso, musical; então a hora, irrevogável. Almoços a convite estragam a tarde inteira, pensou, aproximando-se da porta.

O som do Big Ben inundou a sala de visitas de Clarissa, onde estava sentada, sempre tão aborrecida, à sua escrivaninha; preocupada, aborrecida. Era plenamente verdade que não tinha convidado Ellie Henderson para a festa; mas tinha sido de propósito. Agora Mrs. Marsham escrevia: “Ela tinha dito a Ellie Henderson que pediria a Clarissa – Elise queria tanto vir”.

Mas por que teria eu de convidar todas as mulheres sem graça de Londres para suas festas? Por que Mrs. Marsham tinha de interferir? E lá estava Elizabeth fechada esse tempo todo com Doris Kilman. Não conseguia imaginar nada mais nauseante. Oração a esta hora com aquela mulher. E o som do sino inundou a sala com sua onda de melancolia; que recuou e se avolumou outra vez para avançar de novo, quando ouviu, distraíndo-se, algo apalpando, algo raspando à porta. Quem a essa hora? Três, oh céus! Já três! Pois com dignidade e limpidez acabrunhante o relógio bateu as três; e ela não ouviu mais nada; mas a maçaneta da porta girou e entrou Richard! Que surpresa! Entrou Richard, estendendo flores. Ela tinha se negado a ele, uma vez em Constantinopla; e Lady Bruton, cujos almoços eram tidos como extraordinariamente divertidos, não a convidara. Ele estendia flores – rosas, rosas vermelhas e brancas. (Mas não conseguiu dizer que a amava; não com todas as letras.)

Mas que encantador, disse ela, pegando suas flores. Ela entendeu; entendeu sem ele falar; sua Clarissa. Pôs as rosas em vasos na cornija da lareira. Que lindas eram, disse. E foi divertido? perguntou. Lady Bruton tinha perguntado por ela? Peter Walsh estava de volta. Mrs. Marsham tinha escrito. Devia convidar Ellie Henderson? Aquela mulher Kilman estava lá em cima.

– Vamos sentar cinco minutinhos – disse Richard.

Tudo parecia tão vazio. Todas as cadeiras estavam contra a parede. O que tinham andado a fazer? Oh, era para a festa; não, ele não tinha esquecido a festa. Peter Walsh estava de volta. Oh sim; ela o vira. E ele ia tratar de um divórcio; e estava apaixonado por alguma mulher de lá. E não tinha mudado em nada. Lá estava ela, consertando o vestido...

– Pensando em Bourton – disse.

– Hugh estava no almoço – disse Richard. Ela também o encontrara! Bem, estava ficando absolutamente insuportável. Comprando colares para Evelyn; mais gordo do que nunca; um imbecil insuportável.

– E me ocorreu “Eu podia ter casado com você” – disse ela, pensando em Peter sentado ali com sua gravatinha borboleta; com aquele canivete; abrindo, fechando. – Sempre do mesmo jeito que você conhece.

Estavam falando dele no almoço, disse Richard. (Mas ele não conseguia lhe dizer que a amava. Segurou-lhe a mão. Felicidade é isso, pensou.) Estiveram escrevendo uma carta para o Times para Millicent Bruton. Era só para isso que Hugh servia.

– E nossa querida Miss Kilman? – perguntou ele. Clarissa achou as rosas absolutamente adoráveis; primeiro amontoadas bem junto; agora por si mesmas começando a se separar.

– Kilman chega bem na hora em que acabamos de almoçar – disse ela. – Elizabeth fica vermelha. As duas se trancam. Imagino que estejam rezando.

Bom Deus! Ele não gostava daquilo; mas essas coisas passam sozinhas.

– Numa gabardine com uma sombrinha – disse Clarissa.

Ele não tinha dito “Eu te amo”; mas segurou a mão dela. Felicidade é isso, é isso, pensou.

– Mas por que teria eu de convidar todas as mulheres sem graça de Londres para minhas festas? – disse Clarissa. E se Mrs. Marsham desse uma festa, ela é que ia escolher os convidados?

– Pobre Ellie Henderson – disse Richard; era uma coisa muito estranha como Clarissa se preocupava com suas festas, pensou ele.

Mas Richard não fazia ideia do aspecto de um salão. Porém – o que ele ia dizer?

Se ela se preocupava tanto com essas festas ele não ia deixar dá-las. Queria ter se casado com Peter? Mas precisava ir.

Precisava ir, disse ele, levantando-se. Mas ficou parado um momento como se fosse

dizer alguma coisa; e ela ficou imaginando: o quê? Por quê? Ali estavam as rosas.

– Algum comitê? – perguntou ela quando ele abria a porta.

– Armênios – disse; ou talvez fosse – Albaneses.

E há uma dignidade nas pessoas; uma solidão; mesmo entre marido e mulher um abismo; e que se deve respeitar, pensou Clarissa, olhando-o abrir a porta; pois não se pode rompê-la, ou tomá-la, contra a vontade dele, ao marido, sem perder a própria independência, o respeito por si – algo, afinal, inestimável.

Ele voltou com um travesseiro e uma coberta.

– Uma hora de repouso completo depois do almoço – disse. E saiu.

Bem dele mesmo! Continuaria dizendo “Uma hora de repouso completo depois do almoço” até o final dos tempos, porque certa vez um médico tinha recomendado. Era bem dele mesmo levar ao pé da letra o que os médicos diziam; parte de sua divina e adorável simplicidade, que ninguém tinha a tal ponto; o que lhe permitia ir e fazer as coisas enquanto ela e Peter gastavam o tempo se bicando. Ele já estava a meio caminho da Câmara dos Comuns, de seus armênios, de seus albaneses, tendo-a instalado no sofá, olhando as rosas dele. E as pessoas diziam, “Clarissa Dalloway é mimada”. Ela se importava muito mais com suas rosas do que com os armênios. Perseguidos, mutilados, mortos de frio, vítimas da crueldade e da injustiça (ela tinha ouvido Richard repetir inúmeras vezes) – não, ela não conseguia sentir nada pelos albaneses, ou seriam armênios? mas amava suas flores (isso não ajudava os armênios?) – as únicas flores que suportava ver cortadas. Mas Richard já estava na Câmara dos Comuns; em seu comitê, tendo resolvido todas as dificuldades dela. Mas não; infelizmente não era verdade. Ele não entendeu as razões para não convidar Ellie Henderson. Ela convidaria, claro, como ele queria. Já que tinha trazido o travesseiro, ia se deitar... Mas – mas – por que se sentia de repente, por nenhuma razão que conseguisse perceber, desesperadamente infeliz? Como alguém que deixou cair alguma pérola ou diamante na grama e agora separa as folhas crescidas com todo o cuidado, para esse lado, para o outro, e procura aqui e ali em vão, e por fim espia entre as raízes, ela prosseguia entre uma coisa e outra; não, não era Sally Seton dizendo que Richard nunca entraria no ministério porque tinha um cérebro de segunda classe (aquilo lhe voltou à lembrança); não, não se importava com isso; nem era o que fazer com Elizabeth e Doris Kilman; estes eram fatos. Era uma sensação, alguma sensação desagradável, talvez mais cedo; algo que Peter tinha dito, junto com alguma depressão dela mesma, no quarto, tirando o chapéu; e o que Richard tinha dito se somara àquilo, mas o que ele tinha dito? Ali estavam as rosas dele. As festas dela! Era isso! As festas dela! Os dois eram muito injustos ao criticá-la, os dois eram muito injustos ao rir dela por causa das festas. Era isso! Era isso!

Bem, como ela ia se defender? Agora que sabia o que era, sentia-se plenamente feliz. Eles pensavam, ou pelo menos Peter pensava, que ela gostava de se impor; que gostava de estar cercada de gente famosa; nomes importantes; que era simplesmente uma esnobe, em suma. Bem, Peter podia pensar assim. Richard simplesmente achava tolo da parte dela gostar da excitação pois sabia que lhe fazia mal ao coração. Era infantil, pensava ele. E os dois estavam totalmente errados. Ela gostava era simplesmente da vida.

– É por isso que faço isso – disse, falando em voz alta, à vida.

Como estava deitada no sofá, enclausurada, liberada, a presença dessa coisa que ela sentia ser tão óbvia ganhou existência física; envolta em mantos sonoros vindo da rua, ensolarada, com hálito quente, sussurrando, soprando as cortinas. Mas suponha-se que Peter dissesse a ela, “Sim, sim, mas suas festas – qual é o sentido de suas festas?” a única coisa que ela poderia dizer era (e não podia se esperar que alguém entendesse): Elas são uma oferenda; o que soava terrivelmente vago. Mas quem era Peter para decidir que a vida era sempre uma coisa simples? – Peter sempre apaixonado, sempre

apaixonado pela mulher errada? E seu amor, o que é? podia lhe perguntar. E sabia sua resposta; que é a coisa mais importante do mundo e nenhuma mulher conseguiria entender. Pois muito bem. E algum homem conseguiria entender o que ela queria dizer? sobre a vida? Não conseguia imaginar Peter ou Richard se dando ao trabalho de oferecer uma festa por qualquer razão que fosse.

Mas para ir mais fundo, além do que as pessoas diziam (e esses juízos, como eram superficiais, como eram fragmentários!) agora em sua própria mente, o que significava para ela essa coisa que chamava de vida? Ah, era muito esquisito. Aqui estava fulano em South Kensington; alguém ali em Bayswater; e mais alguém, digamos, em Mayfair. E ela sentia continuamente a existência deles; e sentia que desperdício; e sentia que pena; e sentia ah se pelo menos pudessem se reunir; então ela agia. E era uma oferenda; juntar, criar; mas para quem?

Uma oferenda pela própria oferenda, talvez. De qualquer forma, era seu presente. Ela não possuía mais nada que tivesse a menor importância; não pensava, não escrevia, nem sequer tocava piano. Confundia armênios e turcos; amava o sucesso; detestava o desconforto; precisava ser apreciada; falava montanhas de absurdos: e até agora, se lhe perguntassem o que era o Equador, ela não sabia.

Mesmo assim, a este dia se seguiria outro; quarta, quinta, sexta, sábado; pois a pessoa acordava de manhã; via o céu; andava no parque; encontrava Hugh Whitbread; então de repente entrava Peter; então essas rosas; era o suficiente. Depois daquilo, como era inacreditável a morte! – que aquilo tivesse de terminar; e ninguém no mundo todo saberia o quanto ela tinha amado aquilo tudo; quanto, cada instante...

A porta se abriu. Elizabeth sabia que a mãe estava descansando. Entrou muito silenciosa. Ficou absolutamente imóvel. Será que algum mongol havia naufragado na costa de Norfolk (como dizia Mrs. Hilbery), tinha se misturado com as senhoras Dalloway, talvez cem anos atrás? Pois os Dalloway, em geral, tinham cabelos claros; olhos azuis; Elizabeth, pelo contrário, era morena; tinha olhos chineses num rosto pálido; um mistério oriental; era gentil, atenciosa, calada. Quando criança, tinha tido um senso de humor perfeito; mas agora aos dezessete, por quê, Clarissa não conseguia nem de longe entender, tinha se tornado muito séria; como um jacinto revestido de verde brilhante, com botões levemente coloridos, um jacinto que não conhecera o sol.

Ela ficou absolutamente imóvel e olhou a mãe; mas a porta estava entreaberta, e do outro lado da porta estava Miss Kilman, como sabia Clarissa; Miss Kilman em sua gabardine ouvindo tudo o que dissessem.

Sim, Miss Kilman estava no patamar e usava uma gabardine; mas tinha suas razões. Primeiro, era barata; segundo, tinha mais de quarenta anos; e afinal não se vestia para agradar. Era pobre, além do mais; degradantemente pobre. Do contrário não estaria aceitando serviços de gente como os Dalloway; de gente rica, que gostava de ser bondosa. Mr. Dalloway, para lhe fazer justiça, tinha sido bondoso. Mas Mrs. Dalloway não. Tinha sido meramente condescendente. Ela provinha da mais indigna de todas as classes – os ricos com um leve verniz de cultura. Tinham coisas caras por toda parte; quadros, tapetes, montes de criados. Considerava que tinha pleno direito a qualquer coisa que os Dalloway fizessem por ela.

Tinha sido lograda. Sim, a palavra não era exagero, pois certamente uma moça tem direito a alguma espécie de felicidade, não? E ela nunca tinha sido feliz, por ser tão desajeitada e tão pobre. E então, justo quando podia ter tido uma chance na escola de Miss Dolby, veio a guerra; e nunca fora capaz de mentir. Miss Dolby considerou que ela se daria melhor com pessoas que tivessem a mesma opinião sobre os alemães. Teve de sair. Era verdade que a família era de origem alemã; o sobrenome se escrevia Kiehlman no século XVIII; mas seu irmão tinha sido morto. Eles a demitiram porque ela não iria fingir que os alemães eram todos vilões – sendo que ela tinha amigos alemães, sendo

que os únicos dias felizes de sua vida tinham sido na Alemanha! E afinal conhecia história. Teve de aceitar qualquer coisa que conseguisse. Mr. Dalloway a encontrara quando trabalhava para os Amigos. Tinha-lhe permitido (e aquilo foi realmente generoso da parte dele) dar aulas de história à sua filha. E também fez um pequeno curso de extensão e assim por diante. Então Nosso Senhor se revelara a ela (e aqui sempre curvava a cabeça). Tinha visto a luz dois anos e três meses atrás. Agora não invejava mulheres como Clarissa Dalloway; compadecia-se delas.

Compadecia-se e desprezava-as do fundo do coração, ali parada no tapete macio, olhando a velha gravura de uma menina com um regalo nas mãos. Com todo esse luxo, que esperança havia de um melhor estado das coisas? Em vez de se deitar num sofá – “Minha mãe está descansando”, tinha dito Elizabeth – ela devia estar numa fábrica; atrás de um balcão; Mrs. Dalloway e todas as outras grã-finas!

Amarga e ardente, Miss Kilman tinha entrado numa igreja dois anos e três meses atrás. Ouvira o reverendo Edward Whittaker pregando; os meninos cantando; vira as luzes solenes descendo, e se foi a música ou se foram as vozes (ela mesma sozinha à noite encontrava consolo num violino; mas o som era excruciante; não tinha nenhum ouvido para música), os sentimentos ardentes e turbulentos que ferviam e jorravam nela tinham se aplacado ao se sentar ali, e começara a chorar copiosamente, e foi visitar Mr. Whittaker em sua residência em Kensington. Era a mão de Deus, disse ele. O Senhor lhe mostrara o caminho. Então agora, sempre que os sentimentos ardentes e dolorosos ferviam dentro dela, esse ódio a Mrs. Dalloway, essa raiva contra o mundo, ela pensava em Deus. Pensava em Mr. Whittaker. À ira se sucedia a calma. Um doce sabor lhe enchia as veias, os lábios se abriam e, parada como uma figura temível no patamar em sua gabardine, ela olhou com serenidade firme e sinistra para Mrs. Dalloway, que saía com a filha.

Elizabeth disse que tinha esquecido as luvas. Isso porque Miss Kilman e sua mãe se odiavam mutuamente. Não suportava ver as duas juntas. Subiu correndo as escadas para procurar as luvas.

Mas Miss Kilman não odiava Mrs. Dalloway. Pousando seus olhos grandes cor de groselha em Clarissa, observando seu rosto miúdo rosado, o corpo delicado, o ar de elegância e frescor, Miss Kilman sentiu, Tola! Simplória! Você que não conhece a dor nem o prazer; que desperdiça sua vida com ninharias! E então subiu dentro de si um desejo incontrollável de vencê-la; de desmascará-la. Se conseguisse derrubá-la, isso a acalmaria. Mas não era o corpo; era a alma e seu escárnio que ela queria subjugar; fazer sentir seu domínio. Se ao menos conseguisse fazê-la chorar; se conseguisse destruí-la; humilhá-la; levá-la a se ajoelhar exclamando, Você tem razão! Mas esta era a vontade de Deus, não de Miss Kilman. Seria uma vitória religiosa. Assim fulminava, fulgurava seu olhar.

Clarissa estava realmente chocada. Uma cristã, esta – esta mulher! Esta mulher lhe tinha tirado a filha! Ela em contato com presenças invisíveis! Pesada, feia, vulgar, sem graça nem bondade, ela conhecia o sentido da vida!

– Está levando Elizabeth às Stores? – perguntou Mrs. Dalloway.

Miss Kilman disse que sim. Ficaram ali paradas. Miss Kilman não ia se mostrar simpática. Sempre tinha trabalhado para viver. Tinha um vasto conhecimento de história moderna. Ela separava uma parcela tão grande de seus magros rendimentos para as causas em que acreditava; ao passo que esta mulher não fazia nada; não acreditava em nada; criara sua filha – mas aqui estava Elizabeth, quase sem fôlego, a linda menina.

Então estavam indo às Stores. Estranho, enquanto Miss Kilman estava parada ali (e parada estava, com o poder e a força taciturna de algum monstro pré-histórico para uma guerra primeva), como a cada segundo a ideia de si mesma diminuía, como o ódio

(que era contra as ideias, não as pessoas) cedia, como perdia sua maldade, seu tamanho, tornava-se a cada segundo simplesmente Miss Kilman, numa gabardine, a quem Clarissa, bem sabem os céus, gostaria de ajudar.

A esse definhamento do monstro, Clarissa riu. Despedindo-se, riu.

Lá se foram juntas, Miss Kilman e Elizabeth, descendo as escadas.

Num impulso súbito, numa angústia violenta, pois esta mulher estava lhe tirando a filha, Clarissa se inclinou no corrimão e gritou:

– Não esqueça a festa! Não esqueça nossa festa hoje à noite!

Mas Elizabeth já tinha aberto a porta da frente; havia um furgão passando; ela não respondeu.

Amor e religião! pensou Clarissa, voltando para a sala de visitas, tiritando de novo. Como são detestáveis, detestáveis! Pois agora que o corpo de Miss Kilman não estava à sua frente, acabrunhava-a – a ideia. As coisas mais cruéis do mundo, pensou, vendo-as desajeitadas, ardentes, dominantes, hipócritas, furtivas, invejosas, infinitamente cruéis e inescrupulosas, envoltas numa gabardine, no patamar; amor e religião. Tentara alguma vez converter alguém? Não queria que cada qual fosse simplesmente quem era? E olhou pela janela a velha senhora do outro lado subindo as escadas. Que subisse as escadas se quisesse; que parasse; então que fosse, como Clarissa costumava vê-la, até o quarto, abrisse as cortinas e desaparecesse de novo ao fundo. De alguma forma aquilo era de se respeitar – aquela velha olhando pela janela, totalmente inconsciente de ser observada. Havia algo de solene nisso – mas o amor e a religião destruiriam aquilo, o que quer que fosse, a privacidade da alma. A odiosa Kilman a destruiria. E no entanto era uma visão que lhe dava vontade de chorar.

O amor também destruía. Tudo o que era bonito, tudo o que era verdadeiro desaparecia. Tome-se Peter Walsh agora. Havia um homem, encantador, inteligente, com ideias a respeito de tudo. Se você quisesse saber do papa, digamos, ou de Addison, ou apenas conversar à toa, como eram as pessoas, o que significavam as coisas, Peter sabia melhor do que ninguém. Foi Peter que a ajudou; Peter que lhe emprestou seus livros. Mas veja as mulheres que ele amava – vulgares, triviais, banais. Pense em Peter apaixonado – ele veio vê-la depois de todos esses anos, e do que ele falou? De si mesmo. Paixão horrível! pensou ela. Paixão degradante! pensou, pensando em Kilman e sua Elizabeth indo até as Army and Navy Stores.

O Big Ben bateu a meia hora.

Como era extraordinário, estranho, sim, comovente ver a velha senhora (eram vizinhas fazia tantos anos) se afastar da janela, como se estivesse ligada àquele som, àquela corda. Gigantesco como era, tinha algo a ver com ela. Em meio às coisas comuns o dedo descia, descia, dando solenidade ao momento. Ela era obrigada por aquele som, foi como imaginou Clarissa, a se mover, a ir – mas aonde? Clarissa tentou acompanhá-la quando se virou e desapareceu, e ainda conseguiu ver apenas sua touca branca se movendo no fundo do quarto. Para que credos, orações, gabardines? se, pensou Clarissa, aquele é o milagre, aquele é o mistério; aquela velha senhora, queria dizer, que podia ver indo da cômoda ao toucador. Ainda conseguia vê-la. E o mistério supremo que Kilman podia dizer que solucionara, ou Peter podia dizer que solucionara, mas Clarissa não acreditava que nenhum deles tivesse a mais leve sombra de ideia de solucionar, era simplesmente este: aqui havia um aposento; ali outro. A religião solucionava isso, ou o amor?

Amor – mas então o outro relógio, o relógio que sempre batia dois minutos depois do Big Ben, entrou num passo arrastado com seu regaço cheio de miudezas, que despejou como se fosse muito correto que o Big Ben com toda sua majestade estabelecesse a lei, tão solene, tão justa, mas ela também precisava lembrar as coisinhas mais variadas – Mrs. Marsham, Ellie Henderson, taças para sorvetes – as mais variadas

coisinhas entraram de roldão, de atrapelo, dançando na esteira daquela batida solene que se estendia como uma faixa de ouro no mar. Mrs. Marsham, Ellie Henderson, taças para sorvetes. Tinha de telefonar imediatamente.

Loquaz, alvoroçado, o relógio atrasado soou, vindo na esteira do Big Ben, com seu regaço cheio de quinquilharias. Açoitadas, batidas pelo ataque das carruagens, pela brutalidade dos furgões, pelo avanço voraz de miríades de homens angulosos, de mulheres vaidosas, pelas cúpulas e torres de escritórios e hospitais, as últimas relíquias desse regaço cheio de miudezas pareceram se quebrar, como os borrifos de uma onda exaurida, contra o corpo de Miss Kilman parando por um instante na rua para murmurar “É a carne”.

Era a carne que ela devia controlar. Clarissa Dalloway a insultara. Isso ela esperava. Mas não havia triunfado; não havia dominado a carne. Feia, desajeitada, Clarissa Dalloway tinha rido dela por causa disso; e tinha reatado os desejos da carne, pois ela se importava com a aparência que tinha ao lado de Clarissa. E nem poderia ter falado como falou. Mas por que querer se parecer com ela? Por quê? Desprezava Mrs. Dalloway do fundo do coração. Não era séria. Não era boa. Sua vida era uma trama de vaidade e falsidade. E no entanto Doris Kilman fora vencida. Na verdade, esteve muito perto de estourar em lágrimas quando Clarissa Dalloway riu dela. “É a carne, é a carne”, murmurou (tendo o hábito de falar sozinha), tentando subjugar esse sentimento doloroso e turbulento enquanto percorria a Victoria Street. Rezou a Deus. Não podia deixar de ser feia; não tinha meios de comprar roupas bonitas. Clarissa Dalloway tinha rido – mas ela concentraria os pensamentos em outra coisa até chegar à caixa do correio. Em todo caso tinha conseguido Elizabeth. Mas ia pensar em outra coisa; pensaria na Rússia; até chegar à caixa do correio.

Como deve estar agradável no campo, disse ela lutando, como lhe dissera Mr. Whittaker, contra aquela raiva violenta ao mundo que a desdenhara, zombara dela, excluía-a, a começar por essa indignidade – ter-lhe infligido esse corpo repelente que ninguém suportava ver. Por mais que mudasse o penteado, a testa ficava como um ovo, calva, branca. Nenhuma roupa lhe caía bem. Podia comprar qualquer coisa. E para uma mulher, claro, isso significava nunca conhecer o sexo oposto. Nunca seria a primeira para ninguém. Às vezes ultimamente tinha a impressão de que, tirando Elizabeth, ela vivia apenas para suas refeições. Seus confortos; o jantar; o chá; a bolsa de água quente à noite. Mas é preciso lutar; vencer; ter fé em Deus. Mr. Whittaker tinha dito que ela existia para uma finalidade. Mas ninguém sabia a agonia que era! Ele disse, apontando o crucifixo, que Deus sabia. Mas por que devia ela sofrer enquanto outras mulheres, como Clarissa Dalloway, escapavam? O conhecimento vem por meio do sofrimento, disse Mr. Whittaker.

Tinha passado a caixa do correio, e Elizabeth havia entrado no fresco departamento de tabaco das Army and Navy Stores enquanto ela ainda murmurava consigo mesma o que Mr. Whittaker tinha dito sobre o conhecimento que vinha por meio do sofrimento e da carne. “A carne”, murmurou.

Que departamento ela queria? interrompeu Elizabeth.

– Combinações – disse abrupta e seguiu reto até o elevador.

Subiram. Elizabeth a guiava por aqui e por ali; guiava-a abstraída como estava, como se fosse uma criança grande, um navio de guerra difícil de manobrar. Ali estavam as combinações, castanhas, recatadas, listradas, frívolas, sólidas, fúteis; e ela escolheu, em sua abstração, com ar solene, e a atendente achou que era uma louca.

Elizabeth se indagava, enquanto embrulhavam o pacote, em que Miss Kilman estaria pensando. Deviam ir tomar chá, disse Miss Kilman, animando-se, recompondo-se. Foram ao chá.

Elizabeth se indagava se Miss Kilman estaria com fome. Era sua maneira de comer,

de comer com intensidade, então de olhar seguidamente para um prato de bolos cobertos de glacê na mesa ao lado; e então, quando uma senhora e uma criança se sentaram e a criança pegou o bolo, Miss Kilman iria realmente se importar? Sim, Miss Kilman realmente se importou. Queria aquele bolo – o cor-de-rosa. O prazer de comer era praticamente o único prazer puro que lhe restava, e até nisso era lograda!

Quando as pessoas são felizes, tinha dito a Elizabeth, elas têm uma reserva à qual podem recorrer, ao passo que ela era como uma roda sem pneu (gostava muito dessas metáforas) que levava um solavanco a cada pedregulho – foi o que disse depois da aula, de pé ao lado da lareira com sua sacola de livros, sua “mochila”, dizia, numa terça de manhã, depois que a aula tinha terminado. E falou também sobre a guerra. Afinal, existia quem discordasse que os ingleses estavam invariavelmente certos. Existiam livros. Existiam reuniões. Existiam outros pontos de vista. Elizabeth gostaria de vir com ela ouvir fulano de tal? (um senhor de aspecto absolutamente extraordinário). Então Miss Kilman a levou a alguma igreja em Kensington e tomaram chá com um sacerdote. Emprestara-lhe seus livros. Direito, medicina, política, todas as profissões estão abertas às mulheres de sua geração, disse Miss Kilman. Mas quanto a si mesma, sua carreira estava totalmente arruinada, e era culpa sua? Bom Deus, disse Elizabeth, não.

E sua mãe aparecia dizendo que chegara um grande cesto de Bourton, e Miss Kilman gostaria de algumas flores? Com Miss Kilman ela era sempre muito, muito gentil, mas Miss Kilman espremia todas as flores num maço, e não trocava qualquer amenidade, e o que interessava a Miss Kilman dava tédio à sua mãe, e Miss Kilman e ela juntas eram terríveis; e Miss Kilman se abespinhava e ficava muito banal, mas Miss Kilman era tremendamente inteligente. Elizabeth nunca tinha pensado nos pobres. Eles tinham tudo o que queriam – sua mãe tomava o desjejum na cama todos os dias; Lucy levava a ela; e gostava de mulheres de idade porque eram duquesas e descendiam de algum lorde. Mas Miss Kilman disse (numa daquelas terças de manhã depois de terminar a aula): “Meu avô tinha uma loja de tintas em Kensington”. Miss Kilman era totalmente diferente de qualquer outra pessoa que ela conhecia; fazia a gente se sentir tão pequena.

Miss Kilman pegou outra xícara de chá. Elizabeth, com seu porte oriental, seu mistério inescrutável, estava sentada perfeitamente reta; não, não queria mais nada. Procurou as luvas – as luvas brancas. Estavam sob a mesa. Ah, mas não podia ir! Miss Kilman não deixaria que fosse! essa jovem, tão bonita que era essa mocinha, a quem amava sinceramente! Sua mão larga se abriu e se fechou sobre a mesa.

Mas talvez fosse um pouco banal, sentiu Elizabeth. E realmente gostaria de ir.

Mas disse Miss Kilman:

– Ainda não terminei.

Então Elizabeth esperaria, claro. Mas estava meio abafado aqui dentro.

– Você vai à festa hoje à noite? – perguntou Miss Kilman. Elizabeth achava que sim; sua mãe queria que ela fosse. Não devia deixar que as festas a absorvessem, disse Miss Kilman, apalmando o último pedaço de uma bomba de chocolate.

Não gostava muito de festas, disse Elizabeth. Miss Kilman abriu a boca, projetou levemente o queixo para frente e engoliu o último pedaço da bomba de chocolate, então limpou os dedos e girou a xícara agitando o chá.

Estava prestes a se desfazer em pedaços, sentiu. Era terrível a agonia. Se conseguisse pegá-la, se conseguisse agarrá-la, se conseguisse torná-la totalmente sua e para sempre, e depois morrer; era só o que queria. Mas ficar aqui sentada, incapaz de pensar em qualquer coisa para dizer; ver Elizabeth se voltando contra ela; ser considerada repulsiva até mesmo por ela – era demais; não podia suportar isso. Os dedos grossos se encurvaram.

– Nunca vou a festas – disse Miss Kilman, apenas para impedir que Elizabeth fosse

embora. – As pessoas não me convidam para festas – e no momento em que disse isso percebeu que era esse egoísmo a causa de sua perdição; Mr. Whittaker tinha advertido; mas não conseguia evitar. Tinha sofrido tão pavorosamente.

– Por que me convidariam? – disse. – Sou banal, sou infeliz.

Sabia que era uma idiotice. Mas eram todas aquelas pessoas passando – pessoas com seus embrulhos a desprezá-la – que a faziam dizer isso. No entanto era Doris Kilman. Tinha seu diploma. Era uma mulher que abria caminho no mundo. Seu conhecimento de história moderna era mais do que respeitável.

– Não tenho pena de mim – disse ela. – Tenho pena – queria dizer “de sua mãe”, mas não, não poderia, não para Elizabeth. – Tenho muito mais pena de outras pessoas.

Como uma criatura muda levada até uma porteira para alguma finalidade desconhecida e que fica ali ansiando em fugir a galope, Elizabeth Dalloway continuava sentada em silêncio. Miss Kilman teria mais algo a dizer?

– Não se esqueça de mim – disse Doris Kilman; sua voz tremulou. A criatura muda rumou direto para o final do campo num galope aterrorizado.

A mão grande se abriu e se fechou.

Elizabeth virou a cabeça. A atendente veio. Tinham de pagar no caixa, disse Elizabeth e saiu, arrancando-lhe, sentiu Miss Kilman, as próprias entranhas do corpo, estirando-as enquanto atravessava o salão, e então, com uma torcedura final, inclinando a cabeça com muita cortesia, foi embora.

Ela tinha ido embora. Miss Kilman continuou sentada à mesa de mármore entre as bombas, atingida, uma, duas, três vezes por choques de dor. Tinha ido embora. Mrs. Dalloway triunfara. Elizabeth tinha ido embora. A beleza tinha ido embora; a juventude tinha ido embora.

Assim continuou sentada. Levantou, passou cambaleando entre as mesinhas, oscilando levemente de um lado e outro, e alguém veio atrás dela com sua combinação, e ela perdeu o caminho, e ficou cercada por baús de viagem especiais para a Índia; a seguir se viu entre acessórios de grávidas e roupinhas de bebês; por entre todas as mercadorias do mundo, perecíveis e duráveis, presuntos, flores, itens de drogaria e papelaria, de cheiros variados, ora doces, ora ácidos, vagueou ela; viu-se então vagueando com o chapéu torto, a cara muito vermelha, de corpo inteiro num espelho; e por fim saiu para a rua.

A torre da catedral de Westminster se erguia diante dela, a morada de Deus. No meio do trânsito, ali estava a morada de Deus. Obstinação rumou com seu embrulho para aquele outro santuário, a abadia, onde, erguendo as mãos em pirâmide na frente do rosto, sentou ao lado daqueles outros também vindos ao refúgio; os fiéis vários e sortidos, agora, enquanto erguiam as mãos na frente do rosto, despidos de posição social, quase de sexo; mas, depois de baixar as mãos após a reverência instantânea, ingleses de classe média, homens e mulheres, alguns com vontade de ver as figuras de cera.

Mas Miss Kilman manteve sua pirâmide na frente do rosto. Ora estava abandonada; ora tinha companhia. Da rua chegavam novos fiéis para substituir os que perambulavam, e ali continuava, enquanto as pessoas olhavam o recinto e passavam ao lado do túmulo do Soldado Desconhecido, continuava vedando os olhos com os dedos e tentava nessa dupla penumbra, pois a luz na abadia era incorpórea, ascender acima das vaidades, dos desejos, das comodidades, para se livrar do ódio e do amor. Suas mãos se contraíam. Parecia lutar. E no entanto para outros Deus era acessível e o caminho até Ele era suave. Mr. Fletcher, aposentado, do Tesouro, Mrs. Gorham, viúva do famoso jurisconsulto, chegavam-se a Ele com simplicidade, e terminada a oração recostavam-se no banco, gozavam a música (o órgão ressoava docemente) e viam Miss Kilman na ponta do banco, rezando, rezando, e, como ainda estava no perímetro do mesmo mundo

terreno deles, solidarizavam-se com ela como uma alma que frequentava o mesmo território; uma alma feita de substância imaterial; não uma mulher, uma alma.

Mas Mr. Fletcher precisava ir. Teve de passar por ela e, sendo impecavelmente aseado, não pôde evitar uma leve aflição diante do desmazelo da pobre senhora; o cabelo caído; o pacote no chão. Ela não lhe deu logo passagem. Mas, enquanto ele ficou ali olhando em torno, os mármore brancos, os vitrais cinzentos e os tesouros acumulados (pois sentia imenso orgulho da abadia), o tamanho, a robustez e a força dela, mexendo os joelhos de vez em quando (tão árduo o acesso a seu Deus – tão ardentes seus desejos), o impressionaram, como tinham impressionado Mrs. Dalloway (não conseguiu afastar o pensamento dela naquela tarde), o reverendo Edward Whittaker e Elizabeth também.

E Elizabeth esperava um ônibus na Victoria Street. Era tão bom estar na rua. Pensou que talvez não precisasse ir já para casa. Era tão bom estar ao ar livre. Então pegaria um ônibus. E desde já, mesmo ali parada, com suas roupas muito bem cortadas, estava começando... As pessoas estavam começando a compará-la a álamos, à aurora, a jacintos, gazelas, arroios, lírios dos jardins; o que lhe tornava a vida um fardo, pois preferia muito mais ficar em paz à vontade no campo, mas comparavam-na a lírios, e tinha de ir a festas, e Londres era tão triste em comparação à vida em paz no campo com o pai e os cachorros.

Os ônibus vinham correndo, paravam, seguiam – caravanas espalhafatasas, reluzindo com tinta vermelha e amarela. Mas qual devia tomar? Não tinha preferência. Claro, não se forçaria. Tendia à passividade. Faltava-lhe expressão, mas seus olhos eram bonitos, chineses, orientais, e, como sua mãe dizia, com ombros tão bonitos e com porte tão ereto, era sempre uma visão encantadora; e ultimamente, sobretudo à noite, quando estava interessada, pois nunca parecia empolgada, parecia quase bela, muito majestosa, muito serena. No que podia estar pensando? Todos os homens se apaixonavam por ela, e ela realmente sentia um tremendo enfado. Pois estava começando. Sua mãe podia ver – os galanteios estavam começando. Que ela não se importasse muito – por exemplo, com as roupas – às vezes aborrecia Clarissa, mas talvez fosse melhor assim com todos aqueles câezinhos e porquinhos-da-índia tendo cinomose, e aquilo lhe dava encanto. E agora havia essa amizade esquisita com Miss Kilman. Bem, pensava Clarissa pelas três horas da madrugada, lendo o barão Marbot pois não conseguia dormir, isso demonstra que ela tem coração.

De repente Elizabeth avançou e subiu com grande agilidade no ônibus, na frente de todo mundo. Pegou um assento no andar de cima. A criatura impetuosa – um navio pirata – deu um tranco, arrancou; ela teve de se segurar na barra para se firmar, pois era mesmo um navio pirata, temerário, inescrupuloso, impondo-se implacavelmente, desviando-se perigosamente, audazmente pegando um passageiro, ou ignorando um passageiro, espremendo-se feito uma enguia e se enfiando arrogante por entre o tráfego e então investindo insolente com todas as velas enfunadas Whitehall acima. E concedeu Elizabeth um único pensamento à pobre Miss Kilman, que a amava sem ciúme, para quem tinha sido uma gazela ao ar aberto, uma lua na clareira da floresta? Era uma delícia se sentir livre. E era tão delicioso o ar fresco. Antes estava abafado demais nas Army and Navy Stores. E agora parecia uma cavalgada, essa investida Whitehall acima; e a cada movimento do ônibus o belo corpo no casaco cor de gazela respondia livremente como um ginete, como a figura de proa de um navio, pois a brisa a desalinha ligeiramente; o calor lhe dava às faces o palor da madeira pintada de branco; e seus belos olhos, sem olhos para cruzar, fitavam em frente, vazios, brilhantes, com a incrível inocência do olhar fixo de uma escultura.

O que tornava Miss Kilman tão difícil era falar sempre sobre os próprios sofrimentos. E teria razão? Se o que ajudava os pobres era fazer parte de algum comitê

e todos os dias dedicava horas e horas de tempo (quase nunca o via em Londres), seu pai fazia isso, Deus sabe – se era isso o que Miss Kilman entendia como ser cristão; mas era tão difícil saber. Oh, gostaria de ir um pouco adiante. Mais um pêni, era isso, até o Strand? Está aqui mais um pêni, então. Iria até o Strand.

Ela gostava de gente doente. E todas as profissões estão abertas às mulheres de sua geração, dizia Miss Kilman. Então podia ser médica. Podia ser fazendeira. Os animais vivem adoecendo. Podia ter mil acres e manter empregados. Iria visitá-los em seus chalés. Ali estava Somerset House. Era possível ser um ótimo fazendeiro – e isso, muito estranhamente, embora Miss Kilman tivesse uma parte nisso, devia-se quase inteiramente a Somerset House. Parecia tão esplêndido, tão sério, aquele grande edifício cinzento. E ela gostava da sensação de gente trabalhando. Gostava daquelas igrejas, como moldes de papel cinzento, enfrentando a correnteza do Strand. Aqui era totalmente diferente de Westminster, pensou, descendo na Chancery Lane. Era tão sério; era tão empenhado. Enfim, queria ter uma profissão. Ia ser médica, fazendeira, possivelmente entraria no Parlamento se achasse necessário, tudo por causa do Strand.

Os pés daquelas pessoas empenhadas em seus afazeres, as mãos pondo pedra por pedra, os espíritos eternamente ocupados não com conversas triviais (comparar mulheres a álamos – o que era bastante gentil, claro, mas muito tolo), mas com questões de navios, de negócios, de leis, de governo, e tudo isso tão imponente (estava no Temple), alegre (ali o rio), piedoso (ali a igreja), lhe despertavam a firme determinação, dissesse sua mãe o que quisesse, de ser fazendeira ou médica. Mas, claro, era meio preguiçosa.

E era muito melhor não comentar nada. Parecia tão tolo. Era o tipo de coisa que às vezes acontecia, quando a pessoa estava sozinha – os edifícios sem os nomes dos arquitetos, as multidões de gente voltando da cidade tinham mais poder do que todos os clérigos de Kensington, do que qualquer livro que Miss Kilman tinha lhe emprestado, para estimular o que jazia latente, amorfo e tímido nos areais da mente a subir à superfície, como uma criança esticando os braços de repente; era apenas isso, talvez, um suspiro, um esticar dos braços, um impulso, uma revelação, que exerce seus efeitos para sempre, e então descia de novo para os areais. Tinha de ir para casa. Tinha de se arrumar para o jantar. Mas que horas eram? – onde havia um relógio?

Olhou a Fleet Street. Deu alguns passos na direção de St. Paul's, timidamente, como se entrasse na ponta dos pés, explorando uma casa estranha à noite com uma vela, no medo de que o dono de repente escancare a porta do quarto e pergunte o que está fazendo ali, e não ousava entrar nas ruelas esquisitas, nas travessas tentadoras, tal como numa casa estranha não ousaria abrir portas que podiam dar para um dormitório ou para a sala de visitas ou levar diretamente à despensa. Pois nenhum Dalloway vinha ao Strand no dia a dia; ela era uma pioneira, uma extraviada, aventurando-se, confiando.

Em muitos aspectos, sentia sua mãe, ela era extremamente imatura, ainda uma criança, apegada a bonecas, a chinelos velhos; um perfeito bebê; e isso era encantador. Mas havia na família Dalloway, claro, a tradição do serviço público. Abadessas, reitoras, diretoras, dignitárias, na república das mulheres – sem ser brilhantes, nenhuma delas, estavam lá. Avançou um pouco mais na direção de St. Paul's. Ela gostava da cordialidade, da fraternidade feminina, da maternidade, da fraternidade masculina desse alvoroço. Parecia-lhe bom. O barulho era tremendo; e de repente ouviram-se cornetas (os desocupados) clangorando, retumbando no alvoroço; música militar; como se fossem pessoas marchando; e no entanto se estivessem a morrer – tivesse alguma mulher soltado seu último suspiro, e quem estivesse velando, abrindo a janela do quarto onde ela acabava de cumprir aquele ato de suprema dignidade, olhasse a Fleet Street ali embaixo, aquele alvoroço, aquela música militar lhe subiria triunfante, consoladora,

indiferente.

Não era consciente. Não havia nela nenhum reconhecimento da sorte ou sina de ninguém, e por essa própria razão, mesmo para os que velavam entorpecidos os últimos tremores de consciência no rosto dos moribundos, era consoladora.

O esquecimento das gentes podia ferir, a ingratidão delas podia corroer, mas essa voz, brotando interminavelmente, ano após ano, abarcaria o que quer que fosse; esse juramento; esse furgão; essa vida; essa procissão; envolveria e levaria todos eles, como na torrente tumultuada de uma geleira o gelo prende uma lasca de osso, uma pétala azul, alguns carvalhos e vai rolando com eles.

Mas era mais tarde do que pensava. Sua mãe não gostaria que ela estivesse vagueando sozinha assim. Voltou para o Strand.

Uma lufada de vento (apesar do calor, ventava bastante) soprou um véu fino e negro sobre o sol e por sobre o Strand. Os rostos descoloriram; os ônibus de repente perderam o brilho. Pois embora as nuvens fossem de um branco montanhoso que a gente podia se imaginar com uma machadinha talhando em lascas sólidas, com largas vertentes douradas, gramados de jardins celestiais nos flancos e tivessem toda a aparência de um casario permanente ali reunido para a assembleia dos deuses por sobre o mundo, havia entre elas um movimento incessante. Trocavam-se sinais, quando, como para executar algum plano já traçado, ora um topo se encolhia, ora um bloco inteiro de dimensões piramidais que se mantivera em posição inalterável avançava para o meio ou gravemente conduzia a procissão para um novo ancoradouro. Por fixas que parecessem em seus postos, descansando em perfeita unanimidade, nada podia ser mais fresco, mais livre, mais sensível à superfície do que a superfície branca como neve ou abraseada de ouro; era possível num átimo mudar, avançar, dissolver a solene reunião; e apesar da grave fixidez, da solidez e da robustez acumulada, enviavam à terra ora luz, ora sombra.

Calma e ágil, Elizabeth Dalloway subiu no ônibus de Westminster.

Indo e vindo, acenando, sinalizando, assim pareciam a luz e a sombra, que tornavam ora a parede cinza, ora as bananas amarelo-brilhantes, tornavam ora o Strand cinza, ora os ônibus amarelo-brilhantes, a Septimus Warren Smith deitado no sofá da sala; olhando o ouro líquido brilhar e se apagar com a assombrosa sensibilidade de alguma criatura viva nas rosas, no papel de parede. Lá fora as árvores arrastavam suas folhas como redes pelas profundezas do ar; o som da água preenchia a sala, e entre as ondas vinham as vozes de pássaros cantando. Todas as potestades despejavam seus tesouros sobre ele, e sua mão jazia ali no encosto do sofá, tal como vira fazer a mão enquanto se banhava, flutuava sobre as ondas, enquanto lá longe na praia ouvia os cães latindo e latindo lá longe. Não temas mais, diz o coração dentro do peito; não temas mais.

Não tinha medo. A todo instante a Natureza assinalava com algum sinal risonho como aquela mancha dourada circulando na parede – ali, ali, ali – sua decisão de mostrar, brandindo suas plumas, agitando suas tranças, enfunando seu manto de um lado e outro, lindamente, sempre lindamente, e se postando perto para sussurrar entre as mãos em concha as palavras de Shakespeare, o significado dela.

Rezia, sentada à mesa girando um chapéu nas mãos, observava-o; viu-o sorrindo. Era feliz, então. Mas não suportava vê-lo a sorrir. Aquilo não era casamento; ser marido não era parecer tão estranho assim, sempre se sobressaltando, rindo, ficando sentado horas e horas em silêncio, ou agarrando-a e dizendo-lhe para escrever. A gaveta da mesa estava cheia daqueles escritos; sobre a guerra; sobre Shakespeare; sobre grandes descobertas; que não existia morte. Nos últimos tempos ele andava se excitando de repente sem nenhuma razão (e os dois, dr. Holmes e Sir William Bradshaw, diziam que a excitação era a pior coisa para ele), e acenava as mãos e gritava que sabia a verdade!

Sabia tudo! Aquele homem, o amigo dele que foi morto, Evans, tinha vindo, disse ele. Estava cantando atrás do biombo. Ela anotou enquanto ele falava. Algumas coisas eram muito bonitas; outras simples absurdos. E ele ficava sempre se interrompendo, mudando de ideia; querendo acrescentar alguma coisa; ouvindo alguma coisa nova; ouvindo com a mão erguida. Mas ela não ouvia nada.

E uma vez encontraram a mocinha que arrumava o quarto lendo um desses papéis entre acessos de riso. Que dó terrível. Pois aquilo fez Septimus gritar contra a crueldade humana – como eles se dilaceram mutuamente. Os caídos, disse, dilaceraram. “Holmes parte para cima de nós”, dizia, e inventava histórias sobre Holmes; Holmes comendo mingau; Holmes lendo Shakespeare – pondo-se a rugir de riso ou de raiva, pois dr. Holmes parecia representar algo horrível para ele. “Natureza humana”, chamava-lhe. E havia as visões. Tinha se afogado, costumava dizer, e jazia num penhasco com as gaivotas gritando por cima. Olhava pela beirada do sofá para o mar abaixo. Ou ouvia música. Na verdade era apenas um realejo ou algum homem gritando na rua. Mas “Lindo!” costumava exclamar, e as lágrimas corriam pelas faces, o que para ela era a coisa mais pavorosa de todas, ver um homem como Septimus, que tinha combatido, que era corajoso, chorando. E ficava deitado ouvindo até que de repente gritava que estava caindo, caindo, entre as chamas! Ela chegou a procurar as chamas, tão vívido era. Mas não havia nada. Estavam sozinhos no quarto. Era um sonho, dizia-lhe, e assim finalmente o acalmava, mas às vezes ela ficava assustada também. Suspirava enquanto costurava.

Seu suspiro era terno e encantador, como o vento na mata ao anoitecer. Ora pousava a tesoura; ora se virava para pegar alguma coisa na mesa. Uma leve mexida, uma leve amassada, uma leve pancadinha construíam alguma coisa ali na mesa à qual estava costurando. Por entre os cílios podia ver seu vulto borrado; seu corpo miúdo escuro; o rosto e as mãos; os movimentos até a mesa, para pegar um carretel ou procurar (tinha tendência de perder as coisas) a seda. Estava fazendo um chapéu para a filha casada de Mrs. Filmer, chamada – ele tinha esquecido como se chamava.

– Como se chama a filha casada de Mrs. Filmer? – perguntou.

– Mrs. Peters – disse Rezia. Estava com medo que ficasse pequeno demais, disse segurando-o de frente. Mrs. Peters era graúda; mas não gostava dela. Era só porque Mrs. Filmer tinha sido tão boa com eles – “Me deu uvas hoje de manhã”, disse – que Rezia queria fazer alguma coisa para mostrar que estavam agradecidos. Tinha entrado na sala na outra noite e encontrou Mrs. Peters, que achava que eles estavam fora, tocando o gramofone.

– Verdade? – perguntou ele. Estava tocando o gramofone? Estava; ela tinha contado para ele naquela hora; tinha encontrado Mrs. Peters tocando o gramofone.

Ele começou a abrir os olhos com muito cuidado, para ver se havia realmente um gramofone ali. Mas as coisas reais – as coisas reais eram excitantes demais. Precisava ter cuidado. Não iria enlouquecer. Primeiro olhou as revistas de moda na prateleira de baixo, então gradualmente o gramofone com a boca verde. Nada podia ser mais definido. E então, reunindo coragem, olhou o aparador; o prato de bananas; a gravura da rainha Vitória e o príncipe consorte; na cornija da lareira, com o vaso de rosas. Nenhuma dessas coisas se mexia. Todas estavam paradas; todas eram reais.

– Ela tem uma língua maldosa – disse Rezia.

– O que Mr. Peters faz? – perguntou Septimus.

– Ahn – disse Rezia, tentando lembrar. Achava que Mrs. Filmer tinha dito que era caixeiro-viajante de alguma empresa. – Agora mesmo ele está em Hull – disse ela.

“Agora mesmo!” Disse isso com seu sotaque italiano. Foi como ela disse. Semicerrou os olhos para enxergar apenas um pouco do rosto dela por vez, primeiro o queixo, então o nariz, então a testa, caso estivesse deformado ou tivesse alguma marca

terrível. Mas não, ali estava ela, completamente natural, costurando, com os lábios franzidos que as mulheres têm, a atitude, a expressão melancólica, quando estão costurando. Mas não havia nada terrível nele, assegurou a si mesmo, olhando uma segunda vez, uma terceira vez para o rosto, as mãos dela, pois o que havia de assustador ou desagradável nela sentada ali à plena luz do dia, costurando? Mrs. Peters tem uma língua maldosa. Mr. Peters estava em Hull. Por que, então, fúrias e profecias? Por que fugir flagelado e proscrito? Por que ser levado pelas nuvens a tremer e a soluçar? Por que buscar verdades e entregar mensagens se Rezia estava ali sentada prendendo os alfinetes na frente do vestido e Mr. Peters estava em Hull? Milagres, revelações, agonias, solidão, quedas no mar, descidas entre as chamas, tudo se extinguiu, pois, enquanto observava Rezia guarneecendo o chapéu de palha para Mrs. Peters, tinha a sensação de uma colcha de flores.

– É pequeno demais para Mrs. Peters – disse Septimus.

Era a primeira vez em dias que ele estava falando como de costume! Claro que era – absurdamente pequeno, disse ela. Mas Mrs. Peters tinha escolhido aquele.

Tirou-o de suas mãos. Disse que era um chapéu de mico de realejo.

Como ela ficou alegre com aquilo! Fazia semanas que não riam juntos assim, fazendo entre si troça dos outros, como um casal. O que ela queria dizer era que se Mrs. Filmer entrasse, ou Mrs. Peters ou qualquer outra pessoa, não iria entender do que ela e Septimus estavam rindo.

– Pronto – disse ela, prendendo com alfinete uma rosa num dos lados do chapéu. Nunca tinha se sentido tão feliz! Nunca na vida!

Mas assim ficava ainda mais ridículo, disse Septimus. Agora a pobre mulher ia parecer um leitão numa feira. (Ninguém a fazia rir tanto como Septimus.)

O que ela tinha no cesto de costura? Tinha fitas e contas, borlas, flores artificiais. Despejou-as em cima da mesa. Ele começou a juntar cores avulsas – pois embora ele não tivesse mão jeitosa, não conseguisse fazer sequer um embrulho, tinha um olho maravilhoso, e muitas vezes estava certo, às vezes absurdo, claro, mas às vezes maravilhosamente certo.

– Ela terá um belo chapéu! – murmurou pegando uma coisinha e outra, Rezia ajoelhada ao lado, espiando por cima de seu ombro. Agora estava pronto – quer dizer, a montagem; ela devia dar os pontos. Mas tivesse muito, muito cuidado, disse ele, para deixar bem do jeito que ele tinha feito.

Então se pôs a costurar. Enquanto costurava, ele pensou, fazia um som como uma chaleira na grelha; borbulhando, murmurando, sempre ocupada, os dedinhos afilados e firmes enfiando e empurrando; a agulha faiscando reta. O sol podia chegar e ir embora, nas borlas, no papel de parede, mas ele ia esperar, pensou, esticando os pés, olhando a meia enrolada na ponta do sofá; ia esperar nesse lugar aquecido, nesse recanto de ar parado, ao qual às vezes a gente chega ao anoitecer na fímbria de um bosque, quando, devido a uma depressão no solo ou alguma disposição das árvores (é preciso ser científico acima de tudo, científico), o calor se mantém e o ar bate em nossa face como a asa de um pássaro.

– Aqui está – disse Rezia, girando o chapéu de Mrs. Peters na ponta dos dedos. – Por ora está bom. Mais tarde... – a frase sumiu pingapingando, como um batoque contente de estar gotejando.

Era maravilhoso. Nunca ele tinha feito nada que lhe desse tanto orgulho. Era tão real, era tão concreto, o chapéu de Mrs. Peters.

– Veja só – disse ele.

Sim, ela sempre ficaria feliz em ver aquele chapéu. Ele tinha voltado a ser quem era, tinha dado risadas. Tinham ficado juntos a sós. Ela sempre iria gostar daquele chapéu.

Ele falou que experimentasse.

– Mas devo ficar tão esquisita! – exclamou, correndo para o espelho e olhando primeiro de um lado, depois do outro. Então tirou-o de novo num supetão, pois alguém bateu à porta. Seria Sir William Bradshaw? Já estava mandando alguém?

Não! era apenas a menina com o jornal vespertino.

Então aconteceu o que sempre acontecia – o que acontecia todas as noites na vida deles. A menina ficou chupando o polegar à porta; Rezia se pôs de joelhos; Rezia arrulhou e deu um beijo; Rezia tirou um saquinho de doces da gaveta da mesa. Pois era assim que sempre acontecia. Primeiro uma coisa, depois outra. Assim ela construía, primeiro uma coisa e depois outra. Dançando, saltando pela sala lá foram as duas. Ele pegou o jornal. O Surrey tinha perdido, leu. Havia uma onda de calor. Rezia repetiu: o Surrey tinha perdido. Havia uma onda de calor, incluindo isso na brincadeira com a neta de Mrs. Filmer, ambas rindo, falando ao mesmo tempo, na brincadeira delas. Estava muito cansado. Estava muito feliz. Ia dormir. Fechou os olhos. Mas logo que deixou de enxergar qualquer coisa os sons da brincadeira ficaram mais fracos e mais estranhos e pareciam gritos de gente procurando sem encontrar, passando adiante e se afastando mais e mais. Perderam-no!

Despertou num terror. O que viu? O prato de bananas no aparador. Não havia ninguém ali (Rezia tinha levado a menina à mãe; era hora de dormir). Era isso: estar sozinho para sempre. Este foi o destino anunciado em Milão quando entrou na sala e viu as moças cortando moldes de entretela com suas tesouras; estar sozinho para sempre.

Estava sozinho com o aparador e as bananas. Estava sozinho, exposto no alto dessa eminência desolada; estendido – mas não no topo de uma colina; não num rochedo; no sofá da sala de estar de Mrs. Filmer. E as visões, os rostos, as vozes dos mortos, onde estavam? Havia um biombo na frente dele, com juncos negros e andorinhas azuis. Onde antes tinha visto montanhas, onde tinha visto rostos, onde tinha visto beleza, havia um biombo.

– Evans! – gritou. Não houve resposta. Um rato guinchou, ou uma cortina farfalhou. Eram as vozes dos mortos. Para ele restavam o biombo, o balde de carvão, o aparador. Iria encará-los, o biombo, o balde de carvão e o aparador... mas Rezia irrompeu na sala tagarelando.

Tinha chegado uma carta. Os planos de todos tinham mudado. No fim Mrs. Filmer não poderia ir para Brighton. Não havia tempo de avisar Mrs. Williams, e realmente Rezia achava aquilo muito, muito aborrecido, quando seu olhar caiu no chapéu e pensou... talvez... se ela... fizesse um pouquinho... Sua voz se extinguiu numa melodia contente.

– Oh danada! – exclamou (era uma brincadeira deles, era a praga dela); a agulha tinha se quebrado. Chapéu, menina, Brighton, agulha. Ela construía; primeiro uma coisa, então outra, ia construindo, costurando.

Ela queria que ele dissesse se mudando a rosa o chapéu melhorava. Sentou na ponta do sofá.

Agora estavam plenamente felizes, disse de repente, pousando o chapéu. Pois agora podia lhe dizer qualquer coisa. Podia dizer o que lhe viesse à cabeça. Foi quase a primeira coisa que tinha sentido em relação a ele, naquela noite no café quando entrou com seus amigos ingleses. Ele tinha entrado, com alguma timidez, olhando ao redor, e ao pendurar seu chapéu tinha caído. Isso ela lembrava. Sabia que era inglês, embora não um daqueles ingleses robustos que sua irmã admirava, pois sempre foi magro; mas tinha um belo frescor; e com o nariz comprido, os olhos brilhantes, o jeito de sentar um pouco encurvado, ele lhe parecia, tinha dito muitas vezes, um jovem falcão, naquela primeira noite em que o viu, quando estavam jogando dominó, e ele entrou – um jovem

falcão, mas com ela sempre muito gentil. Nunca o vira bravo ou bêbado, apenas às vezes sofrendo com essa guerra terrível, mas mesmo assim, quando ela entrava, ele punha tudo aquilo de lado. Qualquer coisa, qualquer coisa do mundo, qualquer pequeno aborrecimento no trabalho, qualquer coisa que quisesse comentar ela lhe dizia, e ele entendia imediatamente. Nem mesmo sua família era assim. Sendo mais velho do que ela e sendo tão inteligente – como era sério, querendo que ela lesse Shakespeare antes de conseguir sequer ler uma historinha infantil em inglês! – sendo tão mais experiente, ele podia ajudá-la. E ela, também, podia ajudá-lo.

Mas agora esse chapéu. E depois (estava ficando tarde) Sir William Bradshaw.

Ficou com as mãos na cabeça, esperando que ele dissesse se gostava ou não do chapéu, e enquanto estava sentada ali, esperando, olhando para baixo, ele podia sentir o espírito dela, como um pássaro, caindo de galho em galho, e sempre pousando muito firme; podia seguir seu espírito, enquanto ela sentava ali numa daquelas poses descontraídas e relaxadas que lhe vinham naturalmente, e, a qualquer coisa que ele dissesse, ela logo sorria, como um pássaro pousando firme com todas as garras no ramo.

Mas ele lembrava. Bradshaw disse: “os seres mais queridos não são adequados para nós quando estamos doentes”. Bradshaw disse que devia aprender a repousar. Bradshaw disse que deviam ficar separados.

“Devia”, “devia”, por que “devia”? Que poder tinha Bradshaw sobre ele?

– Que direito tem Bradshaw de me dizer “deve”? – perguntou.

– É porque você falou em se matar – disse Rezia. (Felizmente, agora ela podia dizer qualquer coisa a Septimus.)

Então estava no poder deles! Holmes e Bradshaw tinham partido para cima dele! A besta com as narinas vermelhas estava farejando em todos os locais secretos! Podia dizer “deve”! Onde estavam seus papéis? as coisas que tinha escrito?

Ela lhe trouxe seus papéis, as coisas que ele tinha escrito, as coisas que ela tinha escrito para ele. Despejou-as em cima do sofá. Olharam juntos. Diagramas, desenhos, pequenos homens e mulheres brandindo paus nos braços, com asas – eram asas? – nas costas; círculos traçados com moedas menores e maiores – o sol e as estrelas; precipícios ziguezagueantes com alpinistas subindo amarrados na mesma corda, exatamente como facas e garfos; trechos de mar com rostinhos rindo acima do que pareciam talvez ser ondas: o mapa do mundo. Queime-os! exclamou ele. Agora os escritos; que os mortos cantam atrás dos arbustos de azaleias; odes ao Tempo; conversas com Shakespeare; Evans, Evans, Evans – suas mensagens dentre os mortos; não cortar árvores; contar ao primeiro-ministro. Amor universal: o significado do mundo. Queime-os! exclamou ele.

Mas Rezia pôs as mãos em cima. Alguns eram muito bonitos, ela achava. Ia amarrá-los (pois não tinha envelope) com uma fita de seda.

Mesmo que o levassem, disse ela, iria com ele. Não podiam separá-los contra a vontade deles, disse ela.

Ajeitando-os pelas beiradas para ficar retos, ela recolheu os papéis e amarrou o maço quase sem olhar, sentada perto, sentada ao lado dele, pensou, como se estivesse com todas as suas pétalas abertas. Era uma árvore florindo; e por entre seus ramos fitava o rosto de um legislador, que havia alcançado um santuário onde ela não temia ninguém; nem Holmes; nem Bradshaw; um milagre, um triunfo, o maior e derradeiro. Cambaleante viu-a subir a escada aterrorizante, carregando Holmes e Bradshaw, homens que nunca pesavam menos de setenta e três quilos, que mandavam as esposas à corte, homens que ganhavam dez mil por ano e falavam em proporção; que divergiam nos vereditos (pois Holmes dizia uma coisa, Bradshaw outra), e no entanto eram juizes; que embaralhavam a visão e o aparador; não viam nada claro e no entanto decidiam, no entanto puniam. Sobre eles ela triunfou.

– Pronto! – disse. Os papéis estavam amarrados. Ninguém ia mexer neles. Ia

guardá-los.

E, disse ela, nada iria separá-los. Sentou ao lado dele e o chamou pelo nome daquele falcão ou corvo que, sendo traquinas e grande destruidor de lavouras, era precisamente ele. Ninguém poderia separá-los, disse ela.

Então levantou para ir ao quarto e preparar as coisas deles, mas ouvindo vozes no andar de baixo e pensando que talvez fosse dr. Holmes em visita, desceu correndo para impedir que subisse.

Septimus podia ouvi-la falando com Holmes na escada.

– Minha cara senhora, venho como amigo – dizia Holmes.

– Não. Não vou deixar que veja meu marido – disse ela.

Podia vê-la, como uma pequena galinha, com as asas estendidas barrando a passagem dele. Mas Holmes perseverava.

– Minha cara senhora, permita-me... – disse Holmes, afastando-a de lado (Holmes tinha uma constituição vigorosa).

Holmes estava subindo a escada. Holmes ia irromper pela porta. Holmes ia dizer: “Uma crise, hein?”. Holmes ia pegá-lo. Mas não; nem Holmes; nem Bradshaw. Levantando a cambalear, de fato saltando num pé e depois no outro, considerou a bela faca de pão lisa de Mrs. Filmer com “Pão” entalhado no cabo. Ah, mas não se devia estragá-la. O gás? Mas agora era tarde demais. Holmes estava vindo. Navalha poderia usar, mas Rezia, que sempre fazia aquele tipo de coisa, tinha guardado. Restava apenas a janela, a grande janela da pensão de Bloomsbury; a questão cansativa, problemática e um tanto melodramática de abrir a janela e se atirar por ela. Era a ideia de tragédia deles, não sua nem de Rezia (pois ela estava com ele). Holmes e Bradshaw gostavam daquele tipo de coisa. (Sentou no parapeito.) Mas ia esperar até o último instante. Não queria morrer. A vida era boa. O sol, quente. Afora os seres humanos? Descendo a escada em frente um velho parou e o fitou. Holmes estava à porta.

– Isso é para você! – exclamou e se arremessou vigorosamente, violentamente sobre as grades da área de Mrs. Filmer.

– O covarde! – gritou dr. Holmes, irrompendo pela porta. Rezia correu à janela, viu; entendeu. Dr. Holmes e Mrs. Filmer se abalroaram. Mrs. Filmer pegou a ponta do avental e fez com que ela cobrisse os olhos até o quarto. Houve uma grande correria nas escadas. Dr. Holmes entrou – branco feito um lençol, tremendo de cima a baixo, com um copo na mão. Ela devia ser corajosa e tomar alguma coisa, disse ele (O que era? Algo doce), pois seu marido estava horivelmente machucado, não ia recuperar a consciência, ela não devia vê-lo, devia ser poupada ao máximo possível, teria o inquérito para enfrentar, pobre moça. Quem poderia ter previsto? Um impulso repentino, ninguém tinha a menor culpa (disse ele a Mrs. Filmer). E por que diabos fez aquilo, dr. Holmes não conseguia imaginar.

Parecia-lhe enquanto bebia aquela coisa doce que estava abrindo grandes janelões, saindo para algum jardim. Mas onde? O relógio estava batendo – uma, duas, três: como era sensato o som; comparado a todos esses sussurros e baques surdos; como o próprio Septimus. Estava adormecendo. Mas o relógio continuou batendo, quatro, cinco, seis, e Mrs. Filmer abanando o avental (não iam trazer o corpo aqui dentro, iam?) parecia fazer parte daquele jardim; ou uma bandeira. Uma vez ela tinha visto uma bandeira ondulando devagar num mastro quando esteve com a tia em Veneza. Assim eram saudados os homens mortos em batalha, e Septimus tinha atravessado a guerra. Suas lembranças eram na maioria felizes.

Ela pôs o chapéu e correu pelos trigais – onde podia ter sido? – até alguma colina, em algum lugar perto do mar, pois havia barcos, gaivotas, borboletas; sentaram num penhasco. Em Londres, também, lá se sentavam e, meio entre sonhos, veio-lhe pela porta do quarto o som da chuva caindo, sussurros, agitações entre espigas secas, a

carícia do mar, como lhe parecia, escavando-os em sua concha aqueada e murmurando a ela deitada na praia, espargindo-se, sentia, como uma florada esvoaçante sobre alguma tumba.

– Ele morreu – disse sorrindo para a pobre velha que a velava com seus cândidos olhos azul-claros fitos na porta. (Não iam trazê-lo aqui dentro, iam?) Mas Mrs. Filmer reagiu. Oh não, oh não! Já o estavam levando embora. Não deveriam avisá-la? Um casal deveria ficar junto, pensava Mrs. Filmer. Mas tinham de fazer como o médico disse.

– Deixe-a dormir – disse dr. Holmes, sentindo-lhe o pulso. Ela viu o largo contorno escuro de seu corpo contra a janela. Então aquele era dr. Holmes.

Um dos triunfos da civilização, pensou Peter Walsh. É um dos triunfos da civilização, enquanto soava a pequena sineta da ambulância. Rápida, asseada, a ambulância corria para o hospital, tendo recolhido instantaneamente, humanitariamente, algum pobre coitado; alguém golpeado na cabeça, derrubado pela doença, atropelado talvez um ou dois minutos atrás num desses cruzamentos, como podia acontecer a qualquer um. Isso era civilização. Impressionava-o voltando do Oriente – a eficiência, a organização, o espírito comunitário de Londres. Toda carroça ou carruagem se afastava de lado por conta própria para deixar a ambulância passar. Talvez fosse mórbido; ou não seria pelo contrário tocante, o respeito que mostravam por essa ambulância com a vítima dentro – homens afoobados se apressando de volta ao lar, porém momentaneamente pensando à passagem dela em alguma esposa; ou possivelmente como seria fácil que fossem eles mesmos a estar ali, estendidos numa maca com um médico e uma enfermeira... Ah, mas ficar pensando era mórbido, sentimental, a gente logo começava a evocar médicos, cadáveres; uma pequena centelha de prazer, uma espécie de volúpia, também, diante daquela impressão visual, era um alerta para não prosseguir mais com aquele tipo de coisa – fatal para a arte, fatal para a amizade. Verdade. E no entanto, pensou Peter Walsh, enquanto a ambulância virava a esquina, embora a pequena sineta se fizesse ouvir na outra rua e ainda adiante ao atravessar a Tottenham Court Road, retinindo constantemente, tal é o privilégio da solidão; na privacidade a pessoa pode fazer o que quiser. Podia chorar se ninguém visse. Tinha sido a causa de sua perdição – essa suscetibilidade – na sociedade anglo-indiana; não chorar, ou rir, na hora certa. Tenho isso em mim, pensou parando ao lado da caixa do correio, que agora podia se dissolver em lágrimas. Por quê, só os céus sabem. Provavelmente alguma espécie de beleza, e o peso do dia, o qual, a começar por aquela visita a Clarissa, o esgotara com seu calor, sua intensidade e o gotejar de uma impressão após a outra caindo naquele porão onde paravam, profundas, escuras, e ninguém jamais saberia. Em parte por essa razão, seu sigilo, completo e inviolável, a vida lhe parecera um jardim desconhecido, cheio de curvas e cantos, surpreendente, sim; realmente espantosos, esses momentos; mais um se aproximando dele ao lado da caixa de correio na frente do British Museum, mais um daqueles momentos em que as coisas se juntavam; essa ambulância; e a vida e a morte. Era como se fosse sugado para cima, para algum teto muito alto por aquela onda de emoção, e o resto de si, como uma praia espargida de conchas brancas, ficasse nu. Tinha sido a causa de sua perdição na sociedade anglo-indiana – essa suscetibilidade.

Uma vez Clarissa, indo com ele a algum lugar no segundo andar de um ônibus, Clarissa pelo menos à superfície comovendo-se tão facilmente, ora em desespero, ora com a maior alegria, pura vibração naqueles dias e tão boa companhia, apontando pequenas cenas, palavras, pessoas bizarras do alto de um ônibus, pois costumavam explorar Londres e voltar com sacolas repletas de preciosidades do mercado das pulgas – Clarissa tinha uma teoria naqueles dias – tinham montes de teorias, sempre teorias, como têm os jovens. Era para explicar o sentimento de insatisfação que tinham; não

conhecer as pessoas; não ser conhecidos. Pois como poderiam se conhecer? As pessoas se encontravam todos os dias; depois não se viam por seis meses, ou por anos. Era insatisfatório, concordavam, como as pessoas pouco se conheciam. Mas ela disse, sentados no ônibus subindo a Shaftesbury Avenue, ela se sentia em todas as partes; não “aqui, aqui, aqui”; e bateu no encosto do assento; mas em todas as partes. Fez um gesto para a Shaftesbury Avenue. Ela era tudo aquilo. Então para conhecê-la, ou a qualquer um, deviam-se procurar as pessoas que os completavam; e mesmo os lugares. Tinha afinidades estranhas com gente com quem nunca tinha falado, alguma mulher na rua, algum homem atrás de um balcão – e mesmo árvores ou celeiros. Aquilo terminou numa teoria transcendental que, com seu horror à morte, lhe permitia crer ou dizer crer (apesar de todo o seu ceticismo) que, sendo nossas aparições, a parte de nós que aparece, tão momentâneas comparadas à outra, à parte nossa que não é vista e que se espalha amplamente, a parte não vista poderia sobreviver, ser recuperada de alguma maneira estando ainda ligada a esta ou àquela pessoa, ou mesmo frequentando certos lugares, após a morte. Talvez – talvez.

Revedo aquela longa amizade de quase trinta anos sua teoria funcionava até agora. Breves, cortados, dolorosos que tivessem sido seus encontros efetivos, e somando suas ausências e interrupções (esta manhã, por exemplo, entrou Elizabeth, como uma potranca de longas pernas, bonita, calada, bem na hora em que estava começando a falar com Clarissa), o efeito deles sobre sua vida era imensurável. Havia um mistério naquilo. Recebia-se um grãozinho afiado, agudo, incômodo – o encontro efetivo; não raro horivelmente doloroso; mesmo assim, na ausência, nos locais mais improváveis, ele floria, se abria, desprendia seu perfume, se deixava tocar, provar, permitia que se olhasse em torno, se captasse toda a sensação da coisa e se entendesse, depois de passar anos esquecido. Assim ela tinha vindo a ele; a bordo do navio; nos Himalaias; sugerida pelas coisas mais díspares (tal como Sally Seton, pateta generosa, entusiástica! pensou nele ao ver hortênsias azuis). Ela o influenciara mais do que qualquer outra pessoa que conhecia. E sempre lhe aparecendo dessa maneira sem que ele quisesse, calma, com ar de dama, crítica; ou arrebatadora, romântica, evocando algum campo ou colheita inglesa. Via-a geralmente no campo, não em Londres. Uma cena após a outra em Bourton...

Tinha chegado ao hotel. Percorreu o saguão, com seus conjuntos de poltronas e sofás avermelhados, suas plantas de folhas em riste, parecendo ressequidas. Pegou a chave no quadro da portaria. A jovem atendente lhe entregou algumas cartas. Subiu as escadas – viu-a mais em Bourton, no verão passado, quando passou lá uma semana, ou mesmo uma quinzena, como faziam as pessoas naqueles dias. Primeiro no alto de alguma colina lá ficava ela, as mãos segurando os cabelos, a capa esvoaçando, apontando, gritando para eles – Via o Severn lá em baixo. Ou num bosque, esquentando a chaleira – muito desajeitada com os dedos; o vapor fazendo medidas ao soprar no rosto deles; seu rostinho rosado se entremostrando; pedindo água a uma velha numa cabana, que veio até a porta para vê-los partir. Iam sempre a pé; os outros, dirigindo. Ela achava um tédio andar de carro, detestava todos os animais, exceto aquele cachorro. Percorriam quilômetros de estradas. Parava para se orientar, guiava-o de volta a um ponto atravessando o campo; e o tempo todo discutiam, falavam de poesia, falavam das pessoas, falavam de política (na época era uma radical); nunca notando coisa alguma exceto quando parava, exclamava a uma paisagem ou a uma árvore, e fazia-o olhar também; e então retomavam, atravessando campos de restolho, ela indo à frente, com uma flor para a tia, nunca se cansando de andar apesar do corpo delicado; até chegarem de volta a Bourton no anoitecer. Então, depois do jantar, o velho Breitkopf abria o piano e cantava sem voz nenhuma, e eles se afundavam nas poltronas, tentando não rir, mas sempre estourando e rindo, rindo – rindo por nada. Achavam que Breitkopf não veria. E

então de manhã, saracoteando para cima e baixo como uma lavandisca na frente da casa...

Oh era uma carta dela! Esse envelope azul; era a letra dela. E teria de ler. Aqui estava mais um daqueles encontros, fadados a ser dolorosos! “Como foi encantador vê-lo. Tinha de lhe dizer.” Só isso.

Mas ficou transtornado. Irritado. Queria que não tivesse escrito. Vindo coroar seus pensamentos, era como uma cutucada nas costelas. Por que ela não o deixava em paz? Afinal, tinha se casado com Dalloway e vivia plenamente feliz com ele esses anos todos.

Esses hotéis não são consoladores. Longe disso. Inúmeras pessoas tinham pendurado seus chapéus nesses ganchos. Até as moscas, se a gente fosse pensar, tinham pousado no nariz de outras pessoas. Quanto à limpeza tão ostensiva, nem era limpeza, era mais nudez, frigidez; algo que tinha de ser. Alguma árida matrona fazia suas rondas ao amanhecer cheirando, inspecionando, fazendo as criadas de nariz azulado esfregarem incansavelmente, como se o próximo hóspede fosse uma posta de carne a ser servida numa travessa impecavelmente limpa. Para dormir, uma cama; para sentar, uma poltrona; para escovar os dentes e barbear o rosto, um copo, um espelho. Livros, cartas, pijamas, se espalhavam na impessoalidade dos estofados como impertinências incongruentes. E era a carta de Clarissa que o fazia enxergar tudo isso. “Encantador vê-lo. Tinha de falar!” Dobrou o papel; afastou-o de lado; nada o faria reler!

Para que aquela carta lhe chegasse às seis horas, ela devia ter sentado e escrito logo que ele saiu; tinha posto o selo; tinha mandado alguém ao correio. Era, como dizem, bem o jeito dela. Ficou transtornada com a visita dele. Tinha sentido profundamente; por um instante, ao beijar a mão dele, devia ter lamentado, até invejado, possivelmente lembrado (pois viu sua expressão) algo que ele havia dito – que mudariam o mundo se ela se casasse com ele, talvez; ao passo que agora era isso; era a meia-idade; era a mediocridade; então obrigou-se com sua vitalidade indômita a afastar tudo aquilo de lado, pois havia nela um fio de vida de uma firmeza, de uma resistência, de um poder de superar os obstáculos e permitir que prosseguisse triunfante como ele nunca tinha visto igual. Sim; mas logo viria uma reação depois que ele saiu da sala. Ia lamentar tremendamente por ele; iria pensar o que podia fazer para agradá-lo (sempre alguém da única coisa) e podia vê-la com as lágrimas correndo pelas faces indo até a escrivaninha e traçando rápido aquela única linha que ele iria encontrar à sua espera... “Encantador vê-lo!” E era sincera.

Peter Walsh agora tinha desamarrado as botas.

Mas não teria dado certo, o casamento deles. A outra coisa, afinal, veio muito mais naturalmente.

Era estranho; era verdade; muita gente sentia isso. Peter Walsh, que tinha se saído apenas medianamente, ocupara os cargos usuais adequados, era apreciado, mas tido como um pouco excêntrico, dava-se ares – era estranho que ele tivesse, sobretudo agora que era grisalho, um ar satisfeito; um ar de reserva. Era isso que o fazia atraente às mulheres, que gostavam da sensação de que não era totalmente viril. Havia algo incomum em torno dele, ou por trás dele. Podia ser que fosse livreco – nunca vinha em visita sem pegar o livro da mesa (agora estava lendo, com os cadarços arrastando no chão), ou que fosse um cavalheiro, o que se mostrava no jeito como batia as cinzas do cachimbo e na maneira como tratava as mulheres. Pois era encantador e totalmente ridículo com que facilidade qualquer moça sem um pinga de juízo era capaz de fazê-lo comer na palma da mão. Mas por conta e risco próprio. Quer dizer, embora ele pudesse ser sempre tão fácil, e de fato com sua jovialidade e boa educação uma companhia fascinante, era apenas até certo ponto. Ela dizia algo – não, não; ele logo percebia. Não aceitaria aquilo – não, não. E podia falar em voz alta e se sacudir e gargalhar a alguma piada entre homens. Era o melhor juiz de culinária na Índia. Era homem. Mas não o tipo

de homem que se devia respeitar – o que era uma bênção; não como o major Simmonds, por exemplo; de maneira nenhuma, pensava Daisy quando, apesar dos dois filhos pequenos, punha-se a compará-los.

Tirou as botas. Esvaziou os bolsos. Com o canivete saiu uma foto de Daisy na varanda; Daisy toda de branco, com um fox terrier no colo; muito encantadora, muito morena; a melhor foto sua que tinha visto. A coisa surgiu, afinal, tão naturalmente; muito mais naturalmente do que com Clarissa. Sem bulha. Sem confusão. Sem melindres nem amolações. Tudo tranquilo. E a moça morena, adoravelmente bonita na varanda exclamou (podia ouvi-la) Claro, claro que lhe daria tudo! gritou (não tinha o menor senso de discrição), tudo o que ele quisesse! gritou, correndo para ele, sem se preocupar com quem estivesse olhando. E tinha apenas vinte e quatro anos. E tinha dois filhos. Ora pois, pois!

Pois tinha mesmo se metido numa enrascada na idade dele. E isso lhe ocorria quando forçosamente acordava à noite. E se se casassem? Por ele estaria muito bem, mas e ela? Mrs. Burgess, boa amiga que não era fofoqueira, à qual tinha confidenciado, achava que essa ausência dele indo à Inglaterra, a pretexto de ver alguns advogados, poderia servir para que Daisy reconsiderasse, pensasse no que significava aquilo. A questão era a posição dela, disse Mrs. Burgess; a barreira social; a renúncia aos filhos. Uma hora dessas seria uma viúva com um passado vagueando pelos subúrbios ou, mais provável, inclassificável (você sabe, disse ela, como ficam essas mulheres, pintadas demais). Mas Peter Walsh reagiu a tudo aquilo. Ainda não pretendia morrer. De qualquer forma, ela precisava decidir por si; julgar por si, pensou ele, andando de meias pelo quarto, alisando a camisa social, pois talvez fosse à festa de Clarissa, ou talvez fosse a algum teatro, ou talvez ficasse lendo um livro muito interessante escrito por um sujeito que conhecia de Oxford. E se de fato se aposentasse, era o que iria fazer – escrever livros. Iria a Oxford e escarafuncharia a Bodleian. Em vão a moça morena, adoravelmente bonita corria até a ponta do terraço; em vão acenava-lhe a mão; em vão exclamava que não se importava minimamente com o que as pessoas diziam. Ali estava ele, o homem que para ela era tudo no mundo, o cavalheiro perfeito, o homem fascinante, o ser ilustre (e sua idade não fazia a menor diferença para ela), andando de meias num quarto de hotel em Bloomsbury, se barbeando, se lavando, continuando, enquanto pegava um caneco, pousava a navalha, a escarafunchar a Bodleian e encontrar a verdade numa ou duas pequenas questões que o interessavam. E ficaria conversando com quem fosse, e então passaria a se atrasar cada vez mais para o almoço, e faltaria aos compromissos; e quando Daisy, como fazia, fosse lhe pedir um beijo, não atenderia às expectativas (embora fosse genuinamente devotado a ela) – em suma, talvez fosse melhor, como disse Mrs. Burgess, que ela o esquecesse, ou simplesmente lembrasse como ele era em agosto de 1922, uma figura de pé no cruzamento ao entardecer, que se torna cada vez mais distante conforme o cabriolé se afasta, levando-a solidamente instalada no banco traseiro, embora de braços estendidos. E conforme vê a figura diminuir e desaparecer, ainda continua a gritar que faria qualquer coisa no mundo, qualquer coisa, qualquer coisa, qualquer coisa...

Ele nunca soube o que pensavam os outros. Era cada vez mais difícil se concentrar. Ficava absorto; ocupado com seus próprios pensamentos; ora sério, ora alegre; dependendo de mulheres, com o espírito ausente, o humor oscilante, cada vez menos capaz (assim pensou enquanto se barbeava) de entender por que Clarissa não poderia simplesmente encontrar um alojamento para eles e ser gentil com Daisy; introduzi-la na sociedade. E aí ele poderia – poderia o quê? poderia vaguear e flunar (no momento estava de fato empenhado em separar várias chaves, vários papéis), investir e experimentar, ficar em paz, em suma, bastando a si mesmo; porém era claro que ninguém dependia tanto dos outros como ele (abotoou o colete); tinha sido esta a causa

de sua perda. Não conseguia evitar os salões masculinos, gostava de coronéis, de golfe e de bridge, gostava principalmente do convívio com as mulheres, da delicadeza de sua companhia, da lealdade, da audácia, da grandeza em amar que, embora tivesse seus reveses, pareciam-lhe (e o rosto moreno, adoravelmente bonito estava em cima dos envelopes) tão absolutamente admiráveis, flores tão esplêndidas a crescer na superfície da vida humana, e no entanto não conseguia atender às expectativas, sendo sempre propenso a enxergar ao redor das coisas (Clarissa tinha minado definitivamente alguma coisa nele), a se cansar com muita facilidade da devoção muda e a querer variedade no amor, embora fosse ficar furioso caso Daisy amasse algum outro, furioso! pois era ciumento, incontrolavelmente ciumento por índole. Sofria tormentos! Mas onde estava o canivete; o relógio; os sinetes; a carteira, e a carta de Clarissa que não ia ler mas gostava de lembrar, e a foto de Daisy? E agora ao jantar.

Estavam comendo.

Sentados a mesinhas entre vasos, com trajes formais ou informais, com xales e bolsas ao lado, com o ar de falsa compostura, pois não estavam acostumados a tantos pratos no jantar; e de confiança, pois podiam pagar por ele; e de cansaço, pois tinham passado o dia todo percorrendo Londres, comprando, vendo os pontos turísticos; e com sua curiosidade natural, pois olharam em torno e para cima quando o cavalheiro de boa aparência e óculos com aros de tartaruga entrou; e com sua boa natureza, pois ficariam contentes em fazer algum pequeno favor, como emprestar um horário de trens ou partilhar alguma informação útil; e seu desejo, pulsando neles, percorrendo-os subterraneamente, de estabelecer alguma ligação nem que fosse apenas o local de nascimento (Liverpool, por exemplo) em comum ou amigos com o mesmo nome; com seus olhares furtivos, silêncios estranhos e súbitos retraimentos para o isolamento e as brincadeiras familiares; lá estavam sentados jantando quando Mr. Walsh entrou e ocupou seu lugar a uma mesinha perto da cortina.

Não porque tivesse dito alguma coisa, pois estando sozinho só poderia se dirigir ao garçom; era seu jeito de olhar o cardápio, de apontar com o indicador algum vinho em particular, de se aproximar da mesa, de se dedicar com seriedade, sem gula, ao jantar, que lhe conquistou o respeito deles; o qual, tendo se conservado mudo durante grande parte da refeição, encandeou-se à mesa onde estavam os Morris quando ouviram Mr. Walsh dizer ao final da refeição, “peras Bartlett”. Por que ele falou em tom tão comedido, mas com tanta firmeza, com o ar de um disciplinador dentro de seus direitos que eram fundados na justiça, nem o jovem Charles Morris, nem Charles pai, nem Miss Elaine, nem Mrs. Morris sabia. Mas quando ele disse “peras Bartlett”, sentado sozinho à mesa, sentiram que contava com o apoio deles em alguma reivindicação legítima; era paladino de uma causa que abraçaram imediatamente, de modo que seus olhos cruzaram os dele com solidariedade, e quando todos chegaram à sala de fumar ao mesmo tempo, tornou-se inevitável uma conversa amena entre eles.

Nada muito profundo – apenas que Londres estava lotada; tinha mudado em trinta anos; que Mr. Morris preferia Liverpool; que Mrs. Morris tinha ido à exposição de flores de Westminster, e que todos eles tinham visto o príncipe de Gales. No entanto, pensou Peter Walsh, nenhuma família no mundo pode se comparar aos Morris; absolutamente nenhuma; e as relações entre eles são perfeitas, e não se importam um pingo com as classes superiores, e gostam do que são, e Elaine está se preparando para o negócio da família, e o menino ganhou uma bolsa de estudos em Leeds, e a velha dama (que tem mais ou menos a mesma idade dele) tem mais três filhos em casa; e eles têm dois carros, mas Mr. Morris ainda conserta botas nos domingos: é soberbo, é absolutamente soberbo, pensou Peter Walsh, balançando-se um pouco para trás e para frente com seu copo de licor na mão entre as poltronas vermelhas felpudas e os cinzeiros, sentindo-se muito satisfeito consigo mesmo, pois os Morris gostavam dele. Sim, gostavam de um homem

que dizia “peras Bartlett”. Gostavam dele, podia sentir.

Iria à festa de Clarissa. (Os Morris saíram; mas se encontrariam de novo.) Iria à festa de Clarissa, porque queria perguntar a Richard o que estavam fazendo na Índia – os trapalhões conservadores. E o que andam armando? E música... Ah sim, e a simples prosa.

Pois esta é a verdade sobre nossa alma, pensou ele, nosso ser, que como um peixe habita as profundezas dos mares e se arqueia entre obscuridades para passar entre as massas de algas gigantes, por espaços tremeluzentes de sol, avançando para o inescrutável frio, escuro, profundo; de súbito dispara à superfície e brinca nas ondas encrespadas pelo vento; isto é, tem uma necessidade imperiosa de se roçar, de se atritar, de se incendiar, proseando. O que o governo pretendia – Richard Dalloway devia saber – fazer em relação à Índia?

Como o cair da tarde estava muito quente e os jornaleiros passavam com cartazes proclamando em enormes letras vermelhas que havia uma onda de calor, colocaram-se cadeiras de vime à entrada do hotel e lá, bebericando, fumando, sentavam-se alguns cavalheiros. Peter Walsh se sentou ali. A pessoa podia imaginar que o dia, o dia londrino, estava apenas começando. Como uma mulher que tira seu vestido estampado e o avental branco para se enfeitar de azul e pérolas, o dia se trocava, tirava os trastes, punha uma gaze, se trocava para a noite, e com o mesmo suspiro de satisfação que solta uma mulher, deixando cair as anáguas no chão, ele também desprendia a poeira, o calor, a cor; o trânsito diminuía; os automóveis, tinindo, dardejando, se sucediam à marcha lenta e pesada dos furgões; e aqui e ali entre a densa folhagem das praças erguia-se uma luz intensa. Renuncio, parecia dizer a tarde findando, enquanto empalidecia e desfalecia nas cúpulas e proeminências, recurvadas, pontiagudas, dos hotéis, escritórios e blocos de lojas, estou desfalecendo, começava a dizer, estou desaparecendo, mas Londres não ia permitir, e avançava com suas baionetas ao céu, prendia-a, obrigava-a a ser sua companheira de festa.

Pois a grande revolução do horário de verão de Mr. Willett tinha ocorrido após a última visita de Peter Walsh à Inglaterra. O entardecer prolongado era novidade para ele. Era inspirador, porém. Pois enquanto os jovens passavam com suas pastas de documentos, numa tremenda alegria de estar livres, e também com um orgulho silencioso de palmilhar esta famosa calçada, uma espécie de alegria, barata, sem valor, se se quisesse, mas mesmo assim arrebatadora, corria suas faces. E se vestiam bem; meias cor-de-rosa; belos sapatos. Agora teriam duas horas no cinema. Aguçava-os, refinava-os, essa luz azul amarelada do entardecer; e nas folhas do parque brilhava lírida, lívida – como se tivessem mergulhado nas águas do mar – a silhueta de uma cidade submersa. Ele ficou assombrado pela beleza; era encorajadora também, pois enquanto o anglo-indiano de retorno se sentava por direito (conhecia montes deles) no Oriental Club recapitulando biliosamente a ruína do mundo, aqui estava ele, jovem como sempre; invejando aos jovens o verão da vida e todo o resto, e confirmando nas palavras de uma moça, nos risos de uma criada – coisas intangíveis que não havia como pegar – sua impressão daquela mudança em toda a acumulação piramidal que em sua juventude parecia irremovível. Havia exercido pressão, tinha acachapado, sobretudo as mulheres, como aquelas flores que a tia Helena de Clarissa costumava prensar entre folhas de mata-borrão com um dicionário Littré por cima, sentada junto à lâmpada depois do jantar. Agora tinha morrido. Soube, Clarissa lhe contou, que perdera uma das vistas. Parecia tão adequado – uma das obras-primas da natureza – que a velha Miss Parry recorresse ao vidro. Morreu como um passarinho numa geadinha agarrado ao galho. Pertencia a uma época diferente, mas sendo tão completa, tão inteira, sempre avultaria no horizonte, branca como gesso, elevada, como um farol marcando alguma etapa de passagem nessa longa, longuíssima viagem aventureira, nessa infundável – (procurou

uma moeda para comprar um jornal e saber do jogo entre Surrey e Yorkshire; tinha estendido uma moeda dessas milhões de vezes – Surrey tinha perdido outra vez) – nessa infundável existência. Mas o críquete não era um mero jogo. O críquete era importante. Nunca deixava de ler sobre o críquete. Leu primeiro os resultados entre as últimas notícias, depois o calor do dia; depois um caso de assassinato. Ter feito as coisas milhões de vezes enriquecia, embora fosse possível dizer que lhes removia a superfície. O passado enriquecia, a experiência também, e tendo gostado de uma ou duas pessoas, e assim tendo adquirido o poder que falta aos jovens, de parar ao meio, de fazer o que se quer, de não se importar um tico com o que dizem as pessoas e proceder sem nenhuma grande expectativa (deixou o jornal na mesa e saiu), o que porém (e foi pegar o chapéu e a capa) não era totalmente verdade em relação a ele, não hoje à noite, pois aqui estava ele se preparando para ir a uma festa, em sua idade, na crença de que estava prestes a ter uma experiência. Mas qual?

A beleza, em todo caso. Não a beleza bruta do olhar. Não a beleza pura e simples – a Bedford Place dando na Russell Square. A reta e o vazio, claro; a simetria de um corredor; mas também as janelas acesas, um piano, um gramofone tocando; uma sensação de prazer oculta, mas surgindo vez por outra quando, pela janela sem cortina, pela janela aberta, veem-se grupos à mesa, jovens circulando devagar, conversas entre homens e mulheres, criadas olhando a rua ociosas (estranhos comentários faziam, depois de terminar o serviço), meias secando em alguma beirada alta, um papagaio, algumas plantas. Absorvente, misteriosa, de infinita riqueza, esta vida. E na grande praça de onde os táxis arrancavam e guinavam tão rápido, havia casais se demorando, namorando, se abraçando, abrigados sob a ramagem de uma árvore; aquilo era comovente; tão silenciosos, tão absortos, que a gente passava, discretamente, timidamente, como diante de alguma cerimônia sagrada que seria um sacrilégio interromper. Aquilo era interessante. E assim até a luz e o resplendor.

Seu sobretudo leve se abria ao vento, caminhava com seu andar de uma peculiaridade indescritível, inclinava-se um pouco para a frente, cambaleava de um lado e outro, com as mãos nas costas e os olhos um pouco ainda como de um falcão; cambaleava por Londres, rumando para Westminster, observando.

Então todo mundo estava jantando fora? Aqui um lacaio abria as portas para dar passagem a uma dama idosa de ar festeiro, com sapatos de fivelas e três plumas roxas de avestruz no cabelo. Abriam-se portas para damas embrulhadas feito múmias em xales floridos de cores vivas, damas com a cabeça descoberta. E, em respeitáveis quarteirões com pequeninos jardins à frente e colunas de gesso ao fundo, apareciam mulheres levemente envoltas, com pentes no cabelo (tendo subido às pressas para ver as crianças); estando os homens à espera delas, com as capas se abrindo ao vento, e o motor dava a partida. Todos estavam saindo. Com todas essas portas que se abriam, a descida pelas escadas, o motor dando a partida, parecia que Londres inteira embarcava em botes ancorados na margem, lançando-se às águas, como se toda a cidade flutuasse numa festança. E por Whitehall deslizavam, laminada de prata como parecia, deslizavam as aranhas, e tinha-se uma sensação de mosquitinhos voando ao redor das lâmpadas voltaicas; estava tão quente que as pessoas ficavam paradas por ali conversando. E aqui em Westminster havia um juiz aposentado, provavelmente, sentado com ar resoluto à porta de sua casa todo de branco. Anglo-indiano provavelmente.

E aqui um tumulto de mulheres brigando, embriagadas; aqui apenas um policial e casas avultando, casas altas, casas com cúpulas, igrejas, parlamentos, e o apito de um vapor no rio, um grito oco nublado. Mas esta era a rua dela, esta, de Clarissa; táxis velozes viravam a esquina, como água nos píeres de uma ponte, reunindo-se ali, parecia-lhe, porque estavam trazendo as pessoas à sua festa, à festa de Clarissa.

A torrente fria de impressões visuais agora lhe faltou como se o olhar fosse uma

xícara transbordando e deixando o resto escorrer pelas paredes de porcelana sem registrar. O cérebro agora devia despertar. O corpo agora devia se contrair, entrando na casa, na casa iluminada, onde a porta permanecia aberta, onde os automóveis paravam e mulheres cintilantes desciam; a alma devia se dispor bravamente a resistir. Abriu a grande lâmina do canivete.

Lucy desceu correndo as escadas a toda pressa, depois de uma rápida entradinha na sala de visitas para alisar uma capa, endireitar uma cadeira, parar um instante e sentir que qualquer um que entrasse iria pensar que asseio, que brilho, que belos cuidados, quando vissem a bela prata, os ferros de cobre da lareira, as capas novas das cadeiras e as cortinas de chintz amarelo: avaliou cada peça; ouviu um vozerio; as pessoas já vindo do jantar; tinha de ir voando!

O primeiro-ministro viria, disse Agnes: era o que tinha ouvido dizerem na sala de jantar, disse ela, entrando com uma bandeja de taças. Teria importância, teria alguma importância, um primeiro-ministro a mais ou a menos? Não fazia nenhuma diferença a essa hora da noite para Mrs. Walker entre os pratos, panelas, escorredores, frigideiras, galantinas de frango, sorveteiras, cascas de pão aparadas, limões, terrinas de sopa e tigelas de pudim que, por mais que fossem lavadas na pia da área de serviço, pareciam se amontoar em cima dela, na mesa da cozinha, nas cadeiras, enquanto o fogo ardia e rugia, as luzes elétricas brilhavam e a ceia ainda estava por servir. A única coisa que ela sentiu foi que um primeiro-ministro a mais ou a menos não fazia a menor diferença para Mrs. Walker.

As damas já estavam subindo as escadas, disse Lucy; as damas estavam subindo, uma a uma, Mrs. Dalloway vindo por último e quase sempre mandando algum recado à cozinha, “Meu amor à Mrs. Walker” foi um deles uma noite. Na manhã seguinte reveriam os pratos – a sopa, o salmão; o salmão, Mrs. Walker sabia, como sempre mal assado, pois ela sempre ficava nervosa com o pudim de creme e o deixava a Jenny; e assim acontecia, o salmão ficava sempre mal assado. Mas alguma dama de belo penteado e joias de prata tinha dito, disse Lucy, sobre a entrada, foi mesmo feita em casa? Mas era o salmão que aborrecia Mrs. Walker, enquanto batia as tigelas sem parar e empurrava os tampadores e puxava os tampadores no fogão; e veio uma explosão de riso da sala de jantar; uma voz falando; então outra explosão de riso – os cavalheiros se divertindo depois que as damas tinham se retirado. O tocai, disse Lucy, entrando numa corrida. Mr. Dalloway tinha pedido o tocai, das adegas do imperador, o Tokay Imperial.

Ele passou pela cozinha. Por cima do ombro Lucy comentou que Miss Elizabeth estava um encanto; não conseguia despregar os olhos dela; com seu vestido cor-de-rosa, usando o colar que Mr. Dalloway tinha lhe dado. Jenny que não esquecesse o cachorro, o fox terrier de Miss Elizabeth, o qual, como mordida, teve de ficar trancado e podia, pensou Elizabeth, precisar de alguma coisa. Jenny que não esquecesse o cachorro. Mas Jenny não ia subir com todas aquelas pessoas por lá. Já havia um carro na porta! Já estavam tocando a campainha – e os cavalheiros ainda na sala de jantar, tomando tocai!

Pronto, estavam subindo as escadas; aquele era o primeiro a chegar, e agora viriam cada vez mais rápido, de modo que Mrs. Parkinson (contratada nas festas) ia deixar a porta do saguão entreaberta, e o saguão ficaria cheio de cavalheiros esperando (ficaram esperando, alisando o cabelo) enquanto as damas tiravam suas capas na saleta da passagem; onde Mrs. Barnet as ajudava, a velha Ellen Barnet, que esteve com a família durante quarenta anos e todos os verões vinha ajudar as damas, e lembrava as mães quando eram meninas, e embora muito despretensiosa de fato apertavam-se as mãos; dizia “milady” muito respeitosa, mas tinha um jeito bem-humorado, olhando as jovens damas e sempre com grande tato ajudando Lady Lovejoy, que estava com algum problema em seu corpete. E não podiam deixar de sentir, Lady Lovejoy e Miss Alice, que

lhes fora concedido algum pequeno privilégio em matéria de escova e pente por conhecerem Mrs. Barnet – “trinta anos, milady”, completou Mrs. Barnet. As damas jovens não usavam ruje, disse Lady Lovejoy, quando estavam em Bourton nos velhos tempos. E Miss Alice não precisava de ruje, disse Mrs. Barnet, olhando-a carinhosamente. Ali se sentava Mrs. Barnet, na saleta do vestiário, afagando as peles, alisando os xales espanhóis, arrumando a penteadeira e sabendo perfeitamente, apesar das peles e dos enfeites bordados, quais eram damas finas e quais não eram. A querida velhota, disse Lady Lovejoy, subindo devagar as escadas, a velha ama de Clarissa.

E então Lady Lovejoy se empertigou. “Lady e Miss Lovejoy”, disse a Mr. Wilkins (contratado nas festas). Ele tinha um porte admirável, quando se curvava e se endireitava, curvava e se endireitava e anunciava com absoluta imparcialidade “Lady e Miss Lovejoy... Sir John e Lady Needham... Miss Weld... Mr. Walsh”. Seu porte era admirável; sua vida familiar devia ser irrepreensível, exceto que parecia impossível que um ser de lábios esverdeados e faces escanhoadas fosse alguma vez se pôr a perder com o aborrecimento de ter filhos.

– Que prazer vê-lo! – dizia Clarissa. Dizia isso a todos. Que prazer vê-lo! Estava em seu pior momento – efusiva, insincera. Foi um grande erro vir. Devia ter ficado em casa lendo seu livro, pensou Peter Walsh; devia ter ido a um musical; devia ter ficado em casa, pois não conhecia ninguém.

Oh céus, ia ser um fracasso; um fracasso completo, sentiu Clarissa até a medula dos ossos quando o caro velho lorde Lexham ficou ali se desculpando pela esposa que tinha apanhado um resfriado na festa ao ar livre do Palácio de Buckingham. Podia ver Peter com o rabo do olho, criticando-a, ali, naquele canto. Por que, afinal, ela fazia essas coisas? Por que procurar os píncaros e arder numa fogueira? Tomara que a consumisse mesmo! Que se fizesse em cinzas! Melhor qualquer coisa, melhor brandir a tocha e arremessá-la à terra do que minguar e definhar como uma Ellie Henderson! Era extraordinário como Peter a deixava nesse estado simplesmente vindo e ficando num canto. Ele fazia enxergar-se a si mesma; exagerar. Era idiota. Mas por que ele veio, então, apenas para criticar? Por que sempre tomar, nunca dar? Por que não arriscar seu pequeno ponto de vista? Estava ali vagueando, e devia ir falar com ele. Mas não tinha ocasião. A vida era isso – humilhação, renúncia. O que lorde Lexham estava dizendo era que sua esposa não quis vestir suas peles para a festa ao ar livre porque “minha querida, vocês damas são todas iguais” – Lady Lexham tendo pelo menos setenta e cinco anos! Era um encanto como os dois se mimavam, aquele velho casal. Realmente gostava do velho lorde Lexham. Realmente achava que era importante, aquela sua festa, e se sentia péssima em saber que estava saindo tudo errado, tudo um fiasco. Qualquer coisa, qualquer explosão, qualquer horror era melhor do que gente vagueando à toa, se encorujando num canto como Ellie Henderson, sem nem se importar em endireitar as costas.

Suavemente a cortina amarela com todas as aves do paraíso se enfunou e foi como se entrasse uma revoada de asas na sala e logo saísse, e então se desinflou. (Pois as janelas estavam abertas.) Havia ar encanado? perguntava-se Ellie Henderson. Ela era propensa a resfriados. Mas não fazia mal se amanhã estivesse espirrando; era nas moças com os ombros nus que ela pensava, ensinada como fora a pensar nos outros pelo pai idoso, um inválido, último vigário de Bourton, mas agora falecido; e seus resfriados nunca lhe atacavam o peito, nunca. Era nas moças que ela pensava, as mocinhas com seus ombros nus, ela mesma sempre tendo sido miúda, com cabelo ralo e corpo magro; embora agora, com mais de cinquenta, uma luminosidade suave estivesse começando a transparecer, algo que se depurara sob a forma de distinção após anos de abnegação, mas ainda obscurecido, perpetuamente, por sua penosa atuação de pobreza, seu medo pânico, que brotava de uma renda de trezentas libras e sua situação de desamparo (não

ganhava um centavo) e isso a fazia tímida e a cada ano mais desqualificada para encontrar gente bem-vestida que fazia esse tipo de coisa todas as noites da temporada, simplesmente dizendo a suas empregadas “vou usar isso e aquilo”, enquanto Ellie Henderson saiu nervosa às pressas e comprou umas flores rosadas baratas, meia dúzia, e então jogou um xale por cima do vestido preto velho. Pois o convite para a festa de Clarissa tinha chegado de última hora. Não ficou contente com aquilo. Tinha uma espécie de sensação de que Clarissa não pretendia convidá-la neste ano.

E por que haveria? De fato não havia nenhuma razão, exceto por se conhecerem desde sempre. Na verdade eram primas. Mas tinham se afastado naturalmente, sendo Clarissa tão requisitada. Para ela era um acontecimento ir a uma festa. Já era um divertimento e tanto ver as roupas bonitas. Aquela ali não era Elizabeth, crescida, com um penteado elegante, de vestido cor-de-rosa? E não teria mais do que dezessete anos. Estava bonita, muito bonita. Mas pelo visto agora as moças não debutavam mais de branco, como costumava ser. (Devia memorizar tudo para contar a Edith.) As moças usavam vestidos retos, muito justos, bem acima dos tornozelos. Não ficava bem, pensou ela.

Assim, com a vista fraca, Ellie Henderson esticava o pescoço, e não era tanto ela que se importava em não ter ninguém para conversar (não conhecia quase ninguém ali), pois todos ali lhe pareciam muito interessantes para observar; políticos, provavelmente; amigos de Richard Dalloway; mas era o próprio Richard que achava que não podia deixar a pobre criatura parada ali sozinha a noite toda.

– E então, Ellie, como o mundo vem lhe tratando? – disse com seu jeito amável, e Ellie Henderson, ficando nervosa e corando e sentindo que era extraordinariamente gentil da parte dele vir e conversar com ela, disse que de fato muita gente era mais sensível ao calor do que ao frio.

– É, de fato – disse Richard Dalloway. – De fato.

Mas o que mais dizer?

– Olá, Richard – disse alguém tomando-o pelo cotovelo, e, bom Deus, era o velho Peter, o velho Peter Walsh. Estava encantado em vê-lo – sempre um prazer vê-lo! Não tinha mudado nada. E lá foram juntos atravessando a sala, trocando tapinhas afetuosos, como se não se vissem fazia muito tempo, pensou Ellie Henderson, observando-os, certa de que conhecia o rosto daquele homem. Um homem alto, de meia-idade, olhos bastante bonitos, de óculos, fazendo lembrar John Burrows. Edith certamente saberia.

A cortina com sua revoadas de aves do paraíso se enfunou outra vez. E Clarissa viu – viu Ralph Lyon afastá-la para trás e continuar falando. Então afinal não era um fracasso! agora tudo ia sair bem – sua festa. Tinha começado. Tinha dado a partida. Mas ainda estava no vai não vai. Tinha de continuar por ali. As pessoas pareciam chegar numa avalanche.

Coronel e Mrs. Garrod... Mr. Hugh Whitbread... Mr. Bowley... Mrs. Hilbery... Lady Mary Maddox... Mr. Quin... entoava Wilkins. Ela trocava seis ou sete palavrinhas com cada um, e seguiam, entravam nos salões; entravam em algo, não no nada, visto que Ralph Lyon tinha afastado a cortina.

E no entanto, para ela, mais parecia um esforço. Não estava se divertindo. Era como ser – simplesmente qualquer um, parado ali; qualquer um podia fazer aquilo; e no entanto esse qualquer um lhe despertava um pouco de admiração, não podia deixar de sentir que ela, de alguma maneira, tinha feito isso acontecer, que isso marcava uma etapa, este pilar no qual se sentia transformada, pois muito estranhamente tinha esquecido sua aparência, mas se sentia como uma estaca fincada no alto de sua escadaria. Toda vez que dava uma festa tinha essa sensação de ser alguma outra coisa e não ela mesma, e que todos eram de certa maneira irrealis; muito mais reais de outra maneira. Em parte, pensava, era por causa das roupas, em parte por saírem da rotina,

em parte pelo cenário; era possível dizer coisas que não se diriam de nenhuma outra maneira, coisas que demandavam um esforço; possível ir muito mais fundo. Mas não para ela; não ainda, pelo menos.

– Que prazer vê-lo! – disse. Caro velho sir Harry! Ele conhecia todos.

E o que era tão estranho naquilo era a sensação que se tinha conforme iam subindo as escadas um depois do outro, Mrs. Mount e Celia, Herbert Ainsty, Mrs. Dakers – oh, e Lady Bruton!

– Que imensa gentileza sua em vir! – disse, e era sincera – era estranho como se sentia a pessoa parada ali vendo chegarem, chegarem, alguns muito velhos, alguns...

Quem? Lady Rosseter? Mas quem era essa tal Lady Rosseter?

– Clarissa!

Aquela voz! Era Sally Seton! Sally Seton! depois de todos esses anos! Avultou entre uma névoa. Pois não era assim que Sally Seton parecia, quando Clarissa segurava a caneca de água quente. Pensar nela sob este teto, sob este teto! Não assim!

Atropelando-se, misturadas, risonhas, as palavras se precipitavam – passando por Londres; soube por Clara Haydon; que oportunidade de vê-la! Então resolvi aparecer – sem convite...

Já era possível pousar a caneca de água quente com muita calma. O brilho a abandonara. Ainda assim era extraordinário vê-la outra vez, mais velha, mais feliz, menos encantadora. Beijaram-se, primeiro de um lado, depois do outro, junto à porta da sala de visitas, e Clarissa se virou, segurando a mão de Sally, e viu seus salões cheios, ouviu o troar das vozes, viu os candelabros, as cortinas se enfunando e as rosas que Richard lhe tinha dado.

– Tenho cinco garotos enormes – disse Sally.

Tinha o egoísmo mais singelo, o desejo mais franco de ser sempre a primeira no pensamento, e agradou a Clarissa que ela ainda fosse assim.

– Não acredito! – exclamou iluminando-se de prazer ao pensar no passado.

Mas que pena, Wilkins; Wilkins estava precisando dela; Wilkins estava anunciando numa voz de autoridade imperiosa, como se todos os presentes tivessem de ser advertidos e a anfitriã arrancada à frivolidade, um nome:

– O primeiro-ministro – disse Peter Walsh.

O primeiro-ministro? Mesmo? Ellie Henderson se maravilhou. Que coisa para contar a Edith!

Não se podia rir a ele. Parecia tão comum. Podia estar atrás de um balcão e a gente comprando biscoitos – pobre sujeito, todo enfarpelado com galões dourados! E a bem da justiça, enquanto dava suas voltas, primeiro com Clarissa, então com Richard a escoltá-lo, ele se saiu muito bem. Tentava parecer alguém. Era divertido de ver. Ninguém olhava para ele. Continuavam a conversar, mas estava absolutamente claro que todos sabiam, sentiam até a medula dos ossos, que essa majestade estava passando; este símbolo de tudo o que defendiam, a sociedade inglesa. A velha Lady Bruton, e ela também parecia muito elegante, muito imponente em suas rendas, logo veio e se retiraram para uma saleta que logo passou a ser espiada, vigiada, e uma espécie de sussurro e agitação claramente percorreu todos: o primeiro-ministro!

Oh Senhor dos céus, o esnobismo dos ingleses! pensou Peter Walsh, de pé no canto. Como adoravam se enfarpelar de galões dourados e render homenagens! Ora! Aquele devia ser – por Júpiter, era mesmo – Hugh Withbread, farejando os recintos dos grandes, mais gordo, mais encanecido, o admirável Hugh!

Sempre parecia como se estivesse em missão, pensou Peter, um ser privilegiado mas muito discreto, amalhando segredos que defenderia até a morte, embora fosse apenas alguma minúscula fofoca ventilada por um laçao da corte que amanhã estaria em todos os jornais. Tais eram suas ninharias, suas bagatelas, que lhe tinham

encanecido os cabelos e o conduziu à beira da velhice, gozando o respeito e o afeto de todos os que tinham o privilégio de conhecer esse tipo de inglês formado nos internatos. Inevitavelmente a pessoa imaginava coisas assim sobre Hugh; era o estilo dele; o estilo daquelas cartas admiráveis que Peter tinha lido milhares de vezes do outro lado do oceano no Times, e agradecera a Deus por estar fora daquele burburinho pernicioso, mesmo que fosse apenas para ouvir tagarelices de babuínos e cules espancando as esposas. Um jovem de tez azeitonada de uma das universidades estava ao lado, muito obsequioso. Este ele adotaria, iniciaria, ensinaria como avançar na vida. Pois o que mais lhe agradava no mundo era fazer gentilezas, pôr a palpitar o coração de damas idosas com a alegria de serem lembradas naquela idade, naquela aflição de se julgarem totalmente esquecidas, e então ali aparecia o querido Hugh vindo visitá-las e ficando uma hora falando do passado, relembando miudezas, elogiando o bolo feito em casa, embora Hugh pudesse comer bolos com duquesas em qualquer dia que quisesse, e, pelo visto, provavelmente passava mesmo um bom tempo entregue a essa agradável ocupação. O Juiz Universal, o Todo-Misericordioso poderia desculpar. Peter Walsh não tinha misericórdia. Os vilões precisam existir, e, Deus sabe, os cafajestes que são enforcados por esmigalhar os miolos de uma moça num trem causam menos mal, ao todo, do que Hugh Whitbread e suas gentilezas! Veja-se só a figura, na ponta dos pés, bamboleando-se, curvando-se, insinuando-se, na hora em que o primeiro-ministro e Lady Burton apareceram, convidando o mundo inteiro a ver como ele era privilegiado ao dizer alguma coisa, alguma coisa particular, a Lady Bruton no momento em que passava. Ela parou. Acenou a bela cabeça idosa. Provavelmente estava a agradecê-lo por alguma mostra de servilismo. Ela tinha seus aduladores, pequenos funcionários em cargos do governo que corriam para lhe prestar pequenos serviços, em troca dos quais lhes dava almoço. Mas ela vinha do século XVIII. Estava em seu papel.

E agora Clarissa escoltava seu primeiro-ministro pela sala, emproando-se, fulgindo, com a imponência de seus cabelos grisalhos. Estava de brinco e um vestido de sereia verde prateado. Parecia repousar nas ondas a trançar os cabelos, tendo ainda aquele dom; ser; existir; condensar tudo em si no momento em que passava; virava-se, enroscava a echarpe no vestido de alguma outra mulher, soltava, ria, tudo com a mais absoluta desenvoltura e o ar de uma criatura nadando em seu elemento. Mas a idade a alcançara; mesmo como sereia podia contemplar no espelho o pôr do sol num entardecer muito claro sobre as ondas. Havia um alento de ternura; sua severidade, seu puritanismo, sua rigidez agora tinham se abrandado, e tinha em si, enquanto desejava boa noite e boa sorte ao homem enfarpelado de dourado que estava dando o máximo de si para parecer importante, uma dignidade inexprimível; uma afetuosidade rara; como se desejasse tudo de bom ao mundo inteiro, e agora, estando no próprio limite extremo das coisas, tivesse de se retirar. Assim fazia-o pensar. (Mas não estava apaixonado.)

De fato, sentia Clarissa, o primeiro-ministro tinha sido gentil em vir. E, percorrendo a sala com ele, e Sally ali e Peter ali e Richard muito satisfeito, com todas aquelas pessoas bastante inclinadas, talvez, à inveja, ela tinha sentido aquela embriaguez do momento, aquela dilatação das fibras do próprio coração até parecer que tremia, saturado, a prumo; – sim, mas afinal era o que os outros sentiam, aquilo; pois, embora amasse aquilo e sentisse formigar e arder, ainda assim essas aparências, esses triunfos (o querido velho Peter, por exemplo, julgando-a tão brilhante) tinham um vazio; estavam a alguma distância, não no coração; e podia ser que ela estivesse envelhecendo, mas não a satisfaziam mais como antes; e de súbito, enquanto olhava o primeiro-ministro descendo as escadas, a moldura dourada do quadro de Sir Joshua com a menina e um regalo trouxe Kilman de volta; Kilman a inimiga. Aquilo era satisfatório; aquilo era real. Ah, como a odiava – ardente, hipócrita, corrupta; com todo aquele poder; sedutora de Elizabeth; a mulher que tinha se insinuado para roubar e

macular (Richard diria: Que absurdo!). Odiava-a: amava-a. Era de inimigos que a gente precisava; não de amigos – não Mrs. Durrant e Clara, Sir William e Lady Bradshaw, Miss Truelock e Eleanor Gibson (que via subindo as escadas). Deviam encontrá-la se precisassem dela. Estava por conta da festa!

Lá estava seu velho amigo Sir Harry.

– Caro Sir Harry! – disse indo até o senhor elegante que havia produzido uma quantidade de quadros ruins maior do que qualquer dupla de acadêmicos em toda a St. John's Wood (eram sempre animais se abeberando em algum banhado ao crepúsculo, ou indicando, pois ele tinha um estoque de atitudes, com a pata dianteira erguida ou um movimento dos chifres, “a Aproximação do Estranho” – todas as suas atividades, jantares, corridas, tinham como base os animais se abeberando em banhados ao crepúsculo).

– Do que estão rindo? – perguntou a ele. Pois Willie Titcomb, Sir Harry e Herbert Ainsty estavam todos rindo. Mas não. Sir Harry não podia contar a Clarissa Dalloway (embora gostasse muito dela; naquele seu tipo, julgava-a perfeita e ameaçava pintá-la) suas histórias de cabaré. Gracejou sobre a festa. Sentia falta de seu conhaque. Esses círculos, disse, estavam acima dele. Mas gostava dela; respeitava-a, apesar de seu refinamento abominável, difícil, elitista, que tornava impossível pedir a Clarissa Dalloway que sentasse em seu colo. E lá vinha aquele fogo-fátuo ambulante, aquela fosforescência vaga, a velha Mrs. Hilbery, estendendo as mãos para o fulgor de sua gargalhada (sobre o duque e a dama), a qual, ao ouvi-la do outro lado da sala, parecia tranquilizá-la sobre um ponto que às vezes a incomodava quando acordava muito cedo e não queria chamar a empregada para lhe trazer uma xícara de chá: a certeza de que vamos todos morrer.

– Não querem nos contar as histórias deles – disse Clarissa.

– Querida Clarissa! – exclamou Mrs. Hilbery. Estava tão parecida, disse, com sua mãe quando a viu pela primeira vez passeando num jardim com um chapéu cinzento.

E realmente os olhos de Clarissa se encheram de lágrimas. Sua mãe, passeando num jardim! Mas que pena, tinha de ir.

Pois ali estava o professor Brierly, que dava aulas sobre Milton, falando com o pequeno Jim Hutton (que era incapaz mesmo para uma festa como esta de escolher gravata e colete ou de assentar o cabelo), e mesmo aqui à distância ela podia ver que estavam brigando. Pois o professor Brierly era uma figura muito esquisita. Com todos aqueles títulos, honrarias, cursos entre ele e os meros escrevinhadores, ele suspeitava imediatamente de uma atmosfera não favorável à sua bizarra composição; o prodígio de conhecimento e de timidez que era; o gélido encanto sem cordialidade; a inocência mesclada ao esnobismo; estremecia se se apercesse, pelo cabelo despenteado de uma dama, pelas botas de um jovem, de um mundo subterrâneo, sem dúvida muito apreciável, de rebeldes, de jovens ardentes; de aspirantes a gênios, e insinuava com um leve aceno da cabeça, com uma fungadela – humpf! – o valor da moderação; de algum leve treinamento nos clássicos para apreciar Milton. O professor Brierly (Clarissa podia ver) não estava tendo êxito com o pequeno Jim Hutton (que estava de meias vermelhas, pois as pretas estavam na lavanderia) sobre Milton. Ela interrompeu.

Disse que adorava Bach. Hutton também. Era este o vínculo entre eles, e Hutton (péssimo poeta) sempre achou que Mrs. Dalloway era de longe a melhor das grandes damas que se interessavam por arte. Era estranho como era rigorosa. Em relação à música era puramente impessoal. Chegava a ser pedante. Mas que encantadora aos olhos! E a casa era tão agradável, se não fossem pelos professores dela. Clarissa chegou a pensar em tirá-lo dali e pô-lo ao piano na sala de trás. Pois ele tocava maravilhosamente.

– Mas o barulho! – disse ela. – O barulho!

– Sinal de sucesso de uma festa.

Inclinando a cabeça com cortesia, o professor se afastou delicadamente.

– Ele conhece tudo no mundo inteiro sobre Milton – disse Clarissa.

– Mesmo? – disse Hutton, que imitaria o professor em todo Hampstead; o professor e Milton; o professor e a moderação; o professor se afastando delicadamente.

Mas precisava ir falar com aquele casal, disse Clarissa, lorde Gayton e Nancy Blow.

Não que eles contribuíssem perceptivelmente para o barulho da festa. Não estavam falando (perceptivelmente) ali parados junto às cortinas amarelas. Logo iriam a outro lugar, juntos; e nunca tinham muito a dizer em circunstância alguma. Olhavam; e só. Bastava. Pareciam tão asseados, tão sólidos, ela com um leve veludo de pêssago na maquilagem, mas ele bem esfregado, enxaguado, com olhos de pássaro, de forma que nenhuma bola passaria por ele ou nenhum golpe o pegaria de surpresa. Saltava, rebatia, com precisão, na hora. Os focinhos dos cavalos estremeciam na ponta de suas rédeas. Tinha suas honrarias, seus monumentos ancestrais, seus estandartes na capela da propriedade. Tinha suas obrigações; seus arrendatários; uma mãe e irmãs; tinha passado o dia inteiro no Lord's, e era disso que estavam falando – críquete, primos, filmes – quando Mrs. Dalloway se aproximou. Lorde Gayton a apreciava imensamente. Miss Blow também. Tinha maneiras tão encantadoras.

– Que encanto – que delícia que vocês vieram! – disse.

Ela adorava o Lord's; adorava a juventude, e Nancy, vestida a um preço altíssimo pelos maiores artistas de Paris, ficava ali como se simplesmente lhe brotasse do corpo, por si só, um babado verde.

– Minha intenção era que dançassem – disse Clarissa.

Pois os jovens não sabiam conversar. E por que haveriam? Gritar, abraçar, rodopiar, estar de pé ao amanhecer; levar açúcar aos cavalos; beijar e acariciar os focinhos de lindos chows; e então, vibrando e correndo, mergulhar e nadar. Mas os enormes recursos da língua inglesa, o poder que ela oferece, afinal, de comunicar os sentimentos (naquela idade, ela e Peter teriam discutido a noite toda), não eram para eles. Iriam se cristalizar jovens. Seriam extremamente bondosos com os empregados da propriedade, mas apenas, talvez, um tanto insípidos.

– Que pena! – disse. – Eu esperava que dançassem.

Que gentileza tão extraordinária terem vindo! Mas falar em dançar! As salas estavam lotadas.

Ali estava a velha tia Helena em seu xale. Que pena, tinha de deixá-los – lorde Gauton e Nancy Blow. Ali estava a velha Miss Parry, sua tia.

Pois Miss Helena Parry não tinha morrido: Miss Parry estava viva. Tinha mais de oitenta anos. Subiu devagar as escadas com uma bengala. Foi acomodada numa cadeira (Richard tinha providenciado). As pessoas que tinham conhecido Burma nos anos 70 sempre eram levadas até ela. Onde Peter tinha estado? Eram tão amigos. Pois à menção da Índia, ou mesmo do Ceilão, seus olhos (só um era de vidro) se aprofundavam lentamente, ficavam melancólicos, contemplavam não seres humanos – ela não tinha nenhuma memória terna, nenhuma ilusão orgulhosa sobre vice-reis, generais, motins – eram orquídeas que ela via, e desfileiros nas montanhas, e ela mesma carregada às costas de cules nos anos 60 em picos solitários; ou descendo para apanhar orquídeas (florações deslumbrantes, nunca vistas antes) que pintava em aquarela; uma inglesa indomável, irritando-se se fosse perturbada pela guerra, soltando, por exemplo, uma bomba bem à sua porta, interrompendo sua profunda meditação sobre as orquídeas e sua própria figura percorrendo a Índia nos anos 60 – mas aqui estava Peter.

– Venha conversar com tia Helena sobre Burma – disse Clarissa.

E no entanto ele não tinha trocado uma palavra com ela a noite toda!

– Falaremos mais tarde – disse Clarissa, conduzindo-o até a tia Helena, em seu xale

branco, com sua bengala.

– Peter Walsh – disse Clarissa.

O nome não lhe evocava nada.

Clarissa a convidara. Era cansativo; era barulhento; mas Clarissa a convidara. Então tinha vindo. Era uma pena que morassem em Londres – Richard e Clarissa. Quando menos pela saúde de Clarissa, seria melhor morar no campo. Mas Clarissa sempre gostou de vida social.

– Ele esteve em Burma – disse Clarissa.

Ah! Não pôde resistir a lembrar o que Charles Darwin tinha dito sobre seu livrinho a respeito das orquídeas de Burma.

(Clarissa tinha de ir falar com Lady Bruton.)

Sem dúvida agora estava esquecido, esse seu livro sobre as orquídeas de Burma, mas teve três edições antes de 1870, contou a Peter. Agora se lembrava dele. Tinha estado em Bourton (e a abandonara, lembrou Peter Walsh, sem dizer uma palavra na sala de visitas naquela noite quando Clarissa o chamou para passearem de barco).

– Richard apreciou tanto o almoço – disse Clarissa a Lady Bruton.

– Richard foi da maior ajuda possível – respondeu Lady Bruton. – Ajudou-me a escrever uma carta. E como vai você?

– Oh, muitíssimo bem! – disse Clarissa. (Lady Bruton detestava doenças em esposas de políticos.)

– E aqui está Peter Walsh! – disse Lady Bruton (pois nunca conseguia pensar em nada para dizer a Clarissa; embora gostasse dela. Tinha inúmeras belas qualidades; mas não tinham nada em comum – ela e Clarissa. Teria sido melhor se Richard tivesse se casado com uma mulher menos encantadora, que o ajudaria mais em seu trabalho. Tinha perdido sua chance de ocupar o ministério). – Aqui está Peter Walsh! – disse ela, trocando um aperto de mão com aquele agradável pecador, aquele sujeito muito capaz que devia ter feito nome mas não fez (sempre às voltas com mulheres), e, claro, a velha Miss Parry. Velhinha maravilhosa!

Lady Bruton ficou ao lado da cadeira de Miss Parry, uma granadeira espectral, envolta em negro, convidando Peter Walsh para almoçar; cordial; mas sem pequenas amenidades, sem lembrar coisa alguma da flora ou fauna da Índia. Tinha estado lá, claro; tinha frequentado três vice-reis; considerava alguns dos civis indianos uns sujeitos realmente agradáveis; mas que tragédia andava aquilo – o estado da Índia! O primeiro-ministro tinha acabado de lhe contar (a velha Miss Parry, aninhada em seu xale, pouco se importava com o que o primeiro-ministro tinha acabado de lhe contar), e Lady Bruton queria saber a opinião de Peter Walsh, que acabava de voltar, e providenciaria um encontro entre ele e Sir Sampson, pois realmente aquilo a impedia de dormir à noite, a loucura daquilo, a maldade, diria, sendo filha de um soldado. Agora estava velha, sem muita serventia. Mas sua casa, seus empregados, sua boa amiga Milly Brush – lembrava-se dela? – estavam todos ali à inteira disposição, pedindo para ser usados se – se pudessem ser de alguma ajuda, enfim. Pois ela nunca falava da Inglaterra, mas essa ilha de varões, essa terra tão querida, estava em seu sangue (sem ler Shakespeare), e se algum dia uma mulher tivesse usado o elmo e disparado a flecha, tivesse comandado tropas ao ataque, governado hordas bárbaras com indômita justiça e sob um escudo repousasse sem nariz numa igreja, ou tivesse se convertido numa elevação de grama verde na vertente de alguma primeva colina, essa mulher seria Millicent Bruton. Privada pelo sexo, e por alguma indolência também, da faculdade lógica (achava impossível escrever uma carta ao Times), ela tinha a ideia do Império sempre à mão, e de sua associação com aquela deusa de armadura adquirira o porte muito aprumado, o comportamento resolutivo, de forma que era impossível imaginá-la mesmo na morte separada da terra ou vagueando por territórios onde o estandarte britânico, sob alguma

forma espiritual, tivesse deixado de drapejar. Não ser inglesa mesmo entre os mortos – não, não! Impossível!

Mas aquela era Lady Bruton? (que conhecia). Aquele era Peter Walsh, grisalho? perguntou-se Lady Rosseter (que tinha sido Sally Seton). Aquela era a velha Miss Parry, sem dúvida – a tia velha que costumava ser tão rabugenta quando esteve em Bourton. Nunca esqueceria que passou nua pelo corredor e Miss Parry mandou chamá-la à sua presença! E Clarissa! oh Clarissa! Sally a pegou pelo braço.

Clarissa parou ao lado deles.

– Mas não posso ficar – disse. – Volto depois. Esperem – disse olhando Peter e Sally. Precisam esperar, queria dizer, até todos os outros irem embora.

– Vou voltar – disse olhando seus velhos amigos, Sally e Peter, que estavam trocando um aperto de mãos, e Sally, sem dúvida lembrando o passado, estava rindo.

Mas sua voz estava despojada de sua antiga riqueza estonteante; seus olhos não eram cintilantes como costumavam ser, quando fumava charutos, quando atravessava o corredor para pegar a esponja sem um fiapo de roupa no corpo, e Ellen Atkins perguntou, E se os cavalheiros tivessem encontrado com ela? Mas todo mundo a perdoava. Surripiou um frango da despensa porque sentiu fome à noite; fumava charutos no quarto; deixou um livro inestimável no barco. Mas todo mundo a adorava (exceto talvez papai). Era seu calor; sua vitalidade – pintava, escrevia. As velhas da aldeia até hoje nunca deixavam de perguntar por “sua amiga de capa vermelha que parecia tão cheia de vida”. Ela acusou Hugh Whitbread, ninguém menos que ele (e ali estava ele, seu velho amigo Hugh, conversando com o embaixador português), de beijá-la no salão de fumar como castigo por dizer que as mulheres deviam ter direito de voto. Coisa de homem vulgar, disse ela. E Clarissa lembrava que tentara persuadi-la a não o denunciar na hora das rezas em família – o que ela era capaz de fazer com sua ousadia, seu estouvamento, seu gosto melodramático de ser o centro de tudo e de criar cenas, fadado, Clarissa costumava pensar, a terminar em alguma tragédia horrível; em sua morte; seu martírio; e pelo contrário tinha se casado, de modo muito inesperado, com um sujeito careca com um grande ramallete na lapela que era dono, diziam, de fábricas de tecidos de algodão em Manchester. E tinha cinco meninos!

Ela e Peter tinham se sentado juntos. Estavam conversando: parecia tão familiar – que estivessem conversando. Decerto falavam do passado. Com eles dois (ainda mais do que com Richard) ela partilhava o passado; o jardim; as árvores; o velho Joseph Breitkopf cantando Brahms sem nenhuma voz; o papel de parede da sala de visitas; o cheiro dos capachos. Parte disso, Sally sempre seria; Peter sempre seria. Mas precisava deixá-los. Ali estavam os Bradshaw, dos quais não gostava.

Devia ir até Lady Bradshaw (de cinza e prateado, balançando como um leão marinho na beirada do tanque, alardeando convites, duquesas, a típica esposa do homem bem-sucedido), devia ir até Lady Bradshaw e dizer...

Mas Lady Bradshaw se antecipou a ela.

– Estamos medonhamente atrasados, cara Mrs. Dalloway; mal nos atrevíamos a vir – disse.

E Sir William, com uma aparência muito distinta, o cabelo grisalho e olhos azuis, concordou; não tinham conseguido resistir à tentação. Estava conversando com Richard provavelmente sobre aquele projeto de lei, que queriam que passasse pela Câmara. Por que a visão dele, conversando com Richard, lhe causava uma críspação? Aparentava o que era, um grande médico. Um homem na absoluta vanguarda de sua profissão, muito poderoso, bastante cansado. Pois imaginem-se os casos que lhe apareciam – pessoas nos mais profundos abismos da desgraça; pessoas à beira da insânia; maridos e mulheres. Tinha de decidir questões pavorosamente difíceis. E no entanto – o que ela sentia era que a pessoa não gostaria que Sir William visse sua infelicidade. Não; não aquele

homem.

– Como vai seu filho em Eton? – perguntou a Lady Bradshaw.

Tinha acabado de perder seu lugar na equipe, disse Lady Bradshaw, por causa da caxumba. O pai ficou ainda mais aborrecido do que ele, achava ela, “pois”, disse, “não passava de um menino crescendo”.

Clarissa olhou Sir William, conversando com Richard. Não parecia um menino – de maneira nenhuma um menino.

Uma vez ela tinha ido com alguém numa consulta a ele. Tinha sido plenamente correto; extremamente sensato. Mas céus – que alívio sair de novo à rua! Havia um pobre coitado soluçando, ela lembrava, na sala de espera. Mas não sabia o que havia nele; o que exatamente lhe desagradava. Richard concordava com ela, “não gostava do cheiro dele, não gostava do jeito dele”. Mas era excepcionalmente capaz. Estavam conversando sobre aquele projeto de lei. Era algum caso que Sir William estava mencionando, abaixando a voz. Tinha relação com o que estava falando sobre os efeitos retardados da neurose de guerra. Devia haver alguma cláusula no projeto.

Diminuindo a voz, puxando Mrs. Dalloway para o abrigo de uma feminilidade comum, um orgulho comum pelas ilustres qualidades dos maridos e a triste tendência de trabalharem demais, Lady Bradshaw (pobre pateta – não se desgostava dela) murmurava que, “bem no instante em que estávamos saindo, telefonaram para meu marido, um caso muito triste. Um rapaz (é isso que Sir William está contando a Mr. Dalloway) tinha se matado. Esteve no exército”. Oh!, pensou Clarissa, no meio de minha festa aparece a morte, pensou ela.

Seguiu adiante e entrou na saleta onde o primeiro-ministro esteve com Lady Bruton. Talvez houvesse alguém ali. Mas não havia ninguém. As cadeiras ainda mantinham as marcas do primeiro-ministro e de Lady Bruton, ela virada para ele com deferência, ele sentado de frente, com autoridade. Estiveram conversando sobre a Índia. Não havia ninguém. O esplendor da festa caiu por terra, tão estranho era entrar sozinha ali com sua elegância.

Por que os Bradshaw tinham de falar de morte em sua festa? Um rapaz tinha se matado. E falavam disso em sua festa – os Bradshaw falavam de morte. Ele tinha se matado – mas como? Sempre o sentia no corpo, quando lhe falavam inesperadamente de um acidente; o vestido ardia, o corpo queimava. Tinha se atirado de uma janela. O chão se elevara num lampejo; destroçando, contundindo, atravessaram-no os varões enferrujados. Lá jazia ele com um tum, tum, tum, no cérebro, e então um negrume sufocante. Assim via ela. Mas por que ele tinha feito aquilo? E os Bradshaw comentavam o fato em sua festa!

Uma vez ela tinha atirado uma moeda no Serpentine, nunca nada além disso. Mas ele tinha se lançado com tudo. Continuavam a viver (teria de voltar; as salas ainda estavam cheias; as pessoas continuavam a chegar). Eles (o dia todo esteve pensando em Bourton, em Peter, em Sally), eles envelheciam. Havia uma coisa que importava; uma coisa, envolta em conversas, desfigurada, obscurecida em sua própria vida, que ficava a pingar diariamente na corrupção, nas mentiras, na conversa. Isso ele tinha preservado. Morte era desafio. A morte era uma tentativa de comunicar, a pessoa sentindo a impossibilidade de alcançar o centro que, misticamente, lhe escapava; a proximidade se desfazia; o arrebatamento se desvanecia; estava-se só. Havia um aconchego na morte.

Mas esse rapaz que tinha se matado – mergulhara abraçando seu tesouro? “se fosse para morrer agora, seria agora o momento mais feliz”, dissera a si mesma uma vez, descendo, de branco.

Ou havia os poetas e pensadores. Suponha-se que ele tivesse essa paixão, e tivesse ido a Sir William Bradshaw, um grande médico, mas para ela obscuramente maligno, sem sexo ou desejo, extremamente polido com as mulheres, mas capaz de alguma

indescritível violência – forçar a alma, era isso – se esse jovem tivesse ido a ele, e Sir William o tivesse impressionado, daquela maneira, com seu poder, então não poderia ter dito (ela realmente o sentia agora), A vida se fez intolerável; eles fazem a vida intolerável, homens assim?

E (ela tinha sentido isso apenas esta manhã) havia o terror; a incapacidade esmagadora, tendo nossos pais posto em nossas mãos, esta vida, para ser vivida até o fim, para ser percorrida serenamente; havia nas profundezas de seu coração um medo terrível. Mesmo agora, muitas vezes se Richard não estivesse ali lendo o Times, de maneira que ela podia se encolher como um pássaro e reviver gradualmente, bramir ao alto aquele indescritível prazer, esfregando um pauzinho no outro, uma coisa na outra, teria perecido. Tinha escapado. Mas aquele rapaz tinha se matado.

De alguma maneira era sua catástrofe – sua desgraça. Era seu castigo ver se afundar e desaparecer aqui um homem, ali uma mulher, nessa escuridão profunda, e ela obrigada a ficar aqui com seu vestido de noite. Tinha conspirado; tinha trapaceado. Nunca foi totalmente admirável. Desejava o sucesso, Lady Bexborough e todo o resto. E uma vez tinha andado no terraço em Bourton.

Estranho, incrível; nunca fora tão feliz. Nada seria lento o suficiente; nada duraria demais. Nenhum prazer podia se igualar, pensou, endireitando as cadeiras, alinhando um livro na prateleira, a esse fim dos triunfos da juventude, a essa entrega ao processo de viver, para descobri-lo, com um choque de prazer, ao nascer o sol, ao findar o dia. Muitas vezes em Bourton, quando todos estavam conversando, tinha ido olhar o céu; vira-o entre os ombros das pessoas ao jantar; vira-o em Londres quando não conseguia dormir. Foi até a janela.

Ele tinha, por tola que fosse a ideia, algo dela em si, esse céu do campo, esse céu de Westminster. Abriu as cortinas; olhou. Oh, mas que surpresa! – na sala em frente a velha dama olhava diretamente para ela! Estava indo para a cama. E o céu. Será um céu solene, tinha pensado, será um céu escuro, virando a face belamente. Mas ali estava – cinza-pálido, rapidamente percorrido por vastas nuvens esgarçadas. Era novo para ela. O vento devia estar soprando. Estava indo para a cama, na sala em frente. Era fascinante observá-la, movendo-se por ali, aquela dama idosa, atravessando a sala, vindo à janela. Conseguia vê-la? Era fascinante, com as pessoas ainda rindo e exclamando na sala de visitas, observar aquela mulher idosa, totalmente silenciosa, indo para a cama sozinha. Agora fechava a veneziana. O relógio começou a bater. O rapaz tinha se matado; mas não tinha pena dele; com o relógio batendo as horas, uma, duas, três, não tinha pena dele, com tudo isso em andamento. Pronto! A velha dama tinha apagado a luz! a casa toda estava agora às escuras com isso em andamento, repetiu, e lhe voltaram as palavras, Não temas mais o calor do sol. Precisava voltar a eles. Mas que noite extraordinária! Sentiu-se de certa forma muito parecida com ele – com o rapaz que tinha se matado. Sentiu-se alegre que tivesse feito aquilo; se lançado com tudo enquanto eles continuavam a viver. O relógio estava batendo. Os círculos de chumbo se dissolveram no ar. Mas precisava voltar. Precisava reunir. Precisava encontrar Sally e Peter. E entrou vinda da saleta.

– Mas onde está Clarissa? – disse Peter. Estava sentado no sofá com Sally. (Depois de todos esses anos realmente não conseguia chamá-la de “Lady Rosseter”.) – Onde a mulher se meteu? – perguntou. – Onde está Clarissa?

Sally supunha, e nisso Peter concordava, que havia pessoas importantes, políticos, que nenhum dos dois conhecia a não ser pelas fotos dos jornais, com os quais Clarissa tinha de ser gentil, tinha de conversar. Estava com eles. Porém Richard Dalloway não estava no ministério. Não tinha sido um sucesso, pois não? supunha Sally. De sua parte, raramente lia jornais. Às vezes via alguma menção ao nome dele. Mas então – bem, ela

levava uma vida muito solitária, nos fundões, diria Clarissa, entre grandes comerciantes, grandes fabricantes, homens, afinal, que faziam coisas. Ela também tinha feito coisas!

– Tenho cinco filhos! – disse-lhe.

Oh Senhor dos céus, como ela tinha mudado! a doçura da maternidade; o egoísmo também. A última vez que se encontraram, lembrava Peter, tinha sido entre as couves-flores ao luar, as folhas “como áspero bronze” dissera ela, com seu floreio literário; e tinha colhido uma rosa. Andara para cima e para baixo com ele naquela noite horrível, depois da cena junto à fonte; ele ia pegar o trem da meia-noite. Céus, tinha chorado!

Era aquela velha mania dele, abrindo um canivete, pensou Sally, sempre abrindo e fechando um canivete quando se agitava. Tinham sido muito íntimos, muito, ela e Peter Walsh, quando estava apaixonado por Clarissa, e houve aquela cena pavorosa, ridícula por causa de Richard Dalloway no almoço. Ela tinha chamado Richard de “Wickham”. Por que não chamar Richard de “Wickham”? Clarissa tinha se enfurecido! e de fato nunca mais tinham voltado a se ver desde então, ela e Clarissa, não mais que meia dúzia de vezes talvez nos últimos dez anos. E Peter Walsh tinha ido para a Índia, e ela ouvira falar vagamente que tinha feito um casamento infeliz, e não sabia se tinha algum filho, e não podia lhe perguntar, pois ele tinha mudado muito. Parecia bastante enrugado, mas mais bondoso, sentiu ela, e tinha um verdadeiro afeto por ele, pois estava ligado à sua juventude, e ela ainda tinha um pequeno volume de Emily Brontë que ele lhe dera, e queria escrever, certo? Naqueles dias ele queria escrever.

– Você tem escrito? – perguntou-lhe, apoiando a mão, sua mão firme e bem moldada, sobre o joelho de uma maneira que ele lembrava.

– Nem uma palavra! – disse Peter Walsh, e ela riu.

Ainda era atraente, ainda uma figura, Sally Seton. Mas quem era esse Rosseter? Usou duas camélias no dia do casamento – era só isso que Peter sabia dele. “Eles têm uma infinidade de empregados, quilômetros de estufas”, escreveu Clarissa; algo assim. Sally admitiu com uma gargalhada.

– É, tenho dez mil por ano – se antes ou depois de descontar os impostos, não lembrava, pois o marido, “que você precisa conhecer”, disse ela, “vai gostar dele”, disse ela, cuidava de tudo.

E era Sally que andava esfarrapada. Tinha empenhado o anel do bisavô que Maria Antonieta lhe dera – tinha entendido bem? – para ir até Bourton.

Ah sim, Sally lembrava; ainda o tinha, um anel de rubi que Maria Antonieta tinha dado a seu bisavô. Naqueles tempos não tinha um único tostão de seu, e ir a Bourton sempre significava um tremendo apuro. Mas ir a Bourton tinha significado muito para ela – tinha mantido sua sanidade, acreditava ela, tão infeliz era em casa. Mas aquilo era coisa do passado – já tinha acabado, disse. E Mr. Parry tinha morrido; e Miss Parry ainda estava viva. Nunca teve um choque tão grande na vida!, disse Peter. Tinha certeza de que ela tinha morrido. E o casamento, supunha Sally, tinha dado certo? E aquela moça muito bonita, muito composta, era Elizabeth, logo ali, junto às cortinas, de cor-de-rosa.

(Era como um álamo, era como um rio, era como um jacinto, estava pensando Willie Titcomb. Oh, como seria muito melhor estar no campo e fazer o que tivesse vontade! Podia ouvir seu pobre cachorro ganindo, tinha certeza.) Não se parecia em nada com Clarissa, disse Peter Walsh.

– Oh, Clarissa! – disse Sally.

O que Sally sentia era simplesmente isso. Devia muitíssimo a Clarissa. Tinham sido amigas, não apenas conhecidas, amigas, e ainda via Clarissa toda de branco andando pela casa com as mãos cheias de flores – até hoje os pés de fumo lhe lembravam Bourton. Mas – Peter entendia? – faltava-lhe alguma coisa. Faltava o quê? Tinha encanto; tinha extraordinário encanto. Mas para ser sincera (e ela sentia que Peter era

um velho amigo, um verdadeiro amigo – importava a ausência? importava a distância? Muitas vezes quis lhe escrever, mas rasgou as cartas, mas mesmo assim sentia que ele entendia, pois as pessoas entendem sem que se digam as coisas, como percebemos ao envelhecer, e estava velha, tinha ido naquela tarde ver os filhos em Eton, onde estavam com caxumba), para ser plenamente sincera, então, como Clarissa tinha feito aquilo? – se casado com Richard Dalloway? um esportista que só gostava de cachorros. Literalmente, quando entrava na sala cheirava a estábulo. E agora tudo isso? Acenou com a mão.

Era Hugh Whitbread, passando com seu colete branco, obtuso, gordo, cego a tudo que via, exceto o amor-próprio e o conforto.

– Não vai nos reconhecer – disse Sally, e realmente não tinha coragem – então aquele era Hugh! o admirável Hugh!

– E o que ele faz? – perguntou a Peter.

Engraxava as botas do rei ou contava garrafas em Windsor, disse-lhe Peter. Peter ainda tinha sua língua afiada! Mas Sally devia ser franca, disse Peter. Aquele beijo, o de Hugh.

Na boca, garantiu ela, uma noite no salão de fumar. Ela foi direto até Clarissa num acesso de fúria. Hugh não fazia coisas assim! disse Clarissa, o admirável Hugh! As meias de Hugh eram invariavelmente as mais bonitas que ela tinha visto – e agora seu fraque. Perfeito. E tinha filhos?

– Todo mundo aqui na sala tem seis filhos em Eton – disse-lhe Peter, exceto ele mesmo. Graças a Deus, não tinha nenhum. Nem filhos, nem filhas, nem esposa. Bem, parecia não se importar, disse Sally. Parecia mais jovem, pensou ela, do que todos eles.

Mas tinha sido uma tolice, em muitos aspectos, disse Peter, se casar assim; “uma perfeita pateta, ela”, disse, mas, disse, “tivemos uma época esplêndida”, mas como podia ser uma coisa dessas? indagava-se Sally; o que ele queria dizer? e que estranho era conhecê-lo e mesmo assim não saber absolutamente nada do que lhe tinha acontecido. E disse aquilo por orgulho? Muito provavelmente, pois afinal devia ter sido desgastante para ele (embora fosse um excêntrico, uma espécie de duende, de maneira nenhuma um homem comum), devia ser solitário na idade dele não ter lar, não ter nenhum lugar aonde ir. Mas devia vir passar umas boas semanas com eles. Claro que iria; adoraria ficar com eles, e foi assim que a coisa aflorou. Nesses anos todos os Dalloway nunca estiveram lá uma única vez. Tinham convidado várias vezes. Clarissa (pois era Clarissa, claro) não foi. Pois, disse Sally, Clarissa no fundo era uma esnobe – era preciso admitir, uma esnobe. E era isso que estava entre elas, tinha certeza. Clarissa achava que ela tinha se casado com alguém de nível inferior, pois seu marido era – ela se orgulhava disso – filho de um mineiro. Ganhara cada centavo que tinham. Quando pequeno (a voz dela tremeu) carregava sacos enormes.

(E assim ela podia continuar, sentiu Peter, horas a fio; o filho de mineiro; as pessoas achavam que ela tinha se casado com alguém de nível inferior; seus cinco filhos; e aquela outra coisa – plantas, hortênsias, lilases, hibiscos raríssimos que nunca davam acima do Canal de Suez, mas ela, com um único jardineiro num subúrbio perto de Manchester, tinha canteiros, canteiros inteiros deles! A tudo isso se esquivara Clarissa, pouco maternal como era.)

Era esnobe, ela? Sim, sob muitos aspectos. Onde estava ela, esse tempo inteiro? Estava ficando tarde.

– Sim – disse Sally – quando eu soube que Clarissa estava dando uma festa, senti que não podia não vir – precisava revê-la (e estou na Victoria Street, praticamente aqui ao lado). Então simplesmente apareci sem convite. Mas – sussurrou – me diga, quem é esta?

Era Mrs. Hilbery, indo para a porta. Pois como estava ficando tarde! E, murmurou

ela, conforme a noite avançava, conforme as pessoas iam embora, encontravam-se velhos amigos; recessos e recantos calmos; e as vistas mais encantadoras. Sabiam, perguntou ela, que estavam cercados por um jardim encantado? Luzes e árvores e lagos cintilantes maravilhosos e o céu. Apenas algumas luzes decorativas, tinha dito Clarissa Dalloway, no jardim dos fundos! Mas era uma fada! Era um parque... E não sabia como se chamavam, mas sabia que eram amigos, amigos sem nome, canções sem letra, sempre os melhores. Mas eram tantas portas, lugares tão inesperados, não conseguia encontrar a saída.

– A velha Mrs. Hilbery – disse Peter; mas quem era aquela? aquela dama junto à cortina a noite inteira, sem falar? Ele reconheceu o rosto; ligou a Bourton. Decerto era aquela que cortava roupas de baixo na mesa grande à janela? Davidson, era assim que se chamava?

– Oh, aquela é Ellie Henderson – disse Sally. Clarissa era realmente muito dura com ela. Era uma prima, muito pobre. Clarissa era dura com as pessoas.

Bastante, disse Peter. Mas, disse Sally com seu jeito emotivo, com um ímpeto daquele entusiasmo que Peter costumava apreciar nela, porém agora temia um pouco, pois podia se tornar efusiva – como Clarissa era generosa com os amigos! e que qualidade rara de se encontrar, e como às vezes à noite ou no dia de Natal, quando recapitulava as bênçãos de sua vida, colocava aquela amizade em primeiro lugar. Eram jovens; era isso. Clarissa era pura de coração; era isso. Peter a acharia sentimental. Que fosse. Pois tinha vindo a sentir que esta era a única coisa que valia a pena – sentir. Inteligência era bobagem. Devia-se simplesmente dizer o que se sentia.

– Mas não sei – disse Peter Walsh – o que sinto.

Pobre Peter, pensou Sally. Por que Clarissa não vinha conversar com eles? Era isso o que ele tanto ansiava. Ela sabia. O tempo todo ele estava pensando apenas em Clarissa, e ficava brincando com o canivete.

A vida não lhe parecera simples, disse Peter. Suas relações com Clarissa não tinham sido simples. Tinha estragado sua vida, disse ele. (Tinham sido tão íntimos – ele e Sally Seton, era absurdo não dizer.) A pessoa não se apaixona uma segunda vez, disse ele. E o que ela podia dizer? Ainda assim, melhor ter amado (mas ele a acharia sentimental – costumava ser tão mordaz). Devia vir e ficar com eles em Manchester. Verdade, disse ele. Verdade. Adoraria vir e ficar com eles, logo que acabasse de fazer o que tinha a fazer em Londres.

E Clarissa tinha gostado dele mais do que jamais gostou de Richard, Sally não tinha nenhuma dúvida quanto a isso.

– Não, não, não! – disse Peter (Sally não devia ter dito aquilo – foi longe demais). Aquele bom sujeito – lá estava ele na ponta do salão, expondo, o mesmo de sempre, caro velho Richard. Com quem ele estava falando? perguntou Sally, aquele homem de ar muito distinto? Morando nos fundos como morava, tinha uma curiosidade insaciável em saber quem eram as pessoas. Mas Peter não sabia. Não gostava do ar dele, disse, provavelmente algum ministro. De todos eles, Richard lhe parecia o melhor, disse Peter – o mais desinteressado.

– Mas o que ele faz? – perguntou Sally. Serviço público, imaginava ela. E eram felizes? perguntou Sally (ela mesma era extremamente feliz); pois, admitia, não sabia nada a respeito deles, apenas saltava direto para as conclusões, como se costuma fazer, pois o que podemos saber mesmo sobre as pessoas com as quais convivemos diariamente? perguntou ela. Não somos todos prisioneiros? Tinha lido uma peça maravilhosa sobre um homem que arranhava a parede de sua cela, e sentira que assim era a vida – arranhava-se a parede. Exasperando-se com as relações humanas (as pessoas eram tão difíceis), muitas vezes ia até o jardim e extraía de suas flores uma paz que homens e mulheres nunca lhe davam. Mas não; ele não gostava de couves; preferia

os seres humanos, disse Peter. De fato os jovens são lindos, disse Sally, observando Elizabeth no outro lado da sala. Como era diferente de Clarissa quando tinha sua idade! Ele sabia alguma coisa sobre ela? Ela não abria a boca. Não muito, ainda não, admitiu Peter. Parecia um lírio, disse Sally, um lírio à beira de um lago. Mas Peter não concordava que não sabemos nada. Sabemos tudo, disse; ele, pelo menos, sabia.

Mas esses dois, sussurrou Sally, esses dois vindo agora (e realmente precisava ir, se Clarissa não aparecesse logo), esse homem de aparência distinta e a esposa de aparência bastante comum que estavam antes conversando com Richard – o que se podia saber de gente assim?

– Que são uns impostores abomináveis – disse Peter, olhando-os com displicência. Sally riu.

Mas Sir William Bradshaw parou à porta para olhar um quadro. Procurou no canto o nome do gravurista. Sua mulher olhou também. Sir William Bradshaw se interessava tanto por arte.

Quando jovem, disse Peter, a pessoa se sentia empolgada demais para conhecer os outros. Agora sendo velho, cinquenta e dois anos para ser exato (Sally tinha cinquenta e cinco, no corpo, disse ela, mas seu coração era de uma moça de vinte); agora que a pessoa era madura, disse Peter, podia observar, podia entender e não se perdia a capacidade de sentir, disse ele. É, é verdade, disse Sally. Ela sentia mais profundamente, mais apaixonadamente, a cada ano que passava. Isso aumentava, disse ele, uma pena, talvez, mas a gente devia ficar contente com isso – continuava a aumentar a experiência. Havia alguém na Índia. Queria contar a Sally sobre ela. Queria que Sally a conhecesse. Era casada, disse. Tinha dois filhos pequenos. Deviam ir todos a Manchester, disse Sally – precisava lhe prometer antes de irem embora.

– Veja Elizabeth – disse ele – ela não sente metade do que sentimos, ainda não.

– Mas – disse Sally, observando Elizabeth indo até o pai – pode-se ver que são muito devotados um ao outro. – Sentia pela maneira como Elizabeth foi até o pai.

Pois seu pai estivera a olhá-la, enquanto estava conversando com os Bradshaw, e pensara consigo mesmo quem é aquela moça encantadora? E de repente percebeu que era sua Elizabeth, e que não a reconhecera, parecia tão encantadora em seu vestido cor-de-rosa! Elizabeth tinha sentido o olhar dele enquanto conversava com Willie Titcomb. Então foi até ele e ficaram ali juntos, agora que a festa tinha quase terminado, olhando as pessoas indo embora, e as salas se esvaziando cada vez mais, com coisas espalhadas pelo chão. Até Ellie Henderson estava indo embora, praticamente a última a sair, embora ninguém tivesse falado com ela, mas quis ver tudo, para contar a Edith. E Richard e Elizabeth estavam bem contentes que tivesse terminado, mas Richard estava orgulhoso da filha. E não tinha intenção de lhe dizer, mas não pôde deixar de lhe dizer. Estivera a olhá-la, disse, e tinha se perguntado, quem é aquela moça encantadora? e era sua filha! Ela ficou feliz com isso. Mas o pobre cachorro estava ganindo.

– Richard melhorou. Você tem razão – disse Sally. – Vou lá falar com ele. Vou me despedir. O que importa o cérebro – disse Lady Rosseter levantando-se – comparado ao coração?

– Estou indo – disse Peter, mas continuou sentado por um instante. O que é este terror? O que é este êxtase? pensou consigo mesmo. O que é isso que me enche de uma emoção extraordinária?

É Clarissa, disse ele.

Pois ali estava ela.

VIRGINIA WOOLF

(1882-1941)

ADELINE VIRGINIA STEPHEN nasceu em 25 de janeiro de 1882, em Londres. Filha de Sir Leslie Stephen, historiador, crítico e editor, e de sua segunda esposa, Julia Prinsep Stephen, notável pela renomada beleza, teve contato com o mundo literário desde cedo. Aos vinte anos já era uma crítica literária experiente e em 1905 passou a escrever regularmente para o *The Times Literary Supplement*. Foi nas reuniões do célebre grupo de Bloomsbury – como veio a ser chamado o círculo de vanguarda intelectual que reunia escritores e artistas, desde 1904, em Londres –, que conheceu seu futuro marido, o crítico e escritor Leonard Woolf. Com ele fundou a Hogarth Press, em 1917, responsável pela publicação de autores como T. S. Eliot, Katherine Mansfield, Máximo Gorki, além da obra completa de Sigmund Freud. Seus primeiros trabalhos incluem os romances *A viagem* (1915), *Noite e dia* (1919), *O quarto de Jacob* (1922), *Mrs. Dalloway* (1925) – livro que inovou ao apresentar uma trama não linear que se desenvolve dentro e fora da mente das personagens –, *Passeio ao farol* (1927) e *Orlando* (1928). As duas primeiras obras de ficção prepararam o terreno para *O quarto de Jacob* e para os outros que vieram depois: nestes é que a escritora reinventou a narrativa ficcional moderna, obtendo sucesso de público e reconhecimento da crítica. No início da década de 30, publicou o romance *As ondas* (1931), sua experiência literária mais radical. Este experimentalismo extenuou a autora, que encontrou divertimento relaxante na escrita de *Flush* (1933; L&PM, 2003), livro contado a partir do ponto de vista de um cão. Neste período, Virginia já apresentava um histórico de saúde mental frágil, que culminaria no seu suicídio em 1941, que foi precedido por uma série de colapsos nervosos: primeiro, com a morte da mãe, em 1895; depois, com o falecimento do pai, em 1904; e novamente logo após o seu casamento com Leonard.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: Mrs. Dalloway

Tradução: Denise Bottmann

Capa: L&PM Editores sobre ilustração de Birgit Amadori

Preparação: Patrícia Yurgel

Revisão: Lia Cremonese

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

W862m

Woolf, Virginia, 1882-1941

Mrs. Dalloway / Virginia Woolf; tradução de Denise Bottmann. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

(Coleção L&PM POCKET)

Tradução de: Mrs. Dalloway

ISBN 978.85.254.2842-4

1. Romance inglês. I. Bottmann, Denise. III. Título. IV. Série.

12-3511. CDD: 823

CDU: 821.111-3

© da tradução, L&PM Editores, 2012

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[Uma introdução a Mrs. Dalloway](#)

[Mrs. Dalloway](#)

[Virginia Woolf](#)